

SANDRO ALVES CORRÊA

Percepção Ambiental nos Históricos de Mudança de Paisagem no  
Entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas – Caldas Novas – Goiás.

Tese apresentada ao Programa de Doutorado em  
Ciências Ambientais da Universidade Federal de Goiás  
para obtenção do título de Doutor em Ciências  
Ambientais.

Orientadora – Profa. Dra. Sandra de Fátima Oliveira

Goiânia, 2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

SANDRO ALVES CORRÊA

Percepção Ambiental nos Históricos de Mudança de Paisagem no  
Entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas – Caldas Novas – Goiás.

Tese defendida no programa de Doutorado em Ciências Ambientais da  
Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Doutor aprovada  
pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

*Dedico este trabalho a minha  
família e aos meus amigos pelos  
quais a vida faz sentido.*

## AGRADECIMENTOS

Pelo apoio ou pela participação, direta ou indireta, na realização deste trabalho agradeço:

Em primeiro lugar aos atores que compuseram o universo desta pesquisa, que apesar de suas atividades cotidianas dispuseram de tempo e atenção ao conceder-me as entrevistas.

Ao Programa de Doutorado em Ciências Ambientais, e sua coordenação, pelo apoio na realização deste trabalho e a todos os professores com os quais tive a oportunidade de conviver e aprender, em especial aos professores que através de suas disciplinas contribuíram de maneira significativa na realização deste trabalho: Profa. Agustina, Prof. Fausto e Prof. Heck, que, vale considerar, ministraram as três disciplinas no programa que trataram assuntos relativos ao tema deste estudo.

A CAPES pela concessão da bolsa que muito ajudou na realização do trabalho.

À minha orientadora, Sandra de Fátima Oliveira, pelo apoio tanto na realização do trabalho como fora dele com amizade e companheirismo e auxílio desde minha chegada a Goiânia.

À professora Andréia Marin, pelo imprescindível apoio durante todo o processo e por ter aberto as portas a uma nova área de conhecimento.

Ao professor Laerte pela dedicação ao programa e pela ética e sensatez na resolução dos problemas.

A Ana Lucia G. Borges pela paciência e apoio tanto no trabalho quanto fora dele.

Aos meus amigos Laura, Marcão, e meu sobrinho Bruno pelo companheirismo e ombro amigo em todos os momentos.

A todos os meus amigos e companheiros de doutorado. Carlão, Fábio, Christian, Claudinha, Ana Claudia, Aldo e tantos outros que participaram dessa fase.

*Mas aqui neste cerrado,  
Incrustado entre rios e serra,  
Entre buritis e bacurís,  
Entre matas e cerrado,  
Aqui onde o Pirapitinga  
Encontra o Corumbá,  
Deus fez um Brasil especial.  
Deus criou um cantinho do céu  
Que nós chamamos de Goiás,  
Que nós chamamos de Caldas Novas.*

*(Pise Firme: Chão Goiano – Quatro atos sobre a nossa goianidade)*

*(J. R. Woody, Jr. – morador de Caldas Novas)*

## RESUMO

O presente estudo trata percepção ambiental dos moradores do entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas (PESCAN), Caldas Novas/Goiás. A percepção é discutida como um processo complexo que inclui a relação do ser humano com o lugar habitado, sua histórica de vida, os laços topofílicos nela construída e aspectos do imaginário. Sob esse fundamento, discute-se ainda a apropriação do espaço e as mudanças dela advindas, incluindo os impactos sobre a qualidade ambiental e de vida. As fundamentações teóricas, para tanto, tem como base principal a fenomenologia, passando ainda por reflexões da geografia humanística e da teoria crítica, além de considerações de autores do campo da ecologia e da educação ambiental. O estudo conta com reconstituição histórica do lugar, a partir de análise documental, seguida de um trabalho empírico, junto a representantes da comunidade de entorno do PESCAN, incluindo moradores da área rural e urbana. Os instrumentos utilizados nessa segunda etapa incluem a observação participante, os depoimentos pessoais e registros fotográficos e descritivos em diário de campo. A análise dos dados revela: uma forma de apropriação baseada no princípio do crescimento econômico; um conflito nos discursos recorrentes entre a preservação dos modos de viver e da qualidade ambiental e os benefícios do desenvolvimento turístico e agropecuário; uma importante ligação da comunidade com o lugar; diferenças de interesse e relação com o lugar de moradores e visitantes, reforçando os impactos da atividade turística; por fim, uma problematização a respeito do modelo de gestão da unidade de conservação. As reflexões são finalizadas com considerações sobre a necessidade de ações educativas e de planejamento participativo do desenvolvimento local.

Palavras chave: mudança de paisagem, modernização, histórico de ocupação, turismo, modos de viver, relação espaço-trabalho.

## ABSTRACT

This is a study of the environmental perception of those who live in the surroundings of the Serra de Caldas State Park (PESCAN), Caldas Novas, Goiás. This perception is discussed as a complex process which includes people's relationships with the place they inhabit, their life story, the toponymic links constructed therein and aspects of the imaginary. Against this background, the appropriation of space is discussed as well as the changes which this brings about, including the impact on environmental quality and life. To do so, the principal basis for the theoretical background is Phenomenology. Reflections on humanistic geography and critical theory, as well as considerations from authors in the fields of ecology and environmental education are also used. The study also availed of a historical reconstitution of the place by means of documental analysis. This was followed by an empirical study carried out with rural and urban representatives of the community, living around the PESCAN. In this second phase the tools used included participative observation, personal witness and photographic and descriptive records from the field diary. An analysis of the data showed: a form of appropriation based on the principle of economic growth; a conflict in the recurring discourses between the preservation of ways of life and environmental quality and tourist development and agriculture and stock raising; a strong community link with the place; differences of interest and relation of residents and visitors with regard to the place, reinforcing the impact of tourist activity; and finally, a problematization involving the managerial model of the conservation unit. The study concluded with some considerations on the need for educational and participative planning action for local development.

Key words: landscape change, modernization, history of occupation, tourism, ways of life, space-work relationship.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Propriedade do Sr. S. F.....	18
Figura 02	Município de Rio Quente – GO.....	18
Figura 03	Mapa de localização do Parque Estadual da Serra de Caldas Novas. Fonte: - GO. IBGE, Imagem CBERS 2. Datum: SADUM 69 UTM.....	23
Figura 04	Esquema representativo das inter-relações da percepção com os elementos estudados.....	67
Figura 05	Relação da percepção com os elementos considerados na análise.....	68
Figura 06	Quadro de Félix Taunay retratando o descobrimento das águas quentes do Pirapitinga (Lagoa Quente).....	73
Figura 07	Monumento construído na Lagoa Quente retratando sua descoberta.....	73
Figura 08	Primeira casa construída em Caldas Novas de Martin Coelho. Atualmente ponto turístico do SESC.....	73
Figura 09	Ponte sobre o rio Corumbá inaugurada em 31 de janeiro de 1920 – (fonte webcaldas.com.br).....	75
Figura 10	Balneário municipal de Caldas Novas construído em 1950. (fonte: Albuquerque, 1996).....	76
Figura 11	Balneário municipal construído em 1950 em reforma.....	76
Figura 12	Primeira página do jornal “O KRÓ” de 27 de novembro de 1938 anunciando a construção do balneário municipal (fonte: Albuquerque, 1996).....	77
Figura 13	Pousada do Rio Quente e Esplanada vista do mirante da Serra de Caldas.....	78
Figura 14 e 15	À direita igreja da Junquerlândia construída pela comunidade à esquerda cruz que substituiu a relatada pelo depoente JBJ.....	141

Figura 16	Antiga cadeia pública de Caldas Novas.....	156
Figura 17	Imagem de satélite do município de Caldas Novas – Goiás. (fonte: Google Earth).....	157
Figuras 18 e 19	Condomínios de chalés no entorno de Caldas Novas.....	158
Figuras 20 e 21	À esquerda visão geral do condomínio com área de cerrado ao fundo, à direita chalé com área de cerrado a menos de 4 metros da construção.....	158
Figura 22	Área de loteamento a caminho da Lagoa Quente.....	159
Figura 23	Local de realização de shows na cidade de Caldas Novas (Caldas Park Show).....	165
Figura 24	Anfiteatro no PESCAN.....	171
Figura 25	Área para estudo e reuniões no PESCAN.....	171
Figuras 26 e 27	Museu de animais taxidermizados no PESCAN.....	171
Figura 28	Recentes construções imobiliárias na Esplanada – Pousada do Rio Quente.....	173
Figura 29	Área de lazer de um hotel com o Rio Quente ao fundo.....	173
Figura 30	Rio Quente (à direita área de lazer de um hotel).....	174
Figura 31	Construção da piscina de ondas na Pousada do Rio Quente.....	175
Figura 32	Pedreira em funcionamento instalada próxima ao PESCAN.....	175
Figura 33	Santuário de Santa Salete ao pé da Serra de Caldas.....	176
Figura 34	Conjunto de casas populares nos limites da Serra de Caldas.....	176
Figura 35	Relação da Educação Ambiental com a realidade estudada.....	180

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Principais eventos que constituíram a história de Caldas Novas e região.....	81
Quadro 02 – Caracterização geral dos eixos temáticos e das categorias encontradas.....	86

## SUMÁRIO

Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
Lista de Figuras.....	viii
Lista de Quadros.....	x
Introdução.....	16
Delineamento do estudo: fundamentos e procedimentos.....	18
Objetivo Geral.....	20
Objetivos específicos.....	20
Quadro de referência teórico-metodológica.....	20
Procedimentos metodológicos.....	23
1. Capítulo I– Universo reflexivo.....	26
1.1 Introdução ao Capítulo I. ....	27
1.2 A relação ser humano-ambiente na cultura ocidental.....	28
1.3 Percepção ambiental e categorias associadas.....	37
1.3.1 Categorias associadas: espaço, lugar e paisagem.....	39
1.4 Elementos da Memória na construção da relação com o lugar.....	44
1.5 A construção do Imaginário e sua relação com a percepção.....	46
1.6 As relações topofílicas.....	48
1.6.1 As relações topofílicas – estética, vivência e valorização da natureza.....	50
1.7 Apropriação do espaço e modelos de desenvolvimento.....	53
1.8 O desenvolvimento e suas conseqüências sobre as relações com o ambiente.....	55

1.8.1	O desenvolvimento turístico.....	56
1.9	Mudanças estruturais e sua relação com a qualidade de vida.....	60
1.10	Modelos conservacionista em áreas de interesse turístico e ambiental.....	62
1.11	Síntese das reflexões teóricas apresentadas.....	66
2.	Capítulo II – Universo concreto: a realidade estudada e suas revelações.....	69
2.1	Introdução ao Capítulo II.....	70
2.2	A realidade estudada: dados históricos de Caldas Novas/Goiás.....	70
2.3	A descoberta das águas termais e seu ciclo de exploração.....	79
2.4	O processo de ocupação do Cerrado Brasileiro “ a Marcha para o oeste”.....	82
2.5	Sistematização dos resultados encontrados.....	86
2.5.1	A percepção dos moradores.....	88
2.5.1.1	Relação com o Ambiente Natural.....	89
2.5.1.2	Indícios topofílicos revelados.....	90
2.5.1.3	Os modos de viver da população.....	92
2.5.1.4	Relação Espaço-trabalho como elemento de ligação com o ambiente.....	96
2.5.1.5	Conhecimento Ecológico Popular e Consciência Conservacionista.....	98
2.5.1.6	Elementos do imaginário popular.....	101
2.5.2	Apropriação do espaço e seus elementos norteadores.....	102
2.5.2.1	Mudanças na paisagem na área urbana.....	102
2.5.2.2	Problemas e vantagens decorrentes da atividade turística.....	105
2.5.2.3	Mudanças na paisagem na área rural.....	108

2.5.2.4	O modelo de conservação adotado e as concepções sobre o PESCAN.....	113
2.5.2.4.1	Concepções positivas sobre o PESCAN.....	113
2.5.2.4.2	Concepções negativas sobre o PESCAN.....	117
2.5.3	Indicadores de alterações na qualidade de vida.....	121
3.	Capítulo 3 – O concreto redesenhado: entendimento e inferências prospectivas.....	129
3.1	Análise da situação encontrada, à luz das reflexões iniciais.....	130
3.2	O elemento central que permeia a leitura da realidade.....	130
3.3	A compreensão da percepção ambiental dos moradores no local de estudo.....	132
3.3.1	A relação com o ambiente natural na área estudada.....	133
3.3.2	Elementos do Imaginário da população do entorno do PESCAN.....	136
3.3.3	Elementos topofílicos revelados.....	138
3.3.3.1	Memória e enraizamento.....	138
3.3.3.2	As relações humanas e o sentido da coletividade.....	142
3.3.3.3	Modos de viver e relação espaço-trabalho.....	144
3.3.4	Conhecimento Ecológico Popular e Consciência Conservacionista.....	150
3.4	O processo de apropriação de espaço.....	153
3.4.1	Significados das alterações de paisagem na área rural – entorno do PESCAN.....	154
3.4.2	Significados das alterações de paisagem na área urbana – desenvolvimento turístico.....	156
3.4.3	Modos de viver e desenvolvimento turístico.....	159

3.5	Mudanças ambientais e qualidade de vida.....	164
3.6	Considerações sobre o modelo de conservação local.....	168
3.7	Análise atual da apropriação do espaço no entorno do PESCAN.....	172
3.8	Reconstrução do sentido de sustentabilidade para a realidade estudada.....	181
3.9	Significados das reflexões para a educação ambiental: dificuldades e potencialidades.....	184
3.10	Considerações finais.....	190
	Referências Bibliográficas.....	193

# INTRODUÇÃO

Bases da construção do estudo

Delineamento do estudo: fundamentos e procedimentos

Quadro de referência teórico-metodológica

Procedimentos metodológicos



## Introdução

A realização deste estudo partiu do pressuposto de que a percepção de meio ambiente é construída através da história de vida de cada ser humano, através da qual se definem os tipos de ligação que estabelecem com o lugar habitado e com a coletividade.

A percepção ambiental é aqui entendida como um fenômeno complexo, que envolve vários aspectos da relação do ser humano com o mundo: as vivências cotidianas; as construções conceituais e imaginárias; a topofilia ou ligação afetiva estabelecida com o lugar habitado; os componentes da memória que fundamentam a identificação com o meio. Para tratar dessa tal complexidade, adotamos os princípios da fenomenologia, pelos quais se toma como eixo central de reflexão o retorno do ser humano ao mundo vivido e à experiência estética, superando o distanciamento da concretude, característico dos modos de viver da modernidade. Essa superação, juntamente com a motivação da postura crítica e pró-ativa diante dos problemas advindos do desenvolvimento, e da conseqüente falta de planejamento da apropriação de espaço, é objetivo da educação ambiental.

O processo de apropriação do espaço e os elementos que constituem a paisagem são profundamente influenciados pelas formas de relação que o ser humano estabelece com o lugar habitado. Na paisagem, o ser humano imprime suas próprias características e preferências, de maneira que a perda destes elementos pode ter conseqüências que vão além das alterações físicas no espaço, levando ao rompimento da ligação estabelecida historicamente, sendo sua manutenção uma estratégia de preservação deste elo. Quanto mais o espaço reflete a identidade histórica de seus habitantes, maior valorização lhe será atribuída e mais facilmente se poderá despertar atitudes potencialmente conservacionistas.

As formas de apropriação comumente revelam uma falta de reconhecimento do sentido do lugar e um conseqüente descaso com os anseios das comunidades locais, sem que haja um planejamento da paisagem e de tudo que ela pode significar aos habitantes. Planejar o desenvolvimento das paisagens não é apenas um trabalho de mapeamento físico, mas também o conhecimento de um complexo universo de significados sócio-culturais.

Planejamentos participativos, que demandam um tempo significativo de interação prévia com a comunidade e que cria a oportunidade de coletar suas opiniões e despertar seu interesse em expressá-las, são encontrados com raridade. A importância de estudos de percepção ambiental se insere nesse contexto, na medida em que podem auxiliar tanto na elaboração de modelos de gestão participativa quanto na implementação de programas de educação ambiental, que estimulem a participação contínua da população na tomada de decisões.

No presente projeto, buscou-se o conhecimento da percepção ambiental da população do entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas Novas (PESCAN) e das influências que resultaram na situação presente pelo intenso crescimento que o lugar vem passando nas últimas décadas. É composto de uma reconstituição histórica de ocupação do lugar, a partir de análise bibliográfica e documental, e de estudo de campo, com a coleta de depoimentos, com objetivo de elucidar os aspectos da percepção ambiental e de agregar informações sobre o processo histórico descrito.

Estudos como este podem ser uma das bases de apoio para futuros projetos de educação ambiental e de planejamento local, ou para outras áreas com as mesmas características, especialmente aquelas que comportam unidades de conservação ou que passaram por um intenso crescimento em função da atividade turística. Adicionalmente, por ser um objeto apropriado recentemente pelo campo de pesquisa em ecologia e educação ambiental, qualquer contribuição que gere novas reflexões teóricas é de grande importância para a sua compreensão. Nesse sentido, ficam justificadas as relevâncias teórica e social do trabalho.

### **Delineamento do estudo: fundamentos e procedimentos**

As reflexões deste estudo tiveram como base uma pesquisa empírica sobre a percepção dos moradores do entorno do PESCAN no município de Caldas Novas, GO.

A motivação primeira de escolha pelo local como recorte geográfico da pesquisa se deu pelo interesse em uma condição particular visualizada hipoteticamente no lugar: o encontro de um modo de vida bastante peculiar (Figuras 01 e 02), típico das regiões interioranas onde o ambiente rural bucólico ainda é marcante, com interesses emergenciais de preservação ambiental (fundamentados no uso dos recursos aquíferos e na manutenção de áreas nativas do bioma Cerrado) e com um desenvolvimento econômico progressivo em função do crescimento turístico, que resulta em preocupações com relação à apropriação de espaço.



Figura 01 – Propriedade do Sr. S. F



Figura 02 – Município de Rio Quente - GO

Todo processo de planejamento do desenvolvimento local, que não falhe pela imposição de preceitos técnico-científicos ou políticos, deve ter por base um conhecimento profundo sobre a interação das comunidades humanas com seu lugar. Pensando nessa necessidade, propusemos apontar, pela presente pesquisa, alguns pressupostos para um planejamento que contemple a redescoberta do valor histórico-cultural e a ressignificação do espaço para o real desenvolvimento em direção à sustentabilidade. Esses pressupostos são representados pelos anseios das comunidades locais que se revelam nas formas de interação com o lugar habitado e na percepção que desenvolveu do ambiente durante sua história.

O presente trabalho possibilitou também o entendimento das concepções que os moradores do lugar têm sobre a importância das unidades de conservação e as formas de relação com o Parque Estadual da Serra de Caldas Novas. Apesar da importância dessas áreas, tanto para a preservação imediata quanto a geração de reflexões sobre a relação ser humano-ambiente, esse potencial das UCs está sendo, em muitos casos sub-aproveitado. Dessa forma, ganham relevância as iniciativas capazes de levantarem, junto da população local, reflexões sobre a importância de estratégias preservacionistas e de ações que estimulem uma maior interatividade dos moradores do entorno com a unidade de conservação.

A educação ambiental nessas áreas é o instrumento necessário e capaz de: gerar novos significados de valoração do lugar habitado e de desconstruir concepções negativas sobre unidades de conservação. Essa educação só se dá, no entanto, se ancorada em um profundo conhecimento da

percepção ambiental e dos anseios das comunidades locais. Tendo em vista que a área em estudo está em um processo acentuado de desenvolvimento de suas potencialidades turísticas, essas ações educativas ganham maior importância e urgência.

Nesse sentido, os objetivos do estudo desenvolvido são enunciados de maneira mais clara da forma que segue:

### **Objetivo Geral**

Estudar a percepção ambiental dos moradores do entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas Novas, pela reconstituição histórica da mudança de paisagem da região.

### **Objetivos específicos:**

- Buscar através da história local os perfis dos anseios que motivaram a ocupação e relacioná-los com os comportamentos no uso dos bens naturais;
- Buscar, nos depoimentos dos moradores, aspectos da mudança de paisagem local, seus significados para suas histórias de vida e suas consequências para alterações no modo de viver;
- Levantar aspectos de suas histórias de vida, e dos indícios topofílicos nelas revelados;
- Registrar aspectos da vida cotidiana dos envolvidos, de suas falas e ações, que revelem valores e posturas com relação ao uso dos bens naturais e à presença da unidade de conservação – o Parque Estadual da Serra de Caldas Novas.

### **Quadro de referência teórico-metodológica**

O trabalho foi desenvolvido dentro do campo teórico da percepção ambiental. A percepção que se discute aqui é fundamentada em uma abordagem fenomenológica, na medida em que buscou, mais que uma descrição conceitual, o entendimento de como se configuram as leituras que os sujeitos estabelecem a partir da vivência do lugar.

Foi utilizado o método histórico, já que a pesquisa partiu da reconstituição histórica da ocupação do lugar; fenomenológico, focando-se

numa busca das raízes da situação encontrada dentro do próprio fenômeno da percepção; e observacional, porque utilizou como dados, mais que os discursos coletados, os comportamentos da comunidade estudada.

Os procedimentos são pautados na pesquisa participante, que é uma contraposição à pesquisa tradicional baseada na neutralidade científica desligada das necessidades de transformação social. Segundo Brandão (1983), a pesquisa participante é criada pelo antropólogo Malinowski, quando afirma no seu diário de pesquisa: “[...] eu convivo com os nativos, vivo com eles, como com eles e ando e procuro saber tudo; esse é meu método de trabalho.” No Brasil, Paulo Freire é considerado o pioneiro da pesquisa participante por alguns autores, já que defendia que a atividade de pesquisa deveria voltar-se para instrumentalização de alternativas de ação visando a mudança social.

Alguns autores não fazem qualquer distinção entre pesquisa participante e pesquisa-ação (DEMO, 1995). Outros autores (THIOLLENT, 1987; RICHARDSON et al,1985) fazem essa diferenciação. Segundo esses autores, a pesquisa participante estaria centrada na preocupação com o papel do investigador dentro da situação investigada, que estabelece uma relação de confiança com o pesquisado no sentido de melhorar as condições para captação de informação. Por outro lado, o objetivo na pesquisa-ação deve ser o próprio agir e supõe uma participação dos interessados na própria pesquisa organizada em torno de sua ação capaz de gerar mudanças.

No presente trabalho, assumimos a diferenciação entre pesquisa participante e pesquisa-ação, mas consideramos a necessidade dos resultados da pesquisa apontarem indicativos de ações e do compromisso do pesquisador em disponibilizar esses dados como fontes de reflexões e como motivadores de novas formas de planejamento para a região.

Os instrumentos de coletas de dados adotados foram: relatos orais; a observação com registros em diários de campo e análise documental.

O relato oral, rechaçado pelo desenvolvimento de técnicas estatísticas e questionários, passou, há pouco tempo, a ser novamente empregado por vários cientistas sociais como alternativa às técnicas puramente quantitativas. Segundo Queiroz (1988), as técnicas quantitativas reduzem a realidade social à aridez dos

números enquanto que o relato oral encerra a vivacidade de sons, a opulência de detalhes, a quase totalidade dos ângulos que apresenta todo fato social.

Os relatos orais revelam o cotidiano, os tipos de relacionamento, as opiniões e valores, as nostalgias e crenças, dados que possibilitam a construção de um rico corpo reflexivo sobre os processos vividos pelo grupo social estudado. De acordo com Gadamer (1997), o caso individual não serve simplesmente para confirmar uma legalidade, a partir da qual seja possível, numa reversão prática, fazer previsões, mas, mais do que isso, seu ideal é compreender o próprio fenômeno na sua concreção singular e histórica.

Os relatos orais podem ser histórias de vidas ou depoimentos pessoais. De acordo com diferenciação explicitada por Queiroz (1988), os depoimentos pessoais permitem pequenas intervenções do pesquisador no sentido de direcionar as falas para os focos temáticos de seu interesse, enquanto que na história de vida, é exigida uma total liberdade de condução da fala.

A observação é um método de investigação que varia de acordo com o nível de inserção do pesquisador na comunidade. Essa participação, segundo Ludke & André (1986) pode ir da imersão total na realidade até um completo distanciamento, podendo inclusive variar durante uma investigação, segundo as necessidades surgidas. Na proposta da pesquisa participante, a observação é plenamente possibilitada e o pesquisador revela desde o início da pesquisa sua identidade e os objetivos do estudo.

A sistematização do trabalho de observação é feita na forma de diários de campo. Minayo (1994) cita o uso do diário de campo no registro de dados como um instrumento a ser utilizado em qualquer momento da rotina de trabalho, para a captação de angústias, questionamentos e observações não obtidas através de outras técnicas. Sugere ainda o registro visual (fotografias e filmagens) para documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado.

Ludke & André (1986) consideram como vantagens do uso de documentos a estabilidade e riqueza da fonte, o baixo custo, a complementaridade de outras técnicas e a ausência de alterações de comportamento advindas do contato com os sujeitos da pesquisa. A análise documental pode representar uma técnica importante na obtenção ou

complementação de dados qualitativos. Na presente pesquisa, a análise documental foi empregada justamente com a função de complementar o resgate histórico de apropriação do espaço estudado e possibilitar um maior entendimento dos relatos.

### Procedimentos metodológicos

As atividades foram desenvolvidas nos municípios de Caldas Novas e Rio Quente/GO, na área urbana e na área rural, no entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas Novas. O Parque está localizado na bacia do rio Paranaíba, ocupando uma área de 12.315 ha (Figura 03).

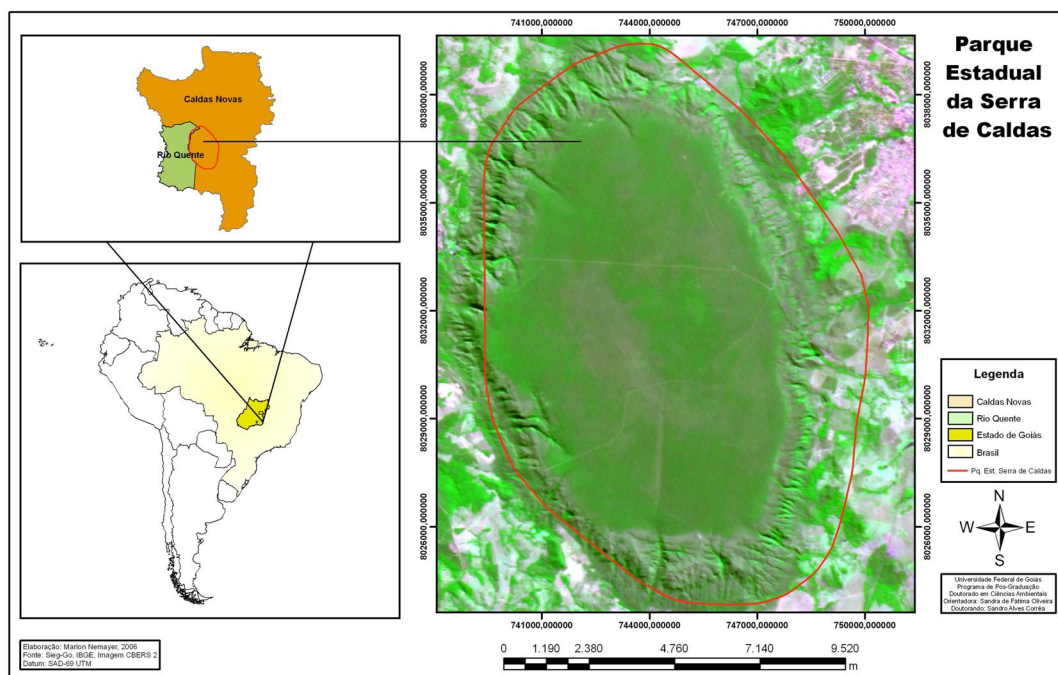


Figura 03 – Mapa de localização do Parque Estadual da Serra de Caldas Novas. Fonte: -GO. IBGE, Imagem CBERS 2. Datum: SADUM 69 UTM.

Na área rural, foram considerados sujeitos da pesquisa, os moradores de longa data que ocupam a área adjacente da Serra de Caldas Novas,



compreendendo os territórios dos dois municípios. A população urbana foi amostrada intencionalmente, no intuito de se garantir a representatividade de pessoas nativas ou migrantes. Além disso, foram identificadas pessoas que para lá migraram mais recentemente, no sentido de identificar suas motivações e possibilitar uma análise das diferentes perceptivas.

Foi entrevistado um total de 31 atores, sendo 11 na área urbana (Caldas Novas e Rio Quente), sendo que dois destes são proprietários rurais, onde passam a maior parte de seu tempo, e 20 na área rural. Pelo menos um morador de cada propriedade rural no entorno da Serra foi entrevistado, com exceção das grandes propriedades, nas quais não existem pessoas residentes e os proprietários residem em outras localidades.

A pesquisa foi desenvolvida nas seguintes etapas:

- Inserção e análise documental, com o objetivo de reconstituir a história da ocupação local na tentativa de traçar perfis dos anseios que a motivaram e relacioná-las com os comportamentos no uso dos bens. Inicialmente foi feita a inserção do pesquisador na comunidade. Para isso o pesquisador fixou residência no município de Caldas Novas por um período de seis meses. Este fato de grande importância, pois possibilitou um contato mais freqüente com os moradores e atendeu os pressupostos da pesquisa participante.

Vale ressaltar algumas dificuldades encontradas. Por tratarmos de atores em sua maioria na área rural foram necessários alguns contatos prévios para posteriormente realizar a entrevista, pois durante as atividades diárias, não havia tempo disponível dos atores.

Concomitantemente aos primeiros contatos, teve início a realização da análise documental, com a busca, junto aos órgãos competentes, de documentos ligados à historiografia do lugar. Essa primeira fase do trabalho auxiliou para maior conhecimento da comunidade. Vale ressaltar também que a história do lugar é fracamente documentada. Os registros existentes estão em sua maioria em acervos particulares de difícil acesso.

- Coleta de depoimentos pessoais, com o objetivo de confirmar e reforçar a reconstituição histórica feita a partir da análise documental, bem como de buscar, nos depoimentos dos moradores, aspectos da mudança de paisagem local, seus significados para suas histórias de vida e suas conseqüências para

alterações no modo de viver e o levantamento dos aspectos de suas histórias de vida, e dos indícios topofílicos nelas revelados.

A técnica utilizada para se atingir os objetivos de reconstituição histórica da ocupação local, de levantamento de aspectos da mudança de paisagem local e de indícios topofílicos, foram depoimentos pessoais, conforme definições de Queiroz (1988), associado à observação participante.

O início do relato oral foi precedido da explicação do objetivo do trabalho e do motivo de escolha do sujeito, a declaração de respeito ao anonimato, quando solicitado, e o pedido de autorização para gravação.

Durante todo o processo de coleta foi feita também a observação direta, com o objetivo de registrar aspectos da vida cotidiana dos envolvidos, de suas falas e ações, que revelem valores e posturas com relação ao uso dos bens naturais e à presença da unidade de conservação – o Parque Estadual da Serra de Caldas Novas. Tal observação seguiu as indicações de Ludke & André (1986), sendo o pesquisador um “observador participante”, revelou desde o início da pesquisa sua identidade e os objetivos do estudo. De acordo com o que sugere Minayo (1994), ao registro das observações em diários de campo foi adicionado o registro visual, na forma de fotografias. O registro no diário de campo compreendeu, sempre que possível a descrição dos sujeitos; reconstrução de diálogos (palavras e gestos); descrição de locais; descrição de eventos especiais, das atividades e comportamentos; ações e conversas do observador.

- Análise das informações coletadas nos relatos orais foram transcritas e submetidas à análise de conteúdo, seguindo as indicações de Bardin (1977) e Gomes (1994).

## 1. CAPÍTULO I – universo reflexivo

Percepção, topofilia e apropriação do espaço: as transformações na relação ser humano-ambiente.

### 1.1. Introdução ao Capítulo I.

O ponto inicial de nossas buscas teóricas é uma tentativa de articulação de diferentes conceitos, uma vez que propomos a compreensão de um fenômeno complexo – a percepção ambiental – que envolve múltiplos aspectos da interação do ser humano com o mundo. A dimensão do mundo que aqui nos propusemos a considerar é aquela fração onde fundamos nossa identidade e estabelecemos explicitamente nossas relações sociais: o lugar habitado.

Buscando, portanto, a compreensão da percepção de lugar habitado, foco central desse trabalho investigativo, na perspectiva de seus elementos causais e conseqüentes – histórico de ocupação e mudança de paisagem, relações de pertença e distanciamento reveladas nesse histórico e formas de organização social no processo – assumimos a tarefa, nesse primeiro capítulo, de elucidarmos, à luz dos referenciais teóricos adotados, esses conceitos assim inter-relacionados.

A título de esclarecimento, apontamos que o tratamento detalhado desses conceitos é de fundamental importância para a análise de uma situação concreta que, num segundo momento, apresentaremos. Nos vale apontar que as singularidades do contexto estudado nos exigem tratar, além do fenômeno da percepção e seus desdobramentos, alguns elementos específicos que caracterizam sua história de ocupação e desenvolvimento, a saber, a atividade turística como modelo de ocupação e os modelos conservacionistas hoje praticados no país, uma vez que a área em questão abriga uma unidade de conservação. Dessa forma, nas páginas finais desse primeiro capítulo nos dedicaremos a explorar os possíveis significados desses dois aspectos marcantes, entendendo que sejam pontos importantes para a interpretação da história do lugar e da percepção dos seus ocupantes.

Com base nessas intenções, estruturamos o presente capítulo nos seguintes itens:

- i. as transformações na relação ser humano-ambiente influenciada pela inserção da racionalidade técnica e seus aspectos históricos, por entendermos que seja o caráter histórico arcabouço do desenvolvimento do

pensamento ambientalista e que molda as relações do ser humano com o lugar habitado;

ii. percepção ambiental e categorias associadas, para apresentarmos claramente o conceito do fenômeno que adotamos na leitura da realidade estudada;

iii. topofilia, visando dar subsídio a discussões sobre a perda de laços de integração dos moradores com o ambiente.

iv. apropriação do espaço e suas conseqüências diretas, como mudanças de paisagem e modos de viver e concretização de modelos de desenvolvimento; nesse ponto, estarão inseridas as reflexões sobre as atividades e particularidades que definem o desenvolvimento do lugar – turismo e política de conservação;

Para o desenvolvimento do item de número dois, dependeremos da apresentação de alguns fenômenos intrínsecos à percepção, como: o imaginário e as construções simbólicas da relação ser humano-natureza; a memória que, em certo ponto, define a natureza topofílica da percepção; a consciência histórico-ambiental, que dá condição de entendimento da comunidade sobre sua relação com o lugar.

## **1.2. A relação ser humano-ambiente na cultura ocidental**

A relação histórica entre os seres humanos e o ambiente é construída a partir das configurações sociais e influenciada por necessidades relativas a sobrevivência, que se modificaram, e modificam-se, derivando das percepções, condições físicas, imaginárias e dos valores vigentes em cada época.

A percepção que o ser humano tem do ambiente é diretamente influenciada por essas configurações sociais, não sendo, no entanto, exclusivamente por elas determinadas, uma vez que há uma dimensão imaginária e estética na forma como lê, reconhece e age sobre o mundo.

É a partir dessa condição que podemos entender como, desde os primórdios de sua história, o ser humano agiu coletivamente sobre o mundo, na

busca de sobrevivência, mas também manteve uma consciência não só técnica, mas imaginante, mítica diante dos fenômenos que nele vivenciava.

Nas comunidades humanas primordiais, e na sua extensão até a antiguidade clássica, essa relação estava profundamente marcada pela explicação mítica e pela sacralização da natureza, estando no centro dessas construções a idéia do controle da natureza por forças para além da condição humana: a dimensão divina. Mesmo nas civilizações ocidentais antigas, onde os deuses habitavam figuras humanas, a natureza não esteve destituída de sua submissão a essa dimensão. Enquanto as civilizações orientais colocam nos elementos da natureza a sua essência espiritual, no ocidente essa imagem de um centro divinizado na qual gravitam todas as formas de existência se estende para a idade média.

Não obstante o pensamento aristotélico ter apontado para uma forma de conhecimento baseada em um caráter analítico, uma vez que as coisas existentes estavam abertas à observação e explicação humana, os pensadores medievais conseguiram estabelecer um movimento divinizante para tal conhecimento. Na Idade Média, o conhecimento derivava da inspiração de Deus e serviria para dar condições de controle do ser humano, feito à sua imagem, sobre a natureza.

É nesse contexto que se começa a assistir o surgimento de uma forma de pensamento que iria, a certo modo, reconstruir a posição do ser humano na relação, colocando-o como consciência autônoma diante do mundo, independente de um Deus que, dada sua natureza perfeita, não poderia ser essa inspiração que tantas vezes leva-o a uma percepção errônea sobre o mundo real. É em Descartes que a suspensão da dependência radical da consciência ganha expressão e que o ser humano se convence de sua possibilidade de conhecer positivamente o mundo desde que a sua consciência siga um método adequado de apreensão e definição de sua objetividade. Podemos pensar, portanto, o advento do pensamento moderno como o momento em que a supremacia do ser humano sobre a natureza ganha expressão definitiva e o faz senhor de seu destino sobre o mundo.

A ciência e a técnica que nascem a todo vapor nesse momento garantem a possibilidade de crescimento das comunidades humanas, abrindo

horizontes vastíssimos à manipulação dos recursos disponíveis e à busca de uma otimização e concentração de fontes energéticas. Todo esse processo social evolutivo conduziu a um controle e utilização desenfreados dos recursos, aumentando a quantidade de energia disponível e, conseqüentemente, um crescimento populacional excessivo. Desembocamos na visão predominante atual mecanicista e manipuladora com a revolução industrial, visão esta que predomina e rege o atual modelo social e econômico.

Tem-se, na modernidade, a revolução científica com base nas idéias de Bacon, Galileu e Descartes, entre outros, que colocam de maneira clara e explícita que o objetivo temporal é de possuir e controlar o meio em que se vive através da técnica e da ciência. René Descartes (1979, p63), no livro *Discurso do Método*, afirma:

Mas tão logo adquiri algumas noções gerais relativas à física [...] julguei que não podia mantê-las ocultas sem pecar grandemente contra a lei que nos obriga a procurar, no que depende de nós, o bem geral de todos os homens. Pois elas me fizeram ver que é possível chegar a conhecimentos que sejam muito úteis à vida, e que, em vez dessa filosofia especulativa que se ensina nas escolas, se pode encontrar uma outra prática, pela qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam, tão distintamente como conhecemos os diversos misteres de nossos artífices, poderíamos empregá-los da mesma maneira em todos os usos para os quais são próprios, e assim nos tornar como que senhores e possuidores da natureza.

A certeza que a física trouxe a Descartes, e a todos que iam adquirindo traços do pensamento clássico, fez com que a noção de "senhor e possuidor da natureza" se consolidasse no decorrer do século XVII como a forma de se pensar e agir em relação ao mundo natural. O mundo europeu, que apesar de ter conhecido, há pouco mais de um século, novos mundos com novas formas de relacionamento com a natureza passa a criar uma nova visão desta relação, calcada na capacidade do ser humano, através da razão, conhecer e dominar "como um dever" esta natureza. Keith Thomas chega a dizer em seu livro *O homem e o mundo natural* que esta postura em relação à natureza tinha uma aceitação e um incentivo do próprio cristianismo, na interpretação que a igreja fazia ao afirmar que os animais e as plantas eram para servirem ao homem (THOMAS, 1996, p28).

Impulsionada pelas idéias dos pensadores, que influenciaram a Revolução Industrial, a ciência torna-se um norte para a humanidade e insere a necessidade de conhecimentos especializados e um afinamento na especificidade, na busca de resolver questões relativas à produção, especialidades médicas e avanços tecnológicos em áreas específicas. Os traços desse novo modelo podem ser percebidos nos séculos subseqüentes, segundo Habermas (1980) com a inserção de forças produtivas, associadas a um desenvolvimento técnico.

Até o século XIX, não havia interdependência entre ciências e técnica. A ciência moderna não atribuíra, até então, para aceleração do desenvolvimento técnico nem para pressão racionalizante que vem de baixo pra cima. Sua contribuição para o processo de modernização era mais indireta (Habermas, 1980, p327).

Nesse sentido, a ciência especializada conseguiu ser bastante promissora. Porém, no mundo contemporâneo começam a surgir questões que não podem ser respondidas e problemas que não podem ser solucionados com base nas especialidades, o que levou a uma crise da ciência como crise de teorias, de modelos ou de paradigmas.

Dentre estes novos problemas insere-se a chamada crise ecológica que, segundo Araújo (2004), aponta para a decadência do atual paradigma de intervenção no meio ambiente e de convivência entre os seres humanos e destes com a natureza. Atribui a situação de fome, pobreza e injustiça de multidões de pessoas como a face social da crise ecológica.

No enfrentamento dessa crise, nos deparamos com a necessidade de superação dessa razão baseada nas promessas da ciência e da técnica e de mudanças nos processos produtivos, políticos, sociais e éticos.

Nossa época está pedindo uma nova consciência do nosso lugar no mundo. As relações sociais hoje a nível mundial são de grande destrutividade da natureza e de grande exclusão social. Por motivo de uma exploração inconsiderada da natureza, corremos o risco de destruí-la e virmos a ser também vítimas desta degradação, ao criar um ambiente global que poderá tornar-se insuportável (Araújo, 2004, p130).



Na busca pela compreensão da complexa problemática ambiental atual e a inserção de uma nova postura em relação aos problemas da atualidade, várias áreas do conhecimento científico voltam seus olhares sobre este contexto buscando um desenvolvimento tecnológico ambientalmente apropriado, associado a uma nova relação entre seres humanos e o mundo em que vivem. Entretanto, o desenvolvimento deste modelo sócio-ambiental esbarra num conflito inevitável entre um modelo racional baseado nos sistemas tecnológicos e científicos e as conseqüências da submissão do ser humano a este modelo. A medida em que a ciência avança e cria novas técnicas, há a necessidade de atribuir aos seres humanos o papel de consumidores desta técnica através da manipulação e criação de novas necessidades humanas.

[...] esta repressão pode desvanecer-se da consciência da população, porque a legitimação da dominação assumiu um novo caráter: a saber, a referência à crescente produtividade e ao crescente domínio da natureza, que também proporcionam aos indivíduos uma vida mais confortável (HABERMAS, 1968, p.47-48).

Se por um lado os avanços tecnológicos propiciam uma melhoria na qualidade de vida atendendo necessidades, construídas ou reais, por outro escravizam os indivíduos provocando um engessamento do seu potencial criativo, da sua autonomia e da sua postura crítica.

A ciência, em virtude do seu próprio método e dos seus conceitos, projetou e fomentou um universo no qual a dominação da natureza se vinculou com a dominação dos homens – vínculo que tende a afetar fatalmente este universo enquanto todo. A natureza, compreendida e dominada pela ciência, surge de novo no aparelho de produção e de destruição, que mantém e melhora a vida dos indivíduos e, ao mesmo tempo, os submete aos senhores do aparelho. Assim, a hierarquia racional funde-se com a social e, nesta situação, uma mudança na direção dos progressos que conseguisse romper este vínculo fatal, influenciaria também a própria estrutura da ciência e o projeto de ciência (MARCUSE, 1967 *apud* HABERMAS, 1968, p.51-52)

Segundo Brito (2003), este processo esteve pautado nas teorias de diversas escolas do desenvolvimento/modernização, clássica e contemporânea, que acreditavam que a ciência e a técnica poderiam fornecer ao homem moderno um amparo moral e ético, saciando seus desejos e enriquecendo as

nações. Entretanto, a constatação da ineficácia da ciência e da técnica em tratar determinados aspectos do mundo contemporâneo, gerou uma crise da modernidade que levou os pensadores modernos a constatarem “estarecidos que sua angustia é crescente e que não mais possuem o amparo da promessa de realização de um futuro virtuoso, simplesmente ancorado no suposto da razão, no progresso, no individualismo, na igualdade e na ciência...” (BRITO, 2003, p 148).

Vale ressaltar aqui o significado do conceito de racionalização adotado nas discussões do pensamento crítico. Inserido por Max Weber, este conceito está ligado ao domínio privado e burocrático das formas de produção capitalista que, por sua vez, está relacionada ao progresso científico e técnico.

Racionalização quer dizer, antes de mais nada, ampliação dos setores sociais submetidos a padrões de decisão racional. A isso corresponde a industrialização do trabalho social, com a consequência de que os padrões de ação instrumental penetram também em outros domínios da vida (urbanização dos modos de viver, tecnicização do transporte e da comunicação) (HABERMAS, 1980, p313).

A racionalidade técnica, gerada na modernidade e que moldou a organização social contemporânea, acabou por provocar a dominação da natureza e do próprio homem, na medida em que o ser humano entrou num modelo onde passou a ser parte do aparelho de produção que se move por essa razão técnica culminando em um sistema de domínio exercido pela lógica da máxima produção e consumo.

Segundo Habermas (1968), os princípios da ciência moderna foram estruturados a *priori* de modo a poderem servir de instrumentos conceituais para um universo de controle produtivo que se perfaz automaticamente; o operacionalismo teórico passou a corresponder ao operacionalismo prático. O método científico que levou à dominação cada vez mais eficaz da natureza passou assim a fornecer tanto os conceitos puros, como os instrumentos para a dominação cada vez mais eficaz do homem pelo homem através da dominação da natureza. Hoje a dominação se perpetua e se estende não apenas através da tecnologia, mas *enquanto* tecnologia, e esta garante a legitimação do poder político em expansão que absorve todas as esferas da cultura.

Assim, falar em um desenvolvimento tecnológico ambientalmente apropriado pode ser falar por essa mesma lógica que coloca a ciência e a técnica como solução para todos os problemas humanos. É, inclusive, essa

racionalidade técnica que alimenta um certo “capitalismo verde” e muitas vezes sufoca uma lógica de fato ecocêntrica, que contém em seu cerne as cosmovisões e o conhecimento tradicional.

Estas constatações levam ao questionamento acerca do que se propõe como desenvolvimento e sustentabilidade, gerando uma situação aparentemente paradoxal. Se trilhar o caminho do abandono da modernização e da racionalidade técnica leva a uma condição utópica de sobrevivência humana, seu oposto, isto é, a continuidade do princípio de máxima produção e consumo, parece não ser compatível com um modelo socialmente justo.

Esta condição dicotômica direciona à construção de um novo conceito de desenvolvimento, ou de uma nova racionalidade, que não esteja pautada apenas no uso de bens naturais em função do crescimento e da exploração humana, pois, como afirmado por Habermas (1980) a natureza, cientificamente compreendida e dominada, reaparece no aparato técnico de produção e destruição que mantém e aprimora a vida dos indivíduos, ao mesmo tempo que os subordina aos senhores do aparato. Em outros termos, a sujeição da natureza é concomitante à do ser humano, configurando um movimento não só de insustentabilidade natural, mas de desumanização: [...] “essa racionalidade estende-se, além disso, apenas às situações de emprego possível da técnica e exige, por isso, um tipo de ação que implica dominação quer sobre a natureza ou sobre a sociedade” (*op cit*, 1968, p.46).

A participação da técnica nas questões sócio-ambientais, além de importante, é necessária, mas para isso é preciso que a ciência realmente direcione esforços para tal fim e isso só pode acontecer se houver autonomia da ciência em relação ao modelo econômico. É em nome do capital, aliás, que a ciência e a técnica atendem a demandas de consumo baseadas em necessidades artificiais criadas pelas sociedades modernas. Os seus esforços passaram a ser direcionados para a facilitação da própria existência que culminou na criação de necessidades, verdadeiras ou não, que passam a constituir um pressuposto de conforto e qualidade de vida.

Ao discutir esta questão, Marcuse (1973) relata a dificuldade em distinguir as necessidades verdadeiras e falsas, entretanto ressalta que “os homens contraíram necessidades que são prejudiciais, que retardam um maior

desenvolvimento humano, que retardam a emancipação dos homens (*op cit*, p. 26)". Embora embutido de certa utopia, pelo fato de fazermos parte desse sistema capitalista e o mantermos, os pensamentos de Marcuse podem ser bastante atuais, na medida em que inserem sua crítica à sociedade de consumo e às repercussões que essa desenfreada busca pela "superficialidade necessária" possa ter. Segundo o autor, existe uma relação mútua de dependência e troca entre a sociedade e as estruturas sociais e políticas no momento em que há uma introjeção pelos indivíduos de valores e objetivos como necessidades e as instituições sociais e políticas buscam supri-las: "[...] as necessidades que verdadeiramente são oferecidas aos indivíduos pelas instituições, e em muitos casos impostas aos indivíduos, acabam tornando-se as próprias necessidades e carências dos indivíduos" (MARCUSE, 1973, p. 28).

Nesse sentido, a busca de uma nova racionalidade é fundamental e isso requer necessariamente um encontro de um ponto comum de equilíbrio entre interesse humano e condição ambiental. A constatação de que esse ponto já foi violado pela sociedade contemporânea faz com que seja imprescindível uma revisão das necessidades falsas e verdadeiras e uma conseqüente redução nos padrões de consumo.

Vemos que uma nova racionalidade pressupõe um caráter coletivo que envolva várias vertentes sociais, fato que dificulta os avanços de planejamentos sustentáveis de longo prazo. Dessa forma, a inserção dessa nova racionalidade, chamada por Leff (2002) de *racionalidade ambiental*, requer mudanças significativas no modelo civilizatório ocidental e a construção de bases epistemológicas sobre as quais deve se desenvolver.

[...] colocar em prática princípios e estratégias do eco desenvolvimento provou ser mais complexo e difícil que as simples internalização de uma "dimensão" ambiental dentro dos paradigmas econômicos, os instrumentos do planejamento e das estruturas institucionais que sustentam a racionalidade produtiva prevalecente. Estas considerações defendem a necessidade de fundar a concepção da problemática ambiental, assim como novas práticas de uso integrados dos recursos numa correta teoria sobre as relações sociedade-natureza (LEFF, 2002, p.61)

O desenvolvimento tecnológico subjugado ao capital foi, por muito tempo, o norte do modelo civilizatório. Porém, a inserção de uma racionalidade

ambiental produtiva traz implícito o redirecionamento das técnicas de produção na busca do que denominamos acima “ponto de equilíbrio” entre o bem estar humano e a conservação do meio natural.

O que está aqui sendo colocado em discussão não é o avanço científico e tecnológico, puro e simples, mas a sua subserviência a um modelo que viola o equilíbrio desta relação. Segundo Bonilla (1992, p.32), “a ciência que se dizia pura, neutra e objetiva, adaptou-se às necessidades da economia e da política” e, como disse Alves (1981) o poder subjuga o saber. Esse direcionamento fez com que aspectos subjetivos inerentes às questões sócio-ambientais ficassem, por muito tempo, à margem da ciência.

Nas últimas décadas, esforços passaram a ser direcionados para solucionar dois problemas básicos que limitam uma abordagem científica aos problemas sócio-ambientais. Um diz respeito ao rompimento do unicismo que teve sua gênese na década de 60 com a proposta de uma visão interdisciplinar sobre as novas problemáticas. Segundo Fazenda (2001), este movimento surge como uma tentativa de elucidação e de renovação das propostas educacionais, baseado em um discurso que considerava a ciência multipartida no caminho da falência, levando a um distanciamento do conhecimento do todo - ou holístico.

O outro problema surge no momento em que os seres humanos deixam de ser sujeitos e passam a ser os objetos de estudo. Por localizar-se no centro dos problemas sócio-ambientais, tanto como causa quanto como receptores dos efeitos, a ciência, ou melhor, os cientistas de inúmeras áreas do conhecimento têm à sua frente o dever de olhar para a dimensão social. É justamente quando se visualiza a sociedade com parte intrínseca do ambiente que se pode compreender as formas como as suas construções conceituais e imaginárias, determinam as ações humanas. Sobre essas construções agem os instrumentos da mídia que motivam constantemente o ciclo de produção, e inserem necessidades e valores.

Essa inserção do elemento humano no entendimento das questões ambientais são apontadas por Prigogine (1984, p.1) da seguinte forma:

[...] chegamos hoje a uma situação teórica completamente diferente, a uma descrição que situa o homem no mundo que ele mesmo descreve e implica a abertura desse mundo. Não é exagero falar dessa

transformação conceitual como de uma verdadeira *metamorfose* da ciência.

A assertiva de que o objetivismo da ciência e a exaltação da razão não oferecem saída para problemas ambientais e sociais emergentes traz a necessidade de incorporação dessa nova abordagem subjetiva. Como colocado por Fazenda (2001, p. 15), "a ciência nas suas objetividades não encontra pátria nas atuais subjetividades". O trabalho conjunto desses pontos dialéticos na ciência é que poderá nortear a sociedade na busca do ponto de equilíbrio que permitirá uma sobrevivência pacífica e respeitosa com o ambiente natural.

A inserção de vertentes subjetivas que fogem ao alcance da ciência objetivista, e conseqüentemente da técnica, provoca a necessidade de uma revisão em prol de um desenvolvimento técnico apropriado, já que este não é suficiente para uma mudança de rumos e para a consolidação da racionalidade ambiental. Como dito, não é só pela racionalidade técnica que o ser humano se relaciona com o mundo, mas também em sua dimensão interativa, imaginária e afetiva. É a partir dessa noção de totalidade do fenômeno da percepção que essas buscas precisam ser pensadas. Sem trabalhar a percepção e motivar uma ressignificação das formas como o mundo é apreendido pelo ser humano, é muito pouco provável que consigamos de fato mudanças de postura que possibilitem esses novos rumos.

A percepção humana do ambiente, as experiências pessoais e as características culturais dos habitantes de cada lugar desempenham um papel fundamental na relação homem-ambiente e devem servir de ponto de partida para um planejamento urbano, regional, paisagístico e ambiental, que atenda às reais necessidades dos moradores dos diferentes locais (SERPA, 2001, p2).

É nesse sentido que os estudos de percepção são fundamentais para a gênese de uma postura reflexiva e pró-ativa diante dos desafios que se impõem na atualidade.

### 1.3. Percepção ambiental e categorias associadas

A percepção ambiental é um fenômeno bastante complexo (ver organograma – Figura 04) que inclui várias dimensões do ser humano, de forma que sua análise depende de diálogos entre várias áreas de conhecimento. Originalmente, os estudos sobre percepção foram foco de interesse da psicologia, área em que inicialmente era tomada como atividade meramente empírico-cognitiva.

Esse enfoque biofísico e comportamentalista, centrado na visão mecanicista da ciência moderna, influenciou as várias vertentes da psicologia e de outras áreas que passaram a estudar a percepção. O behaviorismo, cujo foco são comportamentos diretamente observáveis como respostas a estímulos ambientais, é exemplo disso, juntamente com a fase inicial de um ramo específico da psicologia - psicologia ambiental. De acordo com Marin (2007), o início da superação desse enfoque se dá principalmente com a reflexão e adoção dos princípios da Gestalt (1920-1930), ou Psicologia da forma, pela psicologia ambiental e outras áreas de conhecimento, inspiradas sobretudo nos fundamentos da fenomenologia, que influenciaria uma nova vertente dos estudos sobre percepção.

Os estudos em percepção fundamentados na fenomenologia ganhariam espaço a partir da década de sessenta, numa tentativa de superação das abordagens tradicionais. De acordo com Marin (2007), um marco importante do desenvolvimento do campo foi a sugestão do termo *Humanistic Geography* por Tuan no encontro da *Association of American Geographers*, em 1976, cujo pensamento foi consolidado na publicação da obra *Topophilia*, utilizando-se de um termo e conceito originalmente apresentados por Bachelard em 1951 na primeira edição de sua obra *A Poética do Espaço*. Tuan (1976, p. 1) apresenta a abordagem nos seguintes termos: “a Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo; das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar”.

Os pressupostos da fenomenologia, nos quais essa abordagem humanística da percepção ganha clareza, podem se resumir na noção de que perceber pressupõe uma diluição imediata da dicotomia entre sujeito-objeto, um

encontro vivencial com as coisas, com o mundo: "a aquisição mais importante da fenomenologia foi sem dúvida ter unido o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em sua noção do mundo ou da racionalidade" (MERLEAU-PONTY, 1999, p.18). É aqui que tem sentido o significado de mundo empregado pelo fenomenólogo Merleau-Ponty para definir a dimensão onde se dá esse tipo de relação: o mundo vivido.

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é suportada por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos (MERLEAU-PONTY, 1999, p.6).

A construção da compreensão sobre a percepção deve ser direcionada por seu caráter histórico, sem o que é muito difícil entender os significados das formas de relação do ser humano com o mundo e o lugar habitado. Na perspectiva fenomenológica esse entendimento dos processos, e a imersão no fenômeno que deles resulta, é importante para a uma nova construção conceitual reveladora da sua essência. Para o fenômeno da percepção esse entendimento depende do conhecimento de vários aspectos da interação ser humano com o lugar. De acordo com Tuan (1983, p.68), "a compreensão da preferência ambiental de uma pessoa só é possível a partir do exame de sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos".

Imerso na perspectiva de análise fenomenológica, Dartigues (1996, p.132) afirma que "a fenomenologia deve mudar de orientação, não mais se contentar em ser *descrição* do que se dá ao olhar, mas *interrogação* do dado que aparece, não mais como um espetáculo a ver, mas como um texto a compreender". Uma interpretação fenomenológica, no nosso contexto, justifica-se a partir da constatação que a ligação dos seres humanos com o ambiente só se estabelece historicamente, de forma que, para entendê-la, é necessário conhecer a história cultural e a experiência no contexto da dimensão física do meio ambiente.



### 1.3.1. Categorias associadas: espaço, lugar e paisagem

Essa compreensão fenomenológica da percepção não dispensa, além do caráter histórico, a redefinição de algumas categorias fundamentais da relação do ser humano com o mundo: espaço, lugar e paisagem. Os estudos acerca das relações humanas com o ambiente têm sido centralizados, principalmente no âmbito da geografia, no processo interativo com o espaço, o lugar e a paisagem.

A importância dessas definições inclusive explica as ressignificações pelas quais tais categorias passaram quando da adoção dos termos na geografia de base humanística. Oliveira (2001, p.18-19), aponta para aspectos dessa adaptação, evidenciados no decorrer da década de setenta: o conceito de paisagem não se restringiria ao âmbito da natureza, mas envolveria o ser humano com consciência, afetividade e conhecimento crítico; o espaço seria por sua vez definido como espaço vivido e lugares como dimensão existencial e perceptiva.

Apesar dessa necessidade de definição das categorias, uma vez que uma é quase que um adensamento de outra, Relph (1979, *apud* Serpa 2001, p10), afirma que “não há limites precisos a serem traçados entre espaço, paisagem e lugar, como fenômenos experienciados, nem a relação entre eles é constante: lugares têm paisagens, e paisagens e espaços têm lugares”.

O processo de desenvolvimento e transformação do espaço, resultado de um constante movimento de apropriação antrópica, faz com que este espaço represente mais que suas necessidades imediatas de sobrevivência, mas também todo um modelo de valores e significados. É quando ganha essa densidade derivada de suas condições antropogênicas que o conceito tende a uma ressignificação que toma como termo o lugar.

Portanto, pode-se considerar que a diferenciação entre duas dessas categorias, espaço e lugar, se dá mediante a construção cultural, social e histórica. Dependendo da história de vivências do perceptante, cada categoria é tomada para si com um determinado significado: o que pode, no âmbito perceptivo individual, representar apenas um espaço, pode também para outro perceptante representar um lugar, isto é, a percepção que se constrói é o limiar

entre estas categorias, pois “percepção do real é sempre intersubjetiva e histórica” (SERPA, 2001, p3).

Acerca das diversas definições e discussões sobre tal diversidade das categorias – espaço, lugar e paisagem – existem inúmeras visões. Santos (1992) considera o “espaço como uma instância da sociedade” definindo-o como uma associação de objetos geográficos, naturais e artificiais, mais a sociedade, ou ainda, como a soma da paisagem (objetos que se nos apresentam no espaço) e a sociedade. Para o autor paisagem é a “forma com que os objetivos se dão aos nossos olhos” (*op cit* 1992, p, 2) e a representatividade (valorização) associada à inter-relação destes objetos é que caracterizam o lugar.

Em uma vertente humanística, o conceito de lugar vem se enraizar na relação existente entre os seres humanos e o ambiente. Segundo Relph (1979 *apud* Serpa 2001) lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança. O surgimento desta relação tem como base a afetividade que se cria com os elementos e atributos deste espaço que, de acordo com Tuan (1983, p. 151), “[...] se transforma em lugar à medida que adquire definição e significado”. Obviamente um espaço habitado perde sua inércia e apodera-se de um espírito que acompanha o desenvolvimento de seus habitantes, que por sua vez, imprimem suas características, suas histórias incrustadas em sua configuração.

Na obra *Espaço e Lugar*, Tuan (1983) associa o conceito de lugar à segurança, enquanto que espaço é ligado à liberdade, amplidão. Oliveira (2001, p.1), comentando essas conceituações, afirma que “sentimo-nos apegados ao lugar (casa, bairro, cidade, país), mas desejamos a liberdade, a aventura, o conhecer novos lugares e novas pessoas, que nos leva a explorar e ansiar por outros espaços”. Para Relph (1979), os lugares que conhecemos e gostamos são lugares únicos e suas particularidades determinadas por suas paisagens e espaços individuais e por nossos cuidados e responsabilidade, ou ainda pelo nosso desgosto, por eles.

A diferenciação de espaço e lugar pode estar incrustada por uma série de fatores que se inter-relacionam e dentre os quais um ou outro pode ser

ressaltado. Neste contexto, os significados atribuídos ao lugar podem estar estreitamente ligados à dimensão da coletividade que nele se estabelece, de forma que o lugar pode perder seus significados a medida em que se perdem as pessoas amadas. Tuan (1983, p.151) relata uma experiência de Santo Agostinho que ao perder um amigo de infância tem os significados de lugar destruídos: "[...] para Santo Agostinho, o valor de lugar dependia da intimidade de uma relação humana particular; o lugar em si pouco oferecia além da relação humana".

Segundo Augé (1994) a definição de lugar traz implícita uma relação direta com o histórico, com o relacional e com identitário e desta forma o espaço por não possuir tais características relacionais deve ser encarado como não-lugar. "O *lugar* e o *não-lugar* são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente" (AUGÉ, 1994, p74). Assim, se a construção do lugar está pautada na relação histórico-cultural de uma população, o não-lugar adquire significado à medida que lhe é impressa a identidade de seus habitantes e que participa da construção cultural destes.

Se conhecemos lugares com afeição profunda e genealógica, ou com pontos de parada numa paisagem através do mundo, eles são colocados à parte porque significam algo para nós e são os centros a partir dos quais olhamos, metaforicamente pelo menos, através dos espaços e para paisagens. E se nos encontramos aprisionados pela circunstância ou ambientes de nossa própria escolha, estamos sempre dentro dum lugar que é colorido por nossas intenções e experiências, que também as modificam (RELPH, 1979, p18).

É arquitetando essa relação com os elementos do espaço que a história do habitante se dá, resultando muitas vezes, numa ligação intrínseca com o lugar em que esse espaço se transforma. De acordo com Bachelard (1993, p.24), "é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num 'canto do mundo'".

Reforcemos, neste momento, o conceito de paisagem. Segundo Castrogiovanni (2003, p.46), paisagem é entendida "não apenas como uma unidade visível do arranjo espacial que nossa visão alcança, mas que tem memória, [...] que é compreendida através do processo histórico". Segundo Guimarães (2002)

Paisagens emergem de uma única paisagem, segundo nossas experiências e percepções. Ao envolverem os aspectos objetivos e subjetivos de mundo vivido, cristalizam em suas respectivas imagem as estruturas das dimensões espaço-temporais onde a realidade é formada pelo real e imaginário, imprimindo marcas entre a racionalidade e a afetividade, originando complexos sistemas simbólicos (*op cit*, p118).

Para Milton Santos (2002, P.103), "paisagem e espaço não são sinônimos". O autor define paisagem como "o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza" e espaço como essas formas "mais a vida que as anima". Nos conceitos apresentados, a paisagem é uma categoria interna do espaço, sempre entendido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ação (*id.*, p.22). O autor identifica a paisagem com a materialidade transtemporal – objetos reais transpostos no passado e no presente – e o espaço como uma intrusão da sociedade no momento presente nesses objetos, o que o torna permanentemente mutável.

A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. A paisagem mostra-se, encontra-se no espaço, e através dela dotamos o espaço de valor. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual (*id*, p.104).

Uma paisagem apresenta uma conexão entre os elementos materiais, naturais ou construídos e elementos sociais com a inserção da construção da cultura que se dá pela e na paisagem, não podendo ser compreendida isoladamente em apenas uma de suas vertentes. Maciel (2000) ressalta que a compreensão das formas reveladas através da observação deve ter por base uma análise dos padrões espaciais constatados com seus elementos e suas inter-relações e que dessa forma os elementos de uma paisagem não são visto de formas separadas, mas em íntimo e dinâmico inter-relacionamento.

No processo de alteração do espaço ocorre uma troca entre este e o ser humano que o transforma imprimindo suas características específicas e ao mesmo tempo internalizando a cultura existente, configurando, assim, lugares

cujos significados se apresentam diretamente ao ser humano na forma perceptiva das paisagens.

A profundidade e a manutenção desta relação são capazes de manter a identidade sócio-cultural de um povo e a perda desta relação é capaz de destruí-la, e ainda, o conhecimento desta relação é de extrema relevância para estudos que embasem os projetos de planejamento e desenvolvimento local: "o método utilizado para investigação de experiências subjetivas de paisagem pode ser aplicado num planejamento urbano e paisagístico que leve em consideração a importância dos arquétipos e alegorias espaciais" (SERPA, 2001, p13).

É dessa forma que a apropriação do espaço, movida pelos interesses e determinações dos grupos sociais, acaba por inserir mudanças na materialidade da paisagem que, aqui consideramos, significam alterações também nos modos de viver e na interatividade dos moradores com o ambiente. Assim, o aprofundamento no conhecimento da relação do ser humano com o ambiente, que culmina na construção do lugar e lhe atribui valores e significados, pode ser atingido através do estudo da percepção ambiental dos moradores e constituir uma das bases para se criar estratégias de trabalhos que atinjam os verdadeiros pressupostos do ecodesenvolvimento e da educação ambiental.

A elucidação dos processos de apropriação do espaço e de sua configuração em lugar, revelando o significado das paisagens transformadas, pode ser foco dos estudos de percepção que adotam a abordagem fenomenológica associada à compreensão dos seus condicionantes históricos. Quando tais estudos partem do resgate histórico, tem papel fundamental a memória revelada dos atores sociais. Considerando-se, como dito, que as vivências coletivas do lugar habitado são a base das configurações ambientais e paisagísticas, e que, portanto, tais vivências podem falar claramente dos significados do lugar, tomamos a memória como um dos elementos intrínsecos ao fenômeno da percepção.

#### **1.4 Elementos da Memória na construção da relação com o lugar**

A partir da interação e da relação histórica do ser humano com o lugar habitado, ou seja, de sua história de vida, é que se constrói sua concepção de meio ambiente. A partir desta relação criam-se laços que unem o ser humano ao lugar que habita ao qual ele atribui valores e a partir do qual constrói sua identidade cultural e histórica. A perda de referenciais de ligação entre os elementos de um ambiente e a história de vida ocasiona um rompimento dos aspectos identitários e mudanças definitivas nos modos de viver e de se relacionar com o meio natural. Como considerado por Marin (2004a, p.102), "os indícios de alteração da paisagem representam mais que novas configurações físicas, mas a perda de referenciais sócio-históricos, substratos onde se ancora o universo de significações atribuído ao lugar".

Existe uma estreita conexão entre as vivências do sujeito no ambiente e a construção de sua percepção deste ambiente. Isto é, memória e percepção caminham juntas. De acordo com Marin (2003, p.33) "[...] a percepção é, a todo o momento, construída no momento presente em adição ao passado que não está absolutamente separado do primeiro". Bosi (1994, p.44) ressalta que as percepções não permanecem como fragmentos isolados da realidade histórica, de maneira que aos sentidos, que fornecem ao homem dados imediatos e presentes, se misturam vários detalhes do passado (memória): "[...] um ambiente acolhedor não é construído por um gosto refinado na decoração, mas pela reminiscência das regiões de nossa infância banhadas por uma luz de outro tempo".

A memória tem a função prática de levar o sujeito a reproduzir comportamentos adequados em determinadas situações. Para Maciel (2000, p.11), "a constituição do espaço urbano é inseparável de um movimento de organização que impõe aos indivíduos e grupos um padrão comportamental". O autor considera que não é possível pensar o espaço habitado sem levar em conta o fato de que ele se constitui no mesmo movimento em que se dá a organização social, e que esse movimento, por sua vez, é inseparável da memória.

Quando aceitamos a memória como um elemento de influência na percepção que o sujeito tem do seu ambiente, nos remetemos às dimensões deste fenômeno que não se limitam às vias racionais traduzidas em conceitos. O resgate dos processos historicamente vividos traz a tona significados do lugar,

construídos a partir das vivências onde o sujeito esteve mergulhado, resultando em interações nostálgicas que, antes de se resumirem a uma imersão romântica e idealista, provocam uma revisitação reveladora de valores e comportamentos com relação ao lugar habitado.

Esta memória aqui tratada não é, segundo Maciel (2000, p.15), uma "memória constituída de lembranças, ainda que as lembranças desempenhem um papel secundário". Na memória "o passado se repete no presente, seja pela via dos hábitos, seja pela via das funções que estendem estes hábitos, normatizando-os". Nas formas cotidianas de interação com o ambiente é que se mostram tais traços da memória, indicadores da identidade do grupo. São esses laços de identidade e suas manifestações, a partir da dimensão afetiva, que precisam ser reconhecidas quando são esperadas uma nova reflexividade e uma postura de compromisso com o futuro do lugar. Reflitamos nas palavras de Bachelard (1993, p.25): "Os verdadeiros bem-estares têm um passado [...] Todo o passado vem viver, pelo sonho, numa nova casa". Revisitar o passado significa inevitavelmente reavivar no presente os significados do encontro com o lugar habitado.

É inegável a influência da memória na vida, no cotidiano, determinando comportamentos, posturas e ações. Vale aqui citar a diferenciação feita por Bosi (1987) sobre o que vem a ser uma memória-hábito como aquela que utilizamos cotidiana e impensadamente e a imagem-lembrança, a qual, "traz a tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida" (Bosi, 1987, p09) "[...] a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida" (*op cit*, p10).

No contexto do presente estudo, o resgate de depoimentos pessoais sobre a história de vivência no lugar, nos permite caracterizar os modos de vida e suas transformações, tomando como base um conceito de percepção que inclui o pensar e as apreensões intuitivas e fluidas da relação do ser humano com o ambiente. Não se pode excluir a via racional de apreensão do mundo, assim como são inegáveis a apreensão sensível e a criação de imagens que permeiam essa apreensão, impregnadas de fatores imaginários constituídos histórica e

socialmente. É nesse sentido que associamos também o elemento imaginário como um dos constituintes da percepção.

### **1.5. A construção do Imaginário e sua relação com a percepção**

Ao longo da história do desenvolvimento do pensamento humano, vê-se uma marca milenar da interação do ser humano com o mundo: as construções imaginárias. Falar de percepção, portanto, é dizer mais que dos conceitos que o ser humano tem do mundo, mas de como constrói sobre seu arcabouço um corpo de imagens que povoam a história das comunidades humanas (MARIN & CORREA, 2007).

Não obstante à diversidade existente, a percepção de natureza nunca se restringiu ao plano racional. Esta concepção não restrita de percepção é identificada com a visão bergsoniana (BERGSON, 1999, p.1-25), que trata a constituição do fenômeno através da via intuitiva ancorada na vertente espiritualista. Apesar de ser contraposta por vários autores, essa vertente, segundo Marin (2003, p.18), “[...] continua a corroborar a metafísica e a subsidiar o pensamento contemporâneo que rompe com a era cartesiana da ciência e busca novas reflexões livres do materialismo estrito e do intelectualismo”. Assim, a percepção tem suas bases construídas tanto no real materialista quanto nas imagens construídas sobre o real, isto é, ao construirmos nossa percepção de mundo miscigenamos o concreto observável como as representações construídas sobre este.

Pautada no imaginário, a percepção encontra uma ligação direta com os símbolos construídos sobre o real. Castoriadis (1982, p.142) afirma que: “tudo o que se nos apresenta, no mundo social-histórico, está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico”, entretanto, conclui que nem tudo se esgota nos símbolos. A compreensão da história humana, associada à construção de suas percepções, que molda e direciona suas ações, não pode ser compreendida excluída do imaginário, construído como fator unificante entre o conteúdo observável e as estruturas simbólicas.

Um estudo da percepção requer, portanto, uma busca de compreensão da construção das representações das imagens através da interação com o ambiente. Podemos tomar como exemplo os lugares portadores



de paisagens paradisíacas, nos quais os estudos de percepção precisam considerar os significados de tais configurações paisagísticas para a relação dos habitantes e visitantes, uma vez que essa caracterização específica determina, em grande parte, a apropriação do espaço e configuração dos modos de viver no lugar. A imagem mítica do paraíso aplicada à percepção é um aspecto ainda muito presente em muitas formas de apropriação. O mito do paraíso está cristalizado no imaginário da humanidade desde o início da idade antiga, tendo sido reforçado principalmente pela tradição judaico-cristã. De acordo com Eliade (1991), a nostalgia do paraíso é universal, ainda que suas manifestações variem quase indefinidamente.

Maffesoli (1996, p.202) desenvolve uma reflexão histórico-crítica sobre a separação entre natureza e cultura: "há uma antiga suspeita na tradição ocidental para com tudo o que pode aproximar o homem da natureza, do animal, da terra". Não obstante, o ser humano continua a ter e expressar sua necessidade de interação com a natureza, o que é facilmente evidenciável a partir de uma análise fenomenológica da relação manifestada nas dimensões imaginária e estética.

A percepção criada sobre um determinado aspecto, objeto, situação, etc., está impregnada de simbologias que se diferenciam de acordo com as relações históricas sócio-culturais humanas. Assim, o real para cada indivíduo depende de seu contexto histórico, o que significa várias percepções possíveis. Constata-se assim, a existência não de uma realidade única, mas de dimensões da realidade que são moduladas pelos símbolos construídos individualmente sobre o real.

Neste contexto, as imagens dadas aos seres humanos são constantemente percebidas e nesta relação criam-se símbolos que dotam essas imagens de valores ou as destituem, a tal ponto que a realidade física da imagem

... parece recuar em proporção ao avanço da atividade simbólica. [...] O homem não vive em um mundo de fatos nus e crus, ou segundo suas necessidades e desejos imediatos. Vive antes em meio a emoções imaginárias, em esperanças e temores, ilusões e desilusões, em suas fantasias e sonhos. 'O que perturba e assusta o homem', disse Epíteto, 'não são as coisas, mas suas opiniões e fantasias sobre as coisas' (Cassirer, 1994, p48-49).

O pressuposto de que a construção simbólica dita os valores atribuídos às imagens que, por sua vez, vão povoar a paisagem, justifica, no contexto do presente estudo, a necessidade de compreender como estes símbolos são construídos. Assim, a significação do lugar habitado vai ter suas raízes infiltradas na relação do indivíduo com o espaço transformado, no qual imprime uma rede de significados e que, ao mesmo tempo, torna-se um espelho da valorização que lhe é atribuída. O estudo destas relações pode elucidar a complexidade relativa à construção dos lugares e assim, fornecer subsídios para propostas que visem uma organização sócio-espacial que considere tanto os anseios de populações locais como a conservação de paisagens representativas. Tal estudo passa, por consequência, pela abordagem dos laços topofílicos estabelecidos com o lugar.

### 1.6 As relações topofílicas

Segundo Tuan (1980), nas últimas décadas a análise da relação do ser humano com o ambiente foi encaminhada em duas direções, sendo uma aplicada diretamente à resolução prática de problemas ambientais e outra voltada para a compreensão da gênese desses problemas, passando pelas condições subjetivas que o determinam.

O cientista e o teórico, por seu lado, tendem a descuidar a diversidade e a subjetividade humanas porque a tarefa de estabelecer ligações com o mundo não-humano já é enormemente complexa. Entretanto, numa visão mais ampla sabemos que as atitudes e crenças não podem ser excluídas nem mesmo da abordagem prática, pois é prático reconhecer as paixões humanas em qualquer cálculo ambiental; elas não podem ser excluídas da abordagem teórica porque o homem é, de fato, o dominante ecológico e o seu comportamento deve ser compreendido em profundidade, e não simplesmente mapeado (TUAN, 1980, p.2).

Desta forma, conhecer atitudes e valores atribuídos a um determinado ambiente requer uma inserção nas relações estabelecidas entre os seres humanos e o espaço que é o resultado de um constante processo de apropriação do ser humano que nele reflete não somente suas necessidades imediatas de sobrevivência, mas também todo um modelo de valores e significados.

É arquitetando essa teia de relações com os elementos do espaço que sua história se dá, o que resulta, muitas vezes, numa ligação intrínseca com o lugar em que esse espaço se transforma. De acordo com Bachelard (1993, p.24), “é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’”.

Uma vertente da geografia humana adotou um termo – topofilia - citado por Bachelard (1993), na obra *A poética do espaço*, como “o espaço de nossa felicidade”. TUAN (1980), utilizando-o em obra homônima, foi quem talvez mais desenvolveu o conceito, definindo-o como “o elo afetivo entre as pessoas e o lugar ou ambiente físico” (Tuan, 1980, p.5) e indicando a forte ligação que o ser humano estabelece com seu meio. Essa ligação logicamente só se estabelece historicamente, de forma que, para entendê-la, é necessário conhecer a história cultural e a experiência no contexto da dimensão física do meio ambiente.

A relação estabelecida pode variar de acordo com o tipo de interação que vai determinar a atribuição de valores e significados. Não são os elementos físicos do ambiente que vão determinar uma relação em profundidade, mas as percepções, os significados e a relação imaginária com esses elementos, sobre os quais repousa a história de cada indivíduo.

Esta relação, assim como sua intensidade, está direcionada pelo tipo de contato estabelecido com o meio podendo variar do efêmero prazer de que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, ao outro extremo, sensações mais fortes e permanentes, e mais difíceis de serem expressas como “sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida” (TUAN, 1980, p107).

As possibilidades de análise abertas pela concepção de topofilia, como estruturada por Tuan, ampliam-se a três focos centrais de interesse, sendo: 1. os meios pelos quais os seres humanos reagem a uma apreciação estética, visual e pelo contato corporal, que por sua natureza se torna efêmera e, às vezes, passageira; 2. as relações de sobrevivência, familiares e construção histórica do seres humanos no lugar e 3. o impacto da urbanização que ressalta a valorização do campo e da natureza intocada.

Ao estudarmos a percepção ambiental, todas essas abordagens são fundamentais, uma vez que a ênfase em apenas um desses focos, na maioria das vezes, não é suficiente para a compreensão da complexa relação dos habitantes com o lugar. No contexto do presente estudo, como centramos a análise na percepção, não existe a possibilidade de excluirmos qualquer desses elementos na discussão, mas as questões referentes à construção histórica e o impacto da urbanização têm um lugar especial, uma vez que o foco do estudo foi justamente a percepção a partir da apropriação de espaço e mudança de paisagem.

#### **1.6.1. As relações topofílicas – estética, vivência e valorização da natureza.**

Embora a relação estabelecida esteticamente com um ambiente seja predominante em situação de contatos fugazes, que trazem o prazer visual de belezas cênicas em uma paisagem natural preservada ou de uma construção artística, como um monumento, ela não é exclusiva a estas situações e pode se manifestar sobre a apreciação de uma paisagem conhecida.

Tuan (1980) cita um relato de Kenneth Clark: "eu imagino que ninguém pode desfrutar de uma sensação estética pura por mais tempo do que se pode desfrutar do cheiro de uma laranja, que no meu caso é menos de dois minutos" e que a ampliação desse tempo numa apreciação estética está relacionada à história do objeto, ou paisagem, em questão. Ao relacionar o relato de K. Clark a um cenário, Tuan (1980, p108) considera: "não importa quão intensa, é efêmera, a não ser que nossos olhos fiquem presos ao cenário por alguma outra razão, quer pela lembrança de fatos históricos que santificaram a cena, quer pela lembrança de sua subjacente realidade geológica e estrutural".

Não obstante o seu caráter efêmero, a experiência estética educa, no sentido de que ela exercita um olhar primordial que identifica o sujeito com o objeto contemplado, e nesse sentido, liga o humano ao mundo natural. É desse olhar que flui a verdadeira criatividade humana, e que, por conseguinte, se configuram as construções imaginárias e mnêmicas que marcam definitivamente a relação do ser humano com o mundo.

Apesar de Tuan (1980, p108), relatar que “a beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido; é a antítese do gosto desenvolvido por certas paisagens ou o sentimento afetivo por lugares que se conhece bem” é possível que nesta relação estabelecida também estejam envolvidos o caráter estético de um ambiente capaz de despertar o sentimento afetivo a lugares e paisagens vivenciadas no cotidiano.

A experiência estética funda novos valores. Ela abre perspectivas autônomas e pode levar o ser humano a se emancipar daqueles valores que, pela razão ou pela heteronomia de um imaginário social, são-lhe inculcados como necessidades. Quem vivencia o fenômeno da experiência estética tem diante de si um mundo muito mais amplo e flexível que aquele desenhado pelas sociedades de consumo (MARIN, 2005, p.209).

Imerso no caráter histórico, podemos considerar conjuntamente as duas categorias citadas por Tuan (1980): as vivências diretas no lugar e as construções familiares, assim como o processo de urbanização, que implica, necessariamente, em uma mudança de paisagem. Em nosso contexto, ambas as categorias estão relacionadas ao contato com o ambiente natural, seja pela sua manutenção, no caso dos modos de vida rural peculiares na região, ou pelo crescimento desordenado da área urbana impulsionado pelo turismo, que minimiza este contato.

Tuan (1980) ressalta que o contato físico com o ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a determinadas ocasiões. A modernização e o embrutecimento dos sentidos provocado pela tecnificação do cotidiano têm provocado um distanciamento do ambiente natural.

O adulto deve aprender a ser complacente e descuidado como uma criança, se quiser desfrutar polimorficamente da natureza. Ele necessita vestir uma roupa velha que lhe permita esticar-se no feno ao lado do riacho e embeber-se em uma mistura de sensações físicas: o cheiro do feno e de estrume de cavalo; o calor do chão; seus contornos duros e suaves; o calor do sol temperado pela brisa; a cócega produzida por uma formiga subindo pela barriga da perna; o movimento das sombras e das folhas brincando em seu rosto; o ruído da água sobre os seixos e matacões, o canto das cigarras e o tráfego distante (Tuan, 1980, p111).

A busca de uma resignificação do contato com ambientes naturais, despertando a relação adormecida pelo embrutecimento dos sentidos, é uma das vertentes dos trabalhos em educação ambiental. Esta Educação, ou melhor, esta *Reeducação* para a inserção no ambiente resulta em ações de comprometimento e de religação que podem, além de criar atitudes conservacionistas, inserir momentos de vivência e ludicidade estética e de reintegração humana ao meio.

Outro aspecto que influencia significativamente a relação ser humano/natureza, e que é considerado neste estudo, é a ligação existente entre produtores rurais e a natureza, identificada nos ciclos que fazem parte do seu dia-dia. Esta ligação tem a força de criar vínculos que culminam no respeito e no cuidado aos elementos de um ambiente natural.

A topofilia do agricultor está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança... Este sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora (Tuan, 1980, p111).

As relações de respeito entre ser humano e natureza, encontradas em áreas rurais, têm sua origem na proximidade com a terra e o conhecimento dos ciclos naturais, assim como da influência destes ciclos na sua vida cotidiana.

Embora o conceito de topofilia esteja relacionado, normalmente, ao ambiente, sua determinação pode ser influenciada por outro aspecto que, por encontrar-se em um determinado ambiente, desperta um sentimento topofílico: o compartilhamento do lugar com pessoas amadas. Isso faz com que o lugar represente mais do que configurações físicas e traz a tona valores e significados. Como relatado por Tuan (1983): na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado. Retomemos a experiência de Santo Agostinho, relatada pelo autor, na qual o teólogo após a perda de um amigo de infância, disserta:

Meu coração estava agora dilacerado pela dor e para todos os lados que eu olhasse só via a morte. Meus lugares familiares tornaram-se cenários de tortura para mim, e meu próprio lar tornou-se um sofrimento. Sem ele, tudo que fizemos juntos tornou-se uma experiência insuportavelmente dolorosa. Meus olhos continuam procurando-o sem achá-lo. Odeio todos os lugares onde costumávamos nos encontrar (*op cit*, p155).

Verifica-se desta forma a amplitude dos fatores que compõem a gênese do sentimento topofílico, que podem estar vinculados ao lugar, como espaço transformado, ou a algum elemento constituinte deste espaço. A manutenção desta relação é dependente da permanência e resgate destes elementos norteadores do sentimento e sua perda pode implicar na destruição dos laços construídos.

Pode-se considerar que um importante fator desintegrador da topofilia na sociedade contemporânea está na individualização humana, na perda de referenciais paisagísticos, na quebra de laços familiares, principalmente com o êxodo rural, etc. Frutos da modernização e da satisfação das necessidades construídas.

Neste contexto, o conhecimento das relações topofílicas representa uma das bases sobre as quais os trabalhos em educação ambiental podem desenvolver-se, buscando uma reintegração do ser humano ao lugar habitado e protegendo os resquícios de fatores que ainda mantêm viva essa ligação, na tentativa de evitar a perda de referenciais e a desestabilização do sentimento de pertença ao lugar habitado.

### **1.7. Apropriação do espaço e modelos de desenvolvimento**

A apropriação do espaço se dá de diversas maneiras sendo influenciada pela motivação, anseios e necessidades individuais e grupais. Segundo Kuhnen (2001) a apropriação do espaço está baseada em três fatores: a sensação de pertencimento ao lugar, a satisfação residencial relacionada à valorização ambiental associada ao investimento afetivo na moradia e a situação coletiva de pertencer a um determinado grupo. Como já apontado, a consequência dessa apropriação do espaço é a atribuição de significados e valores que lhe conferem a característica de lugar.

No processo de apropriação imprimem-se no espaço valores e descasos em relação aos constituintes da paisagem que o ocupa. Desta forma, avaliações das alterações no espaço podem, por vezes, indicar os anseios de uma determinada população em relação ao lugar. Da mesma forma que se

imprime valores em um determinado espaço, as características deste espaço também são impressas no novo morador através da internalização da cultura local, dos valores e costumes de uma determinada região. Associado a essa influência mútua, é possível ainda que a cultura alóctone se propague e subsuma a cultura local, restringindo-a aos moradores mais antigos. Marin (2003) relata a existência do risco de descaracterização que acompanha o processo de apropriação do espaço. Em muitos casos, no lugar de se estabelecer uma adaptabilidade de grupos migrantes no novo meio, se dá uma adequação do meio aos seus padrões topofílicos.

Este processo de esmagamento cultural traz consigo uma perda de referenciais sobre os quais as sociedades, principalmente em áreas interioranas e com potencial turístico, se constroem.

O caráter inconfundível de um lugar faz o sentido de sua preservação, e esta passa a ser inquestionável porque gerações presentes e futuras têm o direito de receber informações sobre a memória dos grupos sociais inscrita no espaço. Ele participa da nossa história, cujo conhecimento estabelece condições afetivas para a formação da cidadania através do reconhecimento do fazer humano progressivo. Os lugares estão em nossa memória e identidade, as quais passam pela trama das relações sociais, compartilhando códigos e sendo simultaneamente afetividade na lembrança do passado (KOHLSDORF, s/d, *apud* Kuhnen, 2001, p.4).

No caso do presente estudo, procurou-se trabalhar com moradores de longa data e migrantes, a fim de conhecer os diferentes anseios neste processo de ocupação e utilização dos bens naturais disponíveis, associada às alterações nos modos de vida.

Não obstante, todo processo de ocupação provoca alterações na paisagem que podem caracterizar uma perda de referenciais sobre os quais a identidade do lugar se apóia. O processo de identificação com o lugar, construído historicamente, acaba por se tornar uma vítima da modernização e do capitalismo crescente. Kuhnen (2001) relata que

... a cada dia a civilização ocidental sobretudo, se convence mais do que ganhou em progresso e perdeu em outras dimensões da vida. A paisagem é uma delas. Enquadrada dentre outras perdas, que lamentamos a cada dia, caracteriza um dos aspectos da relação sociedade/natureza (*op cit*, p.5).

Associada a este impacto direto nos elementos da paisagem há ainda, a perda de laços topofílicos e nos modos de vida, impactos também sócio-culturais significativos. É nesse contexto que se apresenta a necessidade de



refletirmos sobre o modelo de desenvolvimento e suas conseqüências diretas e indiretas para o foco do nosso estudo.

## 1.8. O desenvolvimento e suas conseqüências sobre as relações com o ambiente

### 1.8.1. O desenvolvimento turístico

Apontado muitas vezes como uma das poucas possibilidades de renda para determinadas localidades (região ou cidade), a atividade turística traz consigo um desenvolvimento econômico associado a uma transformação local paisagística e cultural.

As cidades com grande desenvolvimento turístico têm sofrido agressões provenientes das mais variadas origens, desde a utilização excessiva de uma infraestrutura insuficiente até intervenções diretas na cultura local. Esse processo tem provocado alteração na identidade de moradores que ao internalizarem uma cultura imposta são obrigados a alterar sua própria identidade.

Qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura, apesar de essa transformação poder não estar sempre visível, especialmente para um estranho [...] Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem (COSGROVE, 1998, p. 102, 108).

Ao discutir o esmagamento de expressões culturais locais, Cosgrove (1998) relata que a expressão cultural mais evidente em um determinado lugar tem suas origens na classe econômica dominante, denominada pelo autor de *Paisagens da Cultura Dominante*.

[...] cultura dominante é a de um grupo com poder sobre os outros. Quando falo em poder não quero me referir apenas ao sentido limitado de um grupo executivo ou de governo em particular, mas precisamente ao grupo ou classe cuja dominação sobre outros está baseada objetivamente nos controles dos meios de vida: terra, capital, matérias-primas e força de trabalho (*op cit*, p111).

O processo de desestruturação de identidades tem se instalado com muita freqüência em cidades que apresentam um rápido crescimento,

especialmente aquelas com potencial turístico, que acabam por absorver iniciativas de mudanças estruturais e paisagísticas que não correspondem aos anseios da população local. A análise deste processo de desestruturação – ou reconstrução – identitária pode gerar importantes subsídios para planejamentos locais. Porém, para se entender as verdadeiras construções culturais é necessário o conhecimento dos diversos aspectos que permeiam a formação desta cultura.

Fazer isso exige que entremos na consciência cultural dos outros. Na paisagem, o bosque sagrado ou a fonte sagrada, o local da batalha que fundou ou salvou uma nação são lugares de intenso significado cultural pelos quais os não iniciantes passam. Revelar os significados na paisagem cultural exige a habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de maneira auto-consciente e, então, *re*-presentar essa paisagem num nível no qual seus significados possam ser expostos e refletidos (*op cit*, p103).

Apesar dos benefícios econômicos advindos da atividade turística podemos considerar que esta também constitui uma forma de invasão sócio-cultural. Por outro lado, Luchiarí (1998) apresenta uma visão diferenciada ao considerar que esse processo de alteração paisagística e cultural é um movimento normal e aceitável, já que, o lugar recebe determinações externas e as combina às narrativas locais. Segundo a autora “a gestação de uma nova configuração sócio-espacial é prenhe do mundo e do lugar” e ressalta que as cidades turísticas apresentam uma nova forma de urbanização pelo fato de serem organizadas não para a produção de bens e consumos, mas para a produção de serviços e paisagens.

É notório que devemos considerar fatores que mantêm a atividade turística como paisagens preservadas e ampliá-los, entretanto isso deve ser feito sem que haja a perda de peculiaridades culturais que, além de sua importância intrínseca indiscutível, também integram a gama de atrativos turísticos de uma determinada região. Vale considerar também que não há um processo organizativo na maioria das cidades turísticas o que faz com que em determinadas datas festivas (feriados) ou períodos de férias haja uma sobrecarga nos sistemas infra-estruturais dos municípios (água, luz, esgoto, telefonia, etc) insuficientes para atender a demanda aumentada. Esse caos, normalmente constatado, acaba por prejudicar a vida dos moradores locais que além de serem atingidos pela falta de infra-estrutura perdem o sossego e a tranqüilidade.

Luychiarí (1998) afirma que a urbanização turística coloca as cidades no mercado de paisagens naturais e artificiais provocando uma reestruturação econômica voltada a esse fim.

Assim, estabelece-se uma relação entre antigas paisagens e velhos usos e novas formas e funções. E este movimento entre o velho e o novo impulsiona a relação do lugar com o mundo que o atravessa com novos costumes, hábitos, maneiras de falar, mercadorias, modos de agir. Assim a identidade do lugar é constantemente recriada, produzindo um espaço social híbrido, onde o velho e o novo fundem-se dando lugar a uma nova organização sócio-espacial (*op cit*, 1998, p.2).

Devemos considerar, no entanto, que se a organização e a identidade local não estiverem plenamente reconhecidas pelos moradores, ao contrário da miscigenação proposta por Luchiarí, instala-se um processo de descaracterização e aculturação do lugar. Isso faz com que olhemos ainda mais atentamente a contextos onde a população local não tem uma participação ativa no gerenciamento do lugar e não passaram por um processo de reconhecimento e valorização da própria identidade. O respeito e a valorização da cultura de um povo só pode ser inserido e trabalhado junto aos turistas a partir do conhecimento dos anseios dessas comunidades e dessa forma impedindo que a inserção de capital externo, aliado a uma cultura externa, marginalize ou transforme, a cultura local e as tradições em função de um desenvolvimento que, ao desconsiderar as peculiaridades locais, altera as características do lugar e provoca a perda de vínculos topofílicos.

Ao discutir esta questão, Almeida (2003, p.13), relata que "é o homem o sujeito, produtor do espaço. Esta produção está estreitamente vinculada às relações sociais, políticas, ideológicas, culturais e ela implica em um modo de produzir, de pensar, de sentir e, logo, em um modo de vida". Entende-se, portanto, que os modos de vida são elementos que definem a identidade do lugar e seus significados, devendo ser foco de atenções nas ações de planejamento do desenvolvimento local.

Aqui é conveniente apontar um conflito que essa característica do turismo local acaba por ocasionar: as percepções do turista e do morador. Tal conflito quase sempre passa a significar um sentimento de invasão e desconforto dos moradores, não obstante haja um interesse claro nas oportunidades

econômicas que essa intromissão pode proporcionar. Entre os impactos negativos do turismo apontados por Ruschmann (1997, p.57), estão justamente as barreiras sociopsicológicas que podem se estabelecer entre as comunidades receptoras e os turistas. Não discutiremos aqui essas oportunidades centradas na idéia do desenvolvimento econômico que impera nos discursos de nossa sociedade capitalista. Queremos, sim, evidenciar as perdas que as ações focadas em tal discurso podem ocasionar.

Nossa principal reflexão para detalhar esse conflito está embasada nos significados da busca do turista por lugares que supostamente representam algo diverso daqueles onde se dão suas vivências cotidianas, na sua grande maioria representados pelos grandes centros urbanos. A busca dos turistas é quase sempre uma busca de experiência sensível de paisagens paradisíacas que sejam identificáveis com suas imagens criadas, tanto a partir das raízes de um imaginário coletivo, quanto daquelas elaboradas pelas agências para estimular seu movimento (MARIN & CORREA, 2007).

Almeida (2003) diz que a busca de determinados lugares por turistas está inteiramente relacionada ao imaginário criado neste espaço: "[...] é o imaginário que dá sentido a circulação turística e a diferencia de outras formas de mobilidade" (*op cit*, p12). Consideramos que o imaginário construído pela indústria do turismo é limitado a uma composição de quadros com imagens paradisíacas e não abarca a total realidade local com sua cultura e história e, desta forma, provoca uma inserção de valores absorvidos, normalmente nos grandes centros, em comunidades pequenas as quais tem sua cultura invadida, miscigenada e, às vezes, destruída.

Um turismo sustentável, a despeito da massificação deste termo<sup>1</sup>, seria aquele em que a história e a cultura local fossem respeitadas e mantidas. Porém, a percepção do turista já vem moldada por imagens paradisíacas do lugar com base nos interesses dos agentes de viagem e da mídia e difere totalmente da visão do morador que ao estabelecer laços topofílicos com o lugar passa a lhe atribuir os verdadeiros significados, os quais, a percepção moldada do turista não

---

<sup>1</sup> No ano de 1987, a Comissão Mundial da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED), presidida por Gro Harlem Brundtland e Mansour Khalid, apresentou um documento chamado Our Common Future (Nosso Futuro Comum), mais conhecido por relatório Brundtland. O relatório diz que "Desenvolvimento sustentável é desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem suas próprias necessidades"

abarcas. Estas colocações direcionam para o que Augé (1994) definiu como não-lugares: “por não-lugar designamos duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços” (AUGÉ, 1994, p.87).

Nota-se que a diferenciação de lugares e não-lugares centra-se na relação estabelecida do viajante com o lugar, as paisagens, das quais o turista nunca tem se não visões parciais, 'instantâneas', somadas confusamente em sua memória e, literalmente, recomposto no relato que ele faz delas. Existem espaços onde o indivíduo se experimenta como espectador, sem que a natureza do espetáculo lhe importe realmente (AUGÉ, 1994).

A busca por lugares compostos de paisagens paradisíacas tem sido ampliada como uma fuga dos grandes centros urbanos. Duarte (2004, p.19-22) faz uma análise reflexiva sobre a deseducação dos sentidos no mundo moderno, decorrente de um ambiente social degradado, de um espaço urbano rude e de uma crescente deterioração ambiental. Há, portanto, uma necessidade de reeducação da percepção que o ser humano tem do mundo, da natureza e do lugar habitado: “hoje, todavia, na esteira dessa regressão sensível operada pela sociedade industrial, a questão é verificar-se o quão embrutecidos e toscos se encontram os sentidos humanos” (*id.*, p.26).

As práticas turísticas são, segundo Almeida (2003), embasadas em imagens e sons, ou melhor, na representação criada sobre elas. Segundo a autora “as representações são fundadas sobre a aparência dos objetos e não sobre o objeto em si. [...] os turistas contemplam as representações, as idéias da paisagem, dos objetos que foram e estão sendo internalizadas cada vez mais por postais, folhetos, revistas de viagens, televisão, etc” (*op cit*, p.15). E ao viajar o turista busca essas imagens, ou melhor, a representação destas imagens. Entretanto, essa prática não pode ser considerada errônea, já que tais imagens existem e são reais, mas incompleta. A alma do lugar não se resume a imagens. Ela está associada à história e a cultura de um povo, aspectos que podem ser “explorados” no turismo, porque, além de gerar renda para a população local, faz com que essa cultura ganhe força e não seja destruída ao ser sufocada pela presença de cultura externas.

É importante que se considere a atividade turística como a fonte de renda principal de um determinado local, entretanto, e preciso, que se considere a agressão que essas buscas por lugares paradisíacos representam e as mudanças para a qualidade de vida dos moradores de um lugar. Como evidenciado anteriormente, as mudanças excessivas de paisagem, associadas a perda da tranqüilidade, pode refletir diretamente no vínculo dos moradores com o lugar habitado provocando uma quebra dos laços topofílicos.

### **1.9. Mudanças estruturais e sua relação com a qualidade de vida**

Considerar o desenvolvimento local com suas mudanças estruturais e suas associações com a qualidade de vida da população requer o rompimento das fronteiras que distanciam conhecimentos objetivos e subjetivos, possibilitando planejamentos que considerem os seres humanos que estão inseridos neste ambiente como os principais atores do processo, assim como incentivando sua participação nos planos diretores locais.

Os princípios do desenvolvimento de uma região, cidade, país, etc., estão pautados no que se considera imprescindível à estrutura social e as necessidades humanas, que por sua vez, são moldadas pela mídia e pelas imposições de consumo que são temporal e geograficamente diferentes. Essas considerações remetem ao conceito de qualidade de vida, que esteve, no decorrer de seu desenvolvimento, associado inicialmente a aspectos objetivamente econômicos e atualmente considerado como uma questão complexa e multifacetada com a inserção da natureza subjetiva das questões sociais (GUIMARÃES SILVA, 1997 *apud* PIETRAFESA, 2003, p. 37).

Reafirmando essa idéia de construção de conceito, Martin e Stockler (1998 *apud* MINAYO *et al*, 2000), afirmam que a concepção de qualidade de vida está na distância entre as expectativas individuais e a realidade, sendo que

quanto menor tal distância, melhor. Nota-se visões múltiplas para o conceito "qualidade de vida" definido como um termo subjetivo e impreciso.

A qualidade de vida como um estado duradouro de condições humanas é fruto do trabalho e deve ser entendida como condições reais de vida humana, situadas tanto no ambiente quanto no tempo. Assim, os níveis de qualidade de vida estão diretamente relacionados a diversos fatores considerados por Minayo (2000) como subjetivos (como bem-estar, felicidade, amor, prazer e realização pessoal) e objetivos (satisfação das necessidades básicas e das necessidades criadas pelo grau de desenvolvimento econômico e social de determinada sociedade).

Não é simples estabelecer um consenso teórico sobre esta expressão, já que existe a influência de diversos fatores que se alteram dependendo da posição geográfica e da sociedade foco da análise. Além disso, o fato de se inserirem fatores subjetivos torna complexo quantificar os elementos que interagem para reformular sua determinação. No entanto, isto não pode ser motivo para excluir qualquer um dos fatores. Porém, ainda que sejam utilizados critérios materiais específicos da experiência cotidiana, a dimensão subjetiva deve ser considerada, a fim de se obter uma percepção integral desse conceito.

Em síntese, podemos assumir aqui que generalizar o termo qualidade de vida pode ser errôneo, ela precisa ser compreendida dentro da experiência cotidiana e pessoal de cada um dos envolvidos. Elementos da personalidade e do contexto social e econômico devem ser incluídos no planejamento e nas estratégias de ação vinculadas à melhora da qualidade de vida.

É importante a constatação de que em todas as abordagens sobre qualidade de vida, aspectos não materiais como amor, liberdade, solidariedade e inserção social, realização pessoal e felicidade, estão presentes.

Tentando sintetizar a complexidade da noção de qualidade de vida e de sua relatividade às diferentes culturas e realidades sociais, diversos

instrumentos têm sido construídos. Alguns tratam a saúde como componente de um indicador composto, outros têm, no campo da saúde, seu objeto propriamente dito (MINAYO et al,2000, p. 10).

Adotaremos neste estudo o conceito de qualidade de vida expresso por Minayo (2000) que contempla seus aspectos objetivos e subjetivos. Assim, segundo Trevizan (2000, p. 2), "é preciso identificar as necessidades básicas para incorporar internamente os fatores que desencadeiam melhoria na qualidade de vida. Esta é uma exigência que não revela as imposições da esfera global, mas que demandam uma postura crítica frente a elas".

Em conseqüência deste conceito, estamos coerentes quando apresentamos a perda de referenciais topofílicos e as mudanças de paisagem e de modos de viver como elementos históricos que influenciam diretamente a qualidade de vida dos habitantes de um determinado lugar. Quando falarmos em qualidade de vida, ao analisar os depoimentos dos atores do presente estudo, estaremos levando em consideração essas condições subjetivas de ligação com o lugar habitado.

#### **1.10. Modelos conservacionistas em áreas de interesse turístico e ambiental**

Qualquer tipo de interferência em um determinado lugar pode significar a mudança do arcabouço de significações que definem a relação do ser humano com o ambiente. Nesse sentido, não só a gestão associada ao desenvolvimento e crescimento econômico, como as já citadas atividades de turismo e agropecuária, mas também as relacionadas à conservação de ambientes naturais não antropizados podem representar um foco de redefinições na percepção da comunidade local. Nesse sentido, tratamos aqui também dos possíveis significados do modelo de gestão conservacionista para a percepção ambiental da população local, tendo em vista que o contexto estudado abriga uma unidade de conservação estadual de proteção integral.



As unidades de conservação são regulamentadas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) instituído pela Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000. Essa lei estabelece critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação. Nesta lei o conceito de Unidade de Conservação está definido da seguinte forma:

[...] espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (art. 2º).

A área de estudo deste trabalho, Parque Estadual da Serra de Caldas Novas, é uma unidade de conservação de proteção integral<sup>2</sup> e tem como objetivo básico preservar ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica possibilitando a realização de pesquisas científicas e trabalhos de educação e interpretação ambiental, de recreação e turismo. A visitação está sujeita as normas estabelecidas no plano de manejo.

No Art. 4º o SNUC define os seguintes objetivos para as UCs: I - contribuir para a manutenção da diversidade biológica e dos recursos genéticos no território nacional e nas águas jurisdicionais; II - proteger as espécies ameaçadas de extinção no âmbito regional e nacional; III - contribuir para a preservação e a restauração da diversidade de ecossistemas naturais; IV - promover o desenvolvimento sustentável a partir dos recursos naturais; V - promover a utilização dos princípios e práticas de conservação da natureza no processo de desenvolvimento; VI - proteger paisagens naturais e pouco alteradas de notável

---

<sup>2</sup> O SNUC divide as unidades de conservação em dois tipos, com características específicas: unidades de proteção integral e as unidades de uso sustentável. As unidades de conservação de **proteção integral** têm como objetivo básico preservar a natureza, e é admitido apenas para o uso indireto de seus recursos naturais, com exceção dos casos previstos na Lei. É composto pelas seguintes categorias de unidade de conservação: Estação Ecológica; Reserva Biológica; Parques; Monumento Natural; Refúgio da Vida Silvestre. Já as **unidades de uso sustentável** que têm como objetivo compartilhar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela de seus recursos naturais são: Área de Proteção Ambiental; Área de Relevante Interesse Ecológico; Floresta Nacional; Reserva Extrativista; Reserva de Fauna; Reserva de Desenvolvimento Sustentável; Reserva Particular do Patrimônio Natural.

beleza cênica; VII - proteger as características relevantes de natureza geológica, geomorfológica, espeleológica, arqueológica, paleontológica e cultural; VIII - proteger e recuperar recursos hídricos e edáficos; IX - recuperar ou restaurar ecossistemas degradados; X - proporcionar meios e incentivos para atividades de pesquisa científica, estudos e monitoramento ambiental; XI - valorizar econômica e socialmente a diversidade biológica; XII - favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico; XIII - proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente.

No entanto, apesar da clareza desses objetivos, algumas considerações críticas com relação ao modelo de unidades de conservação têm sido feitas atualmente. A mais recorrente delas diz respeito às unidades de proteção integral por excluírem, em alguns casos, as formas de interatividade do elemento humano da paisagem.

Até a década de 60, quando um intenso movimento crítico é dirigido à pressão exercida pela modernização sobre o ambiente nas últimas décadas, os modelos conservacionistas estavam voltados unicamente à preservação de ecossistemas naturais.

...marcaram o aparecimento de um novo ecologismo em contraposição à antiga "proteção da natureza", cujas instituições provinham do século XIX (sociedades de proteção da natureza, da vida selvagem, dos animais, etc.) Esse novo ecologismo provinha de um movimento ativista que partiam de uma crítica da sociedade tecnológico-industrial (tanto capitalista quanto socialista), cerceadoras das liberdades individuais, homogeneizadora das culturas e, sobretudo, destruidora da natureza (DIEGUES, 2000, p. 39).

Essa contraposição a uma cultura que vinha sendo estabelecida a cerca de quatro séculos suscitou a necessidade de contato com o ambiente natural, um retorno às origens, denominado pro Grün (1996) como arcaísmo que influenciou pessoas a abandonarem a vida nas grandes cidades e buscarem a vida no campo. Segundo Marin, et al, (2004b) "trata-se de uma visão baseada no ideal de uma vida simples, modesta e humilde que permite uma coexistência

pacífica dos homens com outros organismos vivos" (*op cit*, p. 303). Assiste-se, portanto, na sociedade contemporânea uma busca por este retorno ao contato com os ambientes naturais e sua valorização na criação de áreas naturais protegidas que teriam por finalidade, além de preservar a biodiversidade existente, fornecer possibilidades de contato com a natureza.

Neste contexto, surgiram inúmeras discussões acerca do assunto, tanto no que diz respeito ao estabelecimento de tais áreas assim como no seu uso. Segundo Diegues (2000), a criação de áreas naturais protegidas tem a finalidade de preservar espaços com atributos ecológicos importantes e são estabelecidas para que sua riqueza natural e estética seja apreciada pelos visitantes, não se permitindo ao mesmo tempo a moradia de pessoas em seu interior. O autor caracteriza esse modelo de criação de unidades de conservação com base na busca pelo paraíso perdido "lugar desejado e procurado pelo homem depois de expulso do Éden" e denomina essa busca pela natureza intocada como "um neomito, ou mito moderno" (*op cit*, p.13).

As críticas ao estabelecimento de áreas preservadas pautam-se exatamente na impossibilidade de coexistência entre ser humano e natureza pela criação de áreas inacessíveis, ou com acesso restrito. Nessa concepção, supõe-se que a única maneira de preservar a natureza é distanciando-a do ser humano. O modelo de áreas protegidas implantado no Brasil tem sua gênese na concepção de áreas protegidas construída no século passado nos Estados Unidos para proteção da vida selvagem. Segundo Arruda (1999, p.83),

A idéia que fundamenta este modelo é a de que a alteração e domesticação de toda a biosfera pelo ser humano é inevitável, sendo necessário e possível conservar pedaços do mundo natural em seu estado originário, antes da intervenção humana. Lugares onde o ser humano possa reverenciar a natureza intocada, refazer suas energia materiais e espirituais e pesquisar a própria natureza.

Apesar de ser um aspecto que vem sendo amplamente discutido, as práticas continuam inalteradas. Ferreira (2004) ressalta a necessidade de substituição do paradigma teórico e político das áreas protegidas compreendidas como ilhas de biodiversidade circundadas por paisagens alteradas pela ação humana pelo novo paradigma biorregional, que prevê a criação e manutenção

de redes de áreas protegidas integradas ao contexto regional onde se inserem (*op cit*, p.48). É notório que a integração das áreas circundantes, assim como de sua população, é de extrema relevância para a conservação, não apenas da biodiversidade existente, mas também das características locais que conferem a estes espaços privilegiados do mundo sua beleza e sua importância.

Porém, as características individuais de cada área que se destina a criação de uma área protegida devem ser analisadas, já que uma normatização, por vezes, não abarca a gama de pontos importantes a serem considerados ou impõe situações insustentáveis em determinados casos. Um aspecto importante diz respeito às populações que ali vivem e viviam antes da apropriação da área pelo Estado. Este fato é considerado como uma das dificuldades "na gestão e manutenção das unidades de conservação de uso restrito criadas para a preservação dos recursos naturais" (Arruda, 1999, p79).

Numa análise avaliativa sobre a importação do modelo de unidades de conservação no Brasil, Diegues (1999) considera:

É fundamental enfatizar que a transposição do modelo *Yellowstone*, de parques sem moradores, provenientes de países industrializados e de clima temperado, para países do Terceiro Mundo, cujas florestas remanescentes foram e continuam sendo, em grande parte, habitadas por populações tradicionais, está na base não só de conflitos graves, mas de uma visão inadequada de áreas protegidas (*op cit*, 1999, p.37).

Os modelos de unidades de conservação, seja eles de proteção integral ou uso sustentável, têm provocado o distanciamento dos moradores locais destas áreas o que resulta, muitas vezes, em um desconforto da população e uma visão distorcida da necessidade da área preservada. Segundo Brandon et al(1998), os usos sustentáveis dos recursos naturais devem ser incentivados e implementados no entorno de parques e reservas e nos corredores que compõem as redes de unidades de conservação.

As discussões acerca deste tema giram em dois eixos principais. O primeiro diz respeito a áreas que devem ser destinadas a preservação em função de sua importância biológica e de atributos cênicos e, o segundo eixo, tem como

norte a dicotomia conflitante entre ser humano e natureza. Segundo Arruda (1999) este modelo supõe que as comunidades locais não são capazes de desenvolver um manejo consciente dos recursos naturais disponíveis. O autor ressalta que em alguns casos de extrativismo descontrolado a afirmação acima pode ser verdadeira, entretanto, existem muitas exceções. Este ponto de nosso estudo tem por base as relações ser humano com o ambiente natural no entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas Novas – Goiás.

### **1.11. Síntese das reflexões teóricas apresentadas**

Nossas reflexões teóricas passaram pelos seguintes aspectos: as transformações na relação ser humano-ambiente e seus aspectos históricos, incluindo as formas como esse processo foi influenciado pela racionalidade moderna; a percepção ambiental e suas categorias associadas; a topofilia e a apropriação do espaço e suas conseqüências diretas, como mudanças de paisagem e modos de viver e concretização de modelos de desenvolvimento.

Importa, por fim, entendermos que esses elementos estão profundamente inter-relacionados, desenhando tanto os discursos proferidos pelos sujeitos mergulhados em suas concretudes, quanto as ações empreendidas na configuração do ambiente. Essas inter-relações estarão visivelmente presentes na análise que faremos da realidade concreta estudada. No sentido de tornar essas inter-relações mais claras, apresentamos nas Figuras que seguem um esquema representativo da complexidade da percepção (Figura 04) e outro com a relação dela com os demais aspectos considerados (Figura 05).



Figura 04 – Esquema representativo das inter-relações da percepção com os elementos estudados.

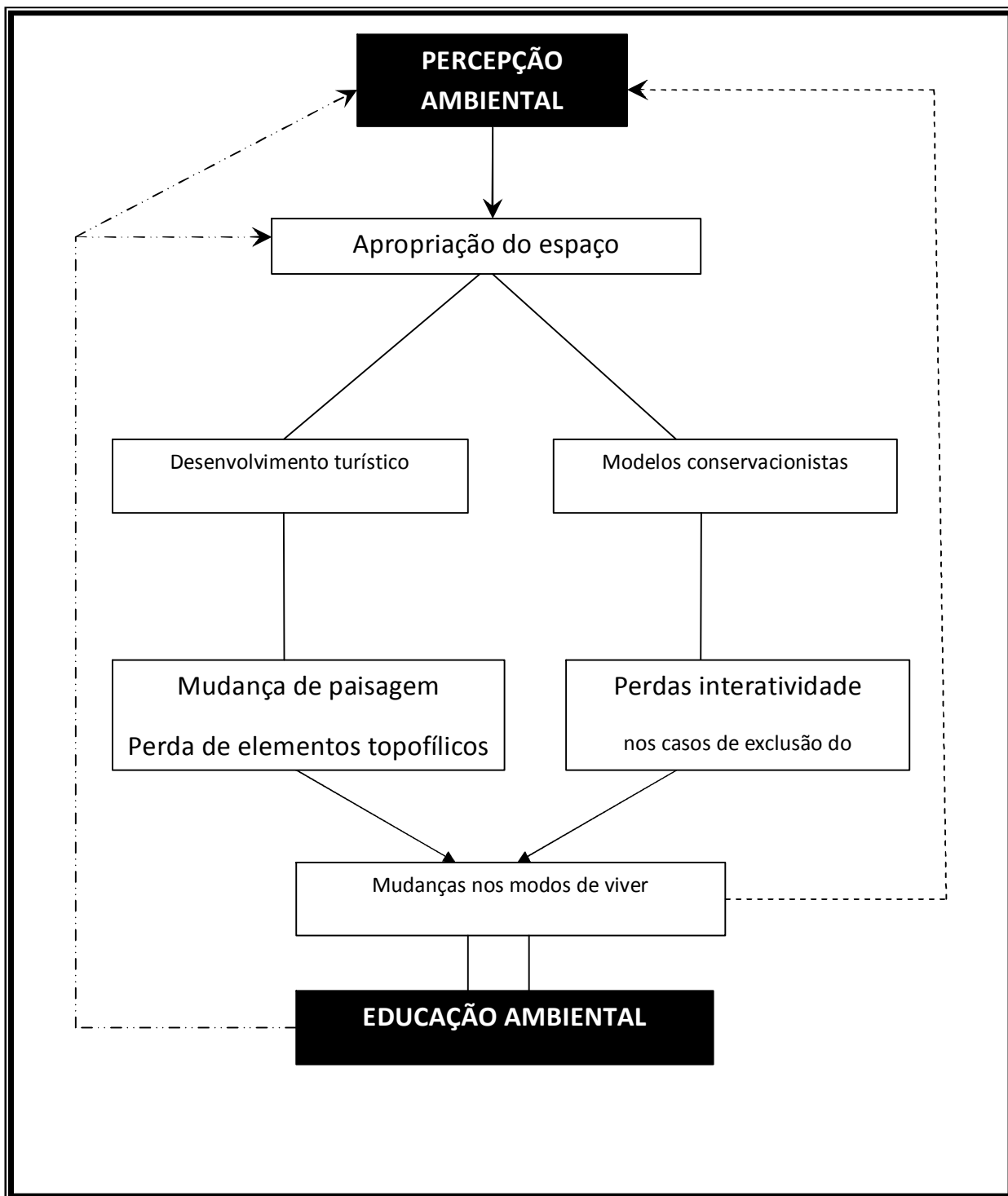


Figura 05 – Relação da percepção com os elementos considerados na análise.

## 2. CAPÍTULO II – universo concreto: a realidade estudada e suas revelações

A realidade estudada – Dados históricos

A dimensão humana – caracterização dos moradores e dos atores da pesquisa

Percepção ambiental, Indicadores subjetivos de qualidade ambiental e de vida, Conhecimento popular, Ocupação do espaço



## 2.1. Introdução ao Capítulo II

Este trabalho teve como base o estudo empírico realizado no entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas em Caldas Novas, Goiás. Assim, apresentamos neste capítulo um rápido histórico de ocupação e construção do lugar a partir da descoberta das águas termais em 1777.

Neste processo passamos pela ocupação da região, característica do Estado de Goiás, iniciada pela busca de ouro e pedras preciosas, pela agropecuária, que veio substituir a mineração incentivada pelo governo federal e pelo turismo, atividade que predomina atualmente no município de Caldas Novas.

Apresentaremos a sistematização dos resultados encontrados com os eixos temáticos: percepção, apropriação do espaço e qualidade de vida com suas respectivas categorias de análise identificadas a partir da sistematização dos relatos dos moradores.

No eixo temático percepção ambiental foram identificadas as categorias inter-relacionadas: relação com o ambiente natural, topofilia, conhecimento popular e imaginário que retratam as formas de relação dos indivíduos com o espaço transformado através do processo de apropriação, segundo eixo temático, através do qual tem-se a transformação das paisagens pelo desenvolvimento turístico e agropecuário, além da adoção da categoria de "Parque Estadual" como modelo de conservação, com foco na relação existente entre os moradores e o PESCOAN. Outro foco, identificado nas análises dos discursos, é a relação existente entre a perda de referenciais e a adoção de tecnologias, tanto no cotidiano quanto nos sistemas de produção. Este foco direciona a uma dicotomia existente entre conservação dos recursos naturais, e manutenção dos modos de viver local, e o crescimento econômico com a utilização de tecnologias, ou melhor, uma dicotomia entre desenvolvimento e crescimento.

## 2.2. A realidade estudada: dados históricos de Caldas Novas/Goiás

A história de Caldas Novas foi registrada por alguns autores que foram norteadores da construção histórica do lugar que segue. Embora muitos artigos

científicos tenham sido publicados sobre o lugar até hoje, a grande maioria refere-se aos aspectos físicos da formação geológica e aos recursos hídricos termais.

Relatando a construção histórica regional foram encontrados quatro autores principais, cujas obras concordam em conteúdo histórico e tem por base o livro “As Fabulosas Águas Quentes de Caldas Novas<sup>3</sup>” de 1973, ressaltando, em nosso contexto o capítulo do próprio autor, que é, possivelmente, um dos relatos mais antigos que se tem sobre o lugar e que também foi utilizado em outras obras como “Complexo Termal de Caldas Novas<sup>4</sup>”, focado nos aspectos físicos do ambiente, porém com algumas informações históricas; “Caldas Novas: além das águas quentes<sup>5</sup>”, que traz o histórico mais detalhado encontrado e “Memórias de um Botocudo<sup>6</sup>”, que embora focado numa história familiar traz importantes informações sobre o lugar. As informações mais específicas estão acompanhadas de citação.

Embora as primeiras informações sobre águas termais em Caldas Novas datam de 1545, foi em 1722 que Bartolomeu Bueno da Silva (filho do Anhanguera) encontrou as fontes termais formadoras do Rio Quente que foram chamadas, posteriormente, de Caldas Velhas, local onde hoje se localiza a Pousada do Rio Quente. Meio século mais tarde o potencial de aproveitamento econômico do local foi vislumbrado por Martinho Coelho da Siqueira, que descobriu acidentalmente a Lagoa do Pirapitinga em 1777 durante uma caçada na região, que segundo relatos, seus cães ao perseguirem um veado caíram nas fontes termais e escaldaram-se fazendo barulho e chamando a atenção de seu dono. Esta cena foi immortalizada por Félix Taunay em um quadro a óleo em 1862 e copiada fielmente por Valdecy di Lima. A obra encontra-se no museu de Belas Artes no Rio de Janeiro (Figura 06, fonte: [webcaldas.com.br](http://webcaldas.com.br)).

---

<sup>3</sup> Saint-Hilaire, Auguste de, *et al.* As fabulosas águas quentes de Caldas Novas, Ed. Oriente, 3ª ed. 1973.

<sup>4</sup> Teixeira Neto, Antonio *et al.* Complexo termal de Caldas Novas. 1ª reimpressão. Ed. UFG, Goiânia-GO, 1986.

<sup>5</sup> Albuquerque, C. Caldas Novas: além das águas quentes, Ed. Kelps, Goiânia-GO, 1996.

<sup>6</sup> Bretas, G. F. Memórias de um botocudo, Cãnone Editorial, Goiânia-GO, 2001.



**FÉLIX-ÉMILE TAUNAY:** *Descoberta das águas termais de Piratininga, s.d.*  
Óleo sobre tela, 178 x 137 cm.  
Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

Figura 06 – Quadro de Félix Taunay retratando o descobrimento das águas quentes do Pirapitinga (Lagoa Quente).

Relata-se que Taunay teve como base e fonte de inspiração a seguinte descrição de Saint-Hilaire:

*Setenta léguas a Sudoeste da cidade de Goyaz, ao lado oriental de uma serra denominada – Serra de Caldas – existem as águas thermaes de Pirapetinga, descobertas pelos gritos com que as deram a conhecer os cães do caçador Martinho Coelho, que primeiro nellas se escaldaram por acaso a mais de um século.*

*É uma lago de 150 palmos de comprimento por 20 de largo, cuja temperatura chega quase a água fervendo.*

*Martinho Coelho, sem atender aos latidos dos seus cães, parece enlevado na admiração das maravilhas da natureza, ou na previsão dos bens que aos pobres enfermos resultam hoje desse phenomeno.*

Atualmente, no local relatado da descoberta funciona o clube Lagoa Quente, onde foi construído um monumento retratando o fato. (Figura 07).



Figura 07 - Monumento construído na Lagoa Quente retratando sua descoberta.

A região era povoada por tribos indígenas dos Guaiás, da tribo tupi, e os Guaianases que foram dizimados pela escravidão e doenças trazidas por brancos. Os índios já conheciam os poderes medicinais das águas termais.

Após a descoberta, Martim Coelho solicitou ao Governo Central a concessão de uma sesmaria construindo ali a sede de sua fazenda, atualmente foi restaurada e transformada em um local de visitação (Figura 08), local onde atualmente se localiza o SESC de Caldas Novas (ALBUQUERQUE, 1996, p. 25-30).



Figura 08 - Primeira casa construída em Caldas Novas de Martin Coelho.  
Atualmente ponto turístico do SESC.

As terras foram posteriormente passadas a seu filho tenente Antonio Coelho da Siqueira que depois de velho, vendeu a Eufrásia Maria de Arruda e posteriormente a Domingos José Ribeiro, que durante o período que foi proprietário cedeu a área para construção de um povoado. A doação da área se deu por influência do cel. Luiz Gonzaga que, se mudando da cidade onde residia (Bagagem - MG), propôs ao então proprietário das terras (Domingos) que doasse o terreno para construção do patrimônio e a matriz da igreja, a mesma que se encontra atualmente, porém, com duas reformas. Ao lado da praça foram construídas casas para os moradores de Caldas Velhas. Nasce assim, o povoado de Caldas Novas.

Em 1851 foi criado o distrito de Caldas Novas. O crescimento local ficou estabilizado por cerca de duas décadas com 12 casas construídas no entorno da igreja e a estagnação era atribuída, supersticiosamente, ao nome da padroeira – Nossa Senhora do Desterro – que foi alterada por José Olinto, o cônego na época, para Nossa Senhora das Dores.

O cel. Luiz Gonzaga morreu em 1874 e foi enterrado na igreja que construiu. No local foi construído um tipo de lápide descrita por Bretas (2001) como *“um lugar assinalado com tachas douradas, pregadas convenientemente, em contornos, em forma de letras formando palavras, à guisa de um epitáfio no qual se lia: ‘Aqui jaz o cel. Luiz Gonzaga de Menezes, fundador de Caldas Novas – morto em 27 de dezembro de 1874’ ”*. Durante uma das reformas da igreja o piso de madeira que continha a inscrição foi substituído e o local não recebeu nova identificação.

Por volta de 1900, Caldas Novas era um arraial com aproximadamente 300 habitantes que vislumbrava o desenvolvimento em função dos recursos hídricos termais que possuía o que só veio a ocorrer a partir de 1960.

Em 1910 o major Victor de Ozeda Ala constrói a primeira casa de banho particular para a família e amigos com duas banheiras com diferentes temperaturas, e em 1920 os herdeiros do major, em sociedade com Ciro Palmerston, constroem o primeiro balneário público com duas banheiras esmaltadas e três cimentadas e salas individuais.

Neste período (1900) Caldas Novas era uma região distrital do município de Morrinhos e sua emancipação ocorreu em 1911 sob a influência de um movimento político liderado pelo coronel Bento de Godoy, Orcalino Santos, Juca de Godoy, Victor Ala, Josino Bretas, entre outros. As primeiras eleições municipais ocorrem em 1915 e em 1923 Caldas Novas passa a categoria de cidade.

A cidade começa a apresentar um pulso de crescimento a partir da década de 30 com a construção de estradas e pontes (1935-1939, com ênfase a ponte sobre o rio Corumbá – figura 09) que permitem o acesso aos grandes centros urbanos pela ligação as Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Neste período já existia uma linha férrea que ligava Ipameri-GO aos grandes centros, entretanto a ligação entre Caldas Novas e Ipameri era precária, realizada basicamente por carros de boi atravessados por balsas no rio Corumbá.

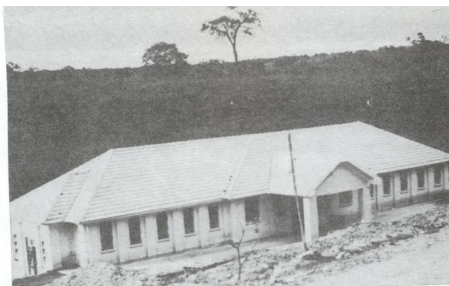


Figura 09 - Ponte sobre o rio Corumbá inaugurada em 31 de janeiro de 1920 –  
fonte [webcaldas.com.br](http://webcaldas.com.br).

A construção de novas vias de acesso à cidade de Caldas Novas contribuiu significativamente para o desenvolvimento turístico na região com a inauguração de novas linhas de ônibus para várias localidades do país. Em 1953 o aeroporto foi ampliado possibilitando pouso de grandes aeronaves.

A facilidade de acesso foi acompanhada por uma reestruturação nas condições oferecidas aos turistas que vinham em busca, principalmente, dos poderes curativos das águas termais. Havia um projeto para construção de um balneário público para 1939 com a finalidade de atender a demanda crescente

de turistas, entretanto isso só ocorreu em 1950 com 20 salas e banheiras individuais no mesmo local do anterior (figura 10).



*Novo balneário municipal inaugurado em 1950, contendo 20 salas individuais e banheiras, ao lado está o Thermas Hotel, que foi demolido e hoje é o Engenho Águas Quentes. No alto o Clube José Feliciano, que hoje abriga a Biblioteca Municipal e a Polícia Militar.*

Figura 10 – Balneário municipal de Caldas Novas construído em 1950. (fonte: Albuquerque, 1996)

A estrutura do Balneário Municipal manteve-se inalterada por 57 anos. Atualmente está em reforma, porém não mais será utilizado como local de banhos termais (Figura 11)



Figura 11 – Balneário municipal construído em 1950 em reforma (imagem atual).

Também no período de 1935 a 1939 circulou na cidade o jornal "O KRÓ", editado por Oscar Santos e Celso Godoy, que contribuiu de maneira significativa para o registro da história da cidade. Abaixo segue uma cópia (Figura

12) da primeira página do referido jornal anunciando a construção do balneário público.



Primeira página do Jornal "O Kró", o primeiro jornal da cidade, que circulou de 1935 a 39.

Figura 12 – primeira página do jornal "O KRÓ" de 27 de novembro de 1938 anunciando a construção do balneário municipal (fonte: Albuquerque, 1996).

Após este período a região apresentou um crescimento progressivo influenciado pela construção de Brasília, (1956-60), com a abertura de estradas e um intenso fluxo migratório para a região de pessoas vindas de várias regiões do país. Outros fatores também influenciaram este crescimento, como políticas públicas de incentivo tanto no setor industrial como agrícola.

Este fluxo migratório motivou empresários a investirem no potencial hidrotermal de Caldas que vislumbravam a possibilidade de grandes ganhos econômicos. Em 1962 teve início a construção da Pousada do Rio Quente, pelos herdeiros de Ciro Palmerston. Vale considerar que a água quente jorrava livremente e que, a partir da década de 60, era fornecida água quente nas residências da cidade. Ao final da década de 80, a Pousada foi vendida para o grupo ABC de Uberlândia-MG que ampliou as atividades de lazer e as acomodações e ao lado criou-se uma estrutura de prédios conhecida como Esplanada (Figura 13).





Figura 13 – Pousada do Rio Quente e Esplanada vista do mirante da Serra de Caldas.

O sucesso da Pousada despertou o interesse de outros empresários que passaram a investir no setor. José Onofre de Carvalho constrói o CTC (Caldas Thermas Clube) em 1968 e Rodolph Rohr, que era freqüentador da cidade, inicia a construção do hotel Parque das Primaveras, sendo estes, os primeiros empreendimentos que necessitaram a perfuração de poços para abastecimento das piscinas termais, porém, ainda não precisavam de bombas, a água jorrava naturalmente e com pressão.

Atualmente a cidade conta com 95 estabelecimentos com 23 mil leitos divididos nas diversas categorias: pousadas, hotéis, flats, clubes, etc, com um total de 205 piscinas termais, abastecidas a partir de poços tubulares perfurados. Vale ressaltar aqui que a água de todas as piscinas é substituída diariamente não havendo sistema de tratamento ou reaproveitamento desta água na grande maioria dos clubes.

Na década de 60, o balneário municipal era abastecido por água quente que surgia por gravidade e o excedente abastecia a cidade. Não havia chuveiro elétrico, toda casa era abastecida com água quente. A explosão demográfica, associada a intensa proliferação de clubes e hotéis com piscinas termais, provocou uma sobrecarga de uso do aquífero. Na década de 90 foram instalados hidrômetros com o objetivo de controlar a utilização.

A exploração dos recursos hídricos termais e a falta de políticas gerenciais que visem uma reposição e reutilização da água dos aquíferos têm

provocado impactos significativos. Apenas um empreendimento (SESC) conta atualmente com um sistema de tratamento e reaproveitamento da água utilizada nas piscinas.

Esta intensa utilização dos recursos hídricos termais não é o único problema ambiental que a cidade de Caldas enfrenta na atualidade. Com a construção da Pousada do Rio Quente e de outros empreendimentos turísticos de grande porte, Caldas Novas passa por um processo de crescimento e expansão imobiliária desenfreados com a construção de inúmeros condomínios (chalés) que são utilizados para turismo de segunda residência. Em cada condomínio existe um poço (água fria) e uma fossa que atende todos os chalés.

### **2.3. A descoberta das águas termais e seu ciclo de exploração.**

Desde a época da descoberta, o potencial hidrotermal de Caldas Novas vem sendo utilizado predominantemente com finalidades medicinais. Os poderes curativos das águas termais ganharam repercussão nacional e atraíram pessoas com as mais diversas enfermidades, principalmente hanseníase, que passaram a ser expulsas pela população com medo de contaminação.

Já em 1818 o então governador de Goiás, Fernando Delgado de Castilho, cura-se de um reumatismo nas águas termais e a notícia ganhou repercussão. Em 1819, Dom João VI envia o naturalista francês Auguste Saint Hilaire para conhecer e estudar o lugar. O poético relato de Saint Hilaire é, possivelmente, o registro mais completo e fiel da região na época. Em seu relato pode-se notar uma descrição da vegetação do Cerrado no período da seca – sem usar esta nomenclatura obviamente. Ao descrever o que via em sua viagem relata que

“... a região quase deserta (1819) é às vezes, plana ou ondulada mais freqüentemente montanhosa e se eleva gradualmente. Uma vez caminha-se várias léguas sem ver nada mais do que campos semeados de árvores raquíticas; noutras o campo apresenta uma alternativa de matas e campos que, na vizinhança de Caldas, estão freqüentemente cobertos unicamente de gramíneas e subarbustos (Saint Hilaire, et al,1973, P17).

Na descrição que Saint Hilaire faz durante sua viagem pode-se identificar o seu espanto e encanto frente às belezas cênicas encontradas, tanto no que diz respeito às águas termais, quanto à Serra de Caldas e sua vegetação. Ao se dirigir a Caldas Velhas (Pousa do Rio Quente) encontrou-se com o Ribeirão D'água Quente alimentado pelas fontes de Caldas Velhas e o descreveu como "um leite pedregoso, águas cuja limpidez sobrepuja tudo o que se poderia imaginar...neste local sombrio e selvagem, do mais romântico aspecto, viam-se duas cabanas de palmas construídas para os banhistas (*op cit*, p.22).

Após sua visita e rápida estadia em Caldas Velhas, Saint Hilaire dirige-se a Caldas Novas e descreve seu caminho pela Serra de Caldas que "em toda sua altura esse lado não apresenta, como já o disse, nenhuma anfractuosidade; é árido e pedregoso; as plantas estavam aí, pela minha época de passagem, completamente secas, mas, no meio delas, as gargantas pelas quais as águas escorrem, no tempo do inverno, se desenhavam em faixas onduladas de belíssimo verdor." (*op cit*, p22).

Apesar dos relatos o interesse de Dom João VI ao enviar o naturalista francês para estudar as águas termais fora exclusivamente voltados para as suas propriedades curativas. Saint Hilaire afirma que as águas

[...] empregadas contra a morfêia não determinaram, até agora, nenhum efeito curativo...; absorvidas por via gástrica, sua ação sobre a economia deve ser muito fraca. Auxiliadas pelas temperaturas, poderão curar reumatismos crônicos e certas úlceras. Comuniquei o fraco resultado das minhas observações sobre as águas de Caldas Novas". (Saint Hilaire, 1973, p29).

Mesmo diante das constatações da ineficiência curativa das águas termais a região passa a ter um aumento no fluxo de pessoas que buscam nas águas da região uma alternativa de tratamento a determinadas doenças. Associado a este movimento tem início a abertura de fazendas para criação de gado como atividade central da região, já que, neste período o solo do Cerrado era considerado impróprio para expansão de culturas agrícolas.

Nas últimas décadas, mais precisamente na década de 1970, a cidade de Caldas Novas é inserida com destaque no turismo nacional e internacional tendo seu principal avanço nas décadas de 1980 e 1990. Com o processo de privatização das áreas de banho termais, que hoje se encontram em clubes e hotéis e a conseqüente elitização do acesso a esse bem, o desenvolvimento do turismo tomou outra direção, estimulando o turismo de massa com a organização de shows e carnavais fora de época. Este direcionamento, apesar de movimentar o comércio local, trouxe desconforto à população local e uma sobrecarga aos sistemas da cidade que não possui infra-estrutura suficiente.

Hoje, Caldas Novas pode ser considerada um local onde o turismo é, para uma parcela da população, a principal atividade econômica desenvolvida, possuindo uma grande rede hoteleira que explora os mananciais termais, oferecendo entretenimento e lazer aos visitantes de todos os estados do país e também do exterior.

No quadro abaixo é apresentada uma sistematização das datas mais importantes relativas a história de Caldas Novas e da região.

Quadro 01 – Principais eventos que constituíram a história de Caldas Novas e região (Fontes: Saint-Hilaire, et al,1973; Teixeira Neto, et al,1986; Albuquerque, 1996, Bretas, 2001)

ANO	EVENTOS HISTÓRICOS
1545	Primeiras informações sobre as águas quentes de Caldas Novas citadas em uma publicação na Espanha no século XVII.
1722	Bartolomeu Bueno da Silva (filho do Anhanguera) descobre as fontes termais de Caldas Velhas (atual pousada do Rio Quente).
1777	Martinho Coelho da Silva durante suas buscas por ouro e pedras preciosas na região encontra acidentalmente a Lagoa Quente do Pirapitinga.
1819	Dom João VI envia Auguste Saint Hilaire para estudar as fontes termais e relatar suas descobertas.
1850	Tem início a construção da Igreja Matriz por Luiz Gonzaga de Menezes

1870	É construída a primeira escola
1893	Foi inaugurada a primeira agência do Correio
1910	Foi construída a primeira casa de banho particular por Victor de Ozeda Ala.
1911	Inicia-se um movimento político sob liderança do coronel Bento de Godoy que culmina na emancipação de Caldas Novas que até o momento era distrito de Morrinhos.
1913	São realizados os primeiros estudos das águas quentes por T. H. Lee, porém, pela precariedade das condições limitou-se a localizar as nascentes e registrar as temperaturas.
1915	Primeiras eleições municipais
1918	O governo envia o médico Orozimbo Correia Neto para aprofundar os estudos por T. H. Lee.
1920	Construído o primeiro balneário público.
1936	Construído o Aeroporto
1935-1939	Circulação regular do jornal "OKró". Construção de estradas e pontes no município que facilitou a ligação com capitais de outros estados, dentre estas pontes ressalta-se a do Rio Corumbá. Este período foi caracterizado pelo aumento do fluxo turístico na região.
1950	Prefeitura constrói um novo balneário com maior capacidade.
1953	Inaugurado um novo aeroporto.
1956-1960	Construção de Brasília. Este fato foi de extrema relevância para o aumento do fluxo turístico na cidade de Caldas Novas.
1960-1970	Aumento da migração de pessoas vindas, principalmente, do Nordeste na busca de melhores condições de vida.
1960	As residências de Caldas Novas passam a ser abastecidas com água quente.
1962	Inicia a construção da Pousada do Rio Quente.
1968	É construído o Caldas Thermas Clube

1968	É furado o primeiro poço de água quente para abastecer as piscinas do Hotel Parque das Primaveras.
1970	É criado o Parque Estadual da Serra de Caldas administrado pela FEMAGO
1960-1980	Aumento da exploração das áreas de cerrado na região para criação de gado.
1980-atual	Este período foi caracterizado pela expansão urbana e exploração desenfreada das águas termais, associada a intensa construção de hotéis e complexos turísticos. Estes fatos provocaram um grande impacto nos aquíferos. Atualmente a exploração é controlada.

#### 2.4. O processo de ocupação do Cerrado Brasileiro " a Marcha para o oeste".

O acelerado crescimento da cidade de Caldas Novas, assim como da região, nas últimas décadas deveu-se à incentivos de ocupação da região. Este fato foi de extrema importância no nosso contexto, já que as alterações mais significativas na paisagem rural na região foram provocadas por este processo.

A região de Caldas Novas passou por períodos característicos ao Estado de Goiás e a outros estados nos quais o bioma Cerrado é predominante. A idéia de uma região inóspita, de difícil acesso e pouco produtiva fez com que por muito tempo o sistema de produção alimentar ficasse restrito à força de trabalho familiar que exploraram vertentes mais férteis.

Após um período de estagnação que se estendeu do século XVIII - com o declínio da mineração - até início do século XX alguns acontecimentos incentivaram o processo de ocupação e utilização de áreas do Cerrado. Dentre estes destacam-se a chegada da estrada de ferro - década de 30 – a criação da "Colônia Agrícola de Goiás" – década de 40 – e a criação de Brasília – década de 50 - que associados estimularam a migração de produtores do sul incentivados por políticas públicas (ALBUQUERQUE, 1996).

Entretanto, a estrutura fundiária da época manteve-se inalterada até a década de 70, esta estrutura se resumia em:

[...] "as terras de melhor fertilidade destinadas a culturas de arroz, feijão e milho com menor expressão; já os chapadões formados por uma vegetação de pequenos arbustos e campos eram destinados a pecuária e ao extrativismo destacando-se a extração de lenha, de frutos e de várias espécies de plantas medicinais (Péret, 1997 *apud* Theodoro, 2002)",

A partir da década de 70, com o incentivo de políticas públicas para ampliação da produção de grãos no Cerrado - como o POLOCENTRO<sup>7</sup> e o PRODECER<sup>8</sup> - apoiados no pacote tecnológico da revolução verde, começa-se a definir o tamanho médio da propriedade para a produção de soja que para serem economicamente viáveis deveriam ter uma área mínima cultivável de 1.200 ha.

Segundo Theodoro (2002) a agricultura intensiva tomou impulso na região a partir da década de 80 com a viabilização tecnológica do cultivo da soja e o predomínio das grandes propriedades incentivadas oficialmente através de: baixo preço das terras, extensas áreas mecanizáveis, tecnologias de grande escala e a existência de corretivos naturais (calcário e fosfato) na região: "a conjunção desses fatores vem, gradativamente, favorecendo a incorporação de novas áreas com extensas frações de terras para o cultivo, fato este conhecido como expansão da fronteira agrícola (*id.*, p 149)".

Martins (1975) relata que o processo de ocupação denominado expansão da "fronteira agrícola" é freqüentemente dividido em dois momentos: o primeiro chamado de "frente de expansão" com a ocupação de terras devolutas por ocupantes ou posseiros e tem sua principal característica na economia do excedente apoiado em bases não capitalistas; o segundo é a "frente pioneira" no qual as relações capitalistas de produção estendem seus domínios às áreas anteriormente denominadas por relações não-capitalistas.

Este processo de ocupação, principalmente após a década de 70, provocou impactos bastante significativos na vegetação do Cerrado acarretando numa enorme perda de áreas naturais e, conseqüentemente, de biodiversidade, alterando de maneira significativa o perfil da região, assim como das populações existentes na época. Duarte (2002) ao discutir o processo de ocupação das áreas do Cerrado nas últimas três décadas afirma que

As recentes transformações na estrutura socioeconômica e tecnológica no setor rural – mecanização, pecuária extensiva, cultura de exportação –

<sup>7</sup> Programa de Desenvolvimento do Cerrado, criado em 1975.

<sup>8</sup> Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados, criado em 1978.

e no setor urbano com o crescimento desordenado das cidades, acarretaram profundas mudanças nos modos de vida das populações locais em termos de organização do espaço, da construção das moradias, da organização familiar, entre outros aspectos (*op cit*, p17).

Fica claro que os impactos provocados pelo modelo agrícola instalado na região vão além dos valores absolutos da biodiversidade das áreas ocupadas. Um bom exemplo é a perda cultural provocada pelo êxodo rural sob a pressão dos grandes latifúndios, além dos impactos indiretos provocados por atividades nas quais o crescimento é dependente do principal produto.

Ainda hoje se vê que a atividade pecuária ainda tem a maior participação no uso da terra, entretanto, seu impacto é menor que as lavouras temporárias em função do padrão tecnológico utilizado como aragem dos solos, mecanização, utilização de extensas áreas para plantio.

De maneira geral, pode-se notar que o progresso técnico na agricultura é totalmente dependente do desenvolvimento de novas tecnologias e que algumas tecnologias são mais impactantes que outras, porém todas são desenvolvidas sem a inclusão das questões ambientais. Este contexto nos direciona a uma discussão sobre as tecnologias e suas conseqüências e, acima de tudo, qual o rumo que devemos tomar para reestruturar esse processo.

O desenvolvimento tecnológico faz com que a produtividade deixe de ser dependente, pelo menos em parte, das condições naturais, como colocado por Silva (1981, p. 24),

[...] a terra deixa de ser o meio de produção fundamental, a produção agrícola deixa de se guiar apenas pela fertilidade dos solos, pela água da chuva, enfim pelas condições naturais que afetam, a produtividade do trabalho... O próprio capital cria essas condições, controla e desperta as forças da natureza, tornando a produção agrícola mais intensiva sob seu domínio.

Atualmente, através do avanço tecnológico, que tem suas bases no desenvolvimento da ciência, o capital que pode criar, ampliar ou otimizar a produtividade em áreas agrícolas como pode ser observado com o Cerrado que passou de área improdutivo a uma das regiões mais eficientes em produção de grãos no Brasil. Entretanto, esse desenvolvimento científico-tecnológico foi direcionado exclusivamente ao aumento da produção sem que houvesse a inclusão dos fatores sócio-ambientais. Como bem explicitado por Panzieri (1972, *apud* Silva, *op cit*, p25),



O progresso da ciência no capitalismo deve ser analisado como o desenvolvimento de técnicas que permitem fortalecer a dominação do capital sobre o processo de trabalho. Não cabe nesse contexto nenhum julgamento moral do tipo "a técnica é boa, o seu uso é que é impróprio". A tecnologia não é adequada senão aos desígnios do capital, enquanto relação social; e seu uso determinado pela divisão do trabalho própria da sociedade capitalista.

O processo histórico de desenvolvimento agrícola levou, na atualidade, a uma série de problemas de ordem ambiental que não existiam na época em que o modelo foi implantado. Neste contexto, Boserup (1987) relata que

"Populações em crescimento podem ter, no passado, destruído mais do que aperfeiçoado as terras que cultivaram. Mas não há razão para extrapolar tendência do passado, porque cada dia sabemos mais a respeito de métodos de preservação do solo e podemos, portanto, usando técnicas modernas, recuperar para o cultivo muito da terra que nosso antepassados tornaram estéril" (*op cit*, p21).

No contexto atual, no qual conhecemos e reconhecemos os impactos ambientais e sociais causados pelos nossos modelos de produção, é de responsabilidade dos profissionais que atuam na área a busca de alternativas tecnológicas que melhorem o processo produtivo nas áreas já destinadas a tal fim, reduzindo assim a necessidade de abertura de novas áreas, e que sejam menos impactantes ambiental e socialmente.

Não se pretende aqui discutir os diversos impactos provocados no bioma Cerrado pelo sistema agrícola como: erosão, contaminação do solo da água, dos alimentos, etc., pelo simples fato de que esses processos já se transformaram em senso comum. Pretende-se aqui, discutir o direcionamento e a aplicação da ciência e da tecnologia nos processos produtivos e suas conseqüências, no desenvolvimento e conseqüentes mudanças paisagísticas e sociais no município de Caldas Novas.

## 2.5. Sistematização dos resultados encontrados

A análise de conteúdo foi realizada a partir da sistematização de fragmentos de relatos agrupados em categorias associadas aos seguintes elementos: ligação com o ambiente; topofilia; mudança de paisagem; modo de vida; consciência preservacionista e outras que surgiram durante a análise como

categorias importantes para o recorte temático em questão. Abaixo segue um quadro sistematizando os eixos temáticos e as categorias identificadas.

Quadro 02 – Caracterização geral dos eixos temáticos e das categorias encontradas.

EIXOS TEMÁTICOS	CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS
PERCEPÇÃO AMBIENTAL	1. RELAÇÃO COM O AMBIENTE NATURAL	
	2. TOPOFILIA	2.1. MODOS DE VIVER 2.2. RELAÇÃO ESPAÇO-TRABALHO
	3. CONHECIMENTO POPULAR	3.1. CONHECIMENTO ECOLÓGICO 3.2. CONSCIÊNCIA PRESERVACIONISTA
	4. IMAGINÁRIO	
APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO	1. MUDANÇA DE PAISAGEM	
	2. MODELO DE CONSERVAÇÃO	2.1 VISÃO SOBRE O PESCAN 2.2 ACESSO AO PESCAN
	3. DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO	
	4. AGROPECUÁRIA	
QUALIDADE DE VIDA	1. QUALIDADE DE VIDA	1.1. INDICADORES DE QUAL. ASSOCIADOS AO MODO DE VIVER LOCAL  1.2. DISCURSO AMBÍGUO SOBRE CRESCIMENTO

Optamos por apresentar, neste momento, os dados sistematizados juntamente com um indicativo dos principais pontos de discussão que eles geram para o contexto de nosso estudo, protelando para o capítulo terceiro as discussões em profundidade, ancoradas no resgate das principais reflexões teóricas desenvolvidas anteriormente. Entendemos que isso permitirá um diálogo

mais rigoroso com o referencial teórico, sem perder a riqueza e a noção da totalidade de características da realidade estudada.

Os pontos de discussão representarão, nesse sentido, as evidências gerais destacadas das falas em cada uma das categorias de análise. Essas evidências serão, na seqüência, fundamentadas em seleções de alguns fragmentos de discurso indicativos, onde estarão destacadas as palavras-chave que conduziram à interpretação dada e ao agrupamento no eixo temático em questão.

O fato de termos por base de análise uma abordagem fenomenológica da percepção faz com que direcionemos nossos primeiros olhares aos resultados livres de quaisquer pré-concepções analíticas. Isso possibilitou a constatação de alguns elementos inesperados na leitura dos dados, especialmente no que diz respeito à percepção dos moradores.

O primeiro desses elementos está relacionado ao fato de que, contrariando o comumente encontrado em pesquisas de percepção ambiental em comunidades rurais, o resgate da condição bucólica do arcaísmo foi identificada em poucos discursos ao passo que a idéia de modernização e o discurso focado numa racionalidade produtiva pautada no desenvolvimento, tanto agrícola quanto turístico, foi predominante.

Fica evidenciado também que a relação dos moradores do entorno do PESCAN (zona rural) com a atividade turística em Calda Novas é fugaz e, por vezes, inexistente. O envolvimento desta parcela da população na atividade poderia contribuir em vários aspectos tanto para a população, que enfrenta problemas econômicos relacionados à produtividade rural, que serão discutidos quando tratarmos da questão da apropriação de espaço, quanto para a própria atividade turística e a conservação dos bens naturais na região. Entretanto, um trabalho visando a integração desta população com a atividade turística é de extrema importância buscando romper com a visão capitalista de exploração adotada pelos grandes empreendedores dos parques de águas termais.

### **2.5.1. A percepção dos moradores**

Como demonstrado no quadro 02, a análise da percepção dos moradores foi feita a partir de categorias estabelecidas na leitura do conjunto de suas falas, a saber: a relação que os moradores têm com o ambiente natural; a forma como a relação não só com a natureza, mas também com a configuração geral do lugar habitado, se ancora em laços topofílicos; o conhecimento popular que os moradores revelam, que se constitui a partir do contato com o ambiente, incluindo o saber ecológico e a consciência preservacionista; por último, mas não menos importante, o destaque de alguns elementos do imaginário social local que dão características singulares a essa relação. Quando destacamos o segundo ponto, ou a relação topofílica, encontramos alguns aspectos que também caracterizam a relação ser humano-ambiente no contexto, que talvez se configure com os elementos mais densos de nossas discussões, uma vez que permitem visualizar nitidamente a identidade da comunidade local, ao mesmo tempo em que revela um paradoxo importante a ser refletido: os modos de viver e as relações entre as formas de trabalho e a ligação com o lugar, tomados como subcategorias, e contrapostos ao discurso do desenvolvimento.

Tornar-se-á clara em nossa discussão, ancorada no referencial teórico que adotamos, a lógica com que o fenômeno da percepção abriga esses diferentes aspectos simultaneamente causais e indicativos da relação histórica que os moradores tem com o lugar habitado. No entanto, é importante já apontarmos aqui a natureza complexa deste fenômeno que tem como base fundamental o histórico de vivências num determinado ambiente, mas que se desdobra em configurações cognitivas (conhecimento), vivenciais e emotivas (contato volitivo, contemplação estética, nostalgia) e construções sociais (trabalho, imaginário, representações, valores e ações normatizadas). É com base nessa complexidade que a heterogeneidade das categorias aqui apresentadas podem ser justificadas no eixo temático da percepção.

#### **2.5.1.1. Relação com o Ambiente Natural**

A análise desta categoria permitiu identificar que os elementos sobre os quais estas relações são construídas e mantidas estão atrelados às características dos ambientes com certo grau de preservação.

*A gente acostumada no mato, parece que a gente livre é outra coisa. AMG.*

*[...] eu não sou de cidade, num sei se eu não sou de cidade ou a cidade não é minha. OPS.*

*Pelos que eles fala do que é o matuto, acho que eu sou um deles, gosto do mato mesmo, um clima bão! As água, seja de cisterna ou dum poço ou dum corgo corrente você toma uma água mais pura, mais saudável, neh? Eu acredito! OPS.*

*Aqui é tranqüilo, eu gosto de matão .mato... eu gostava de andar no meio dos mato agora nem andar no meio dos mato eu num ando mais, eu enxergo pouco neh? JLS*

*[...] até hoje eu gosto vida de campo, mato. Eu gosto aqui do parque por isso, essa convivência com natureza, entendo bastante coisa de natureza, de chuva de animais de cobra, isso sempre teve contato, eu acho mais fácil anda aqui que na cidade. SAC*

*Fica na roça é mió, porque a gente é de roça, criado na roça. Eu sofro demais porque vejo as coisas pra fazer e não do conta mas a gente é acostumado é na roça mesmo. F.M*

*Porque a gente põe amor nas criação e elas põem amor na gente também, os animais põem amor na gente neh? Tirando um leitinho, essas coisas aí! JBJ*

*Eu gosto de conviver com tudo aqui com as criação a água que é muito pura neh! Saudável, natural mesmo, tudo aqui eu acho bom! AJ*

A ligação ao ambiente e a permanência dos moradores da área rural não está vinculada apenas a uma questão de sobrevivência. O contato direto com os elementos naturais – vegetação, água e biodiversidade – é um fator relevante no estabelecimento desta relação. Vale considerar que os atores citados acima têm sua história de vida construída em estreita relação com elementos do ambiente natural. Já no discurso que segue do Sr. MSP, migrante da cidade de São Paulo, o contato com elementos da natureza se torna um dos pontos de motivação para a busca de vivências no local e que pode determinar o tipo de ligação que migrantes passam a estabelecer com o ambiente:

*Aqui é bom vim conhecer muita coisa aqui que eu não conhecia. Por exemplo, você vai dizer você não conhecia isso? Conhecia dentro de uma gaiola ...uma arara um tucano, isso ou aquilo. Aqui não aqui a gente vê normalmente na natureza....então é essa parte, o sossego, a tranquilidade neh? MSP*

### 2.5.1.2. Índícios topofílicos revelados

O estabelecimento das relações topofílicas no contexto apresenta origens variadas que somadas formam a base da relação afetiva com o lugar. Dentre estas origens pode-se ressaltar a história de vida, incluindo a participação na construção do lugar, as relações humanas e o bem estar propiciado pela vida no campo.

*Eu agradeço a Deus ter nascido na roça e tá aqui até hoje. Se eu vou na cidade um pouquinho cabo minhas obrigação e to doidinho pra ir embora. AJ*

*O sossego da fazenda é outra coisa neh? Sossegadinho, você deita até o sono da gente é mais gostoso. Eu estudei na cidade, então eu conheço a parte de cidade também não é fácil! Aqui é muito melhor. JAG*

*Praticamente eu sou nascido aqui ao lado, aqui eu to no lugar que quase nasci e quase vivi, muito tempo da minha vida (...) Praticamente minha vida ta nesse pedaço de chão aqui. JS*

*... eu sou a modo do outro, criado debaixo da cuia. JS*

*Eu gosto do lugar neh?! Eu não posso desdenhá, porque é onde eu fui criado. VS*

*Ah, eu já tentei a vida em outro lugar, mas num gostei não. Já fui até pro Pará a fora, mas num gostei não e voltei pra cá. Uma que a família da gente tudo é daqui, pai, mãe, tudo daí neh! Fica longe eu acho difícil, então eu acho melhor aqui mesmo. AMG*

*Desse lugar aqui...sabe que eu gosto de muita coisa nesse lugar aqui...eu gosto muito dessa aguinha aqui eu gosto desses trem, pé que tem aqui [guariroba] eu num sei o que aconteceu aqui que eles*

*pegaram demais,..as vaca ficam ai os trem meu fica ai aberto ai oh!!  
Gosto desse lugar aqui, vizinho tem uns vizinho bão aqui. J. L. S.*

O discurso abaixo foi apresentado na íntegra por dois motivos. Primeiro, pela dificuldade de fragmentação sem que com isso houvesse perda do verdadeiro sentido de mensagem central e, segundo, porque esse sentido é a mais evidente manifestação da relação topofílica estabelecida através da participação na construção do lugar.

*Aqui, nós começou aqui, meu pai e meu tio eles tem uma terra de lá eu tenho de cá, e a gente propôs: vamos faze aqui um povoado aqui, um patrimônio? Porque a gente saia pra ir pra festa ia pra lá ia para cá. Ai falamos vamos faze um pra nós aqui também, ai nós fez!*

*Meu pai falou: deixa o pessoal escolher, se for no meu terreno eu dou o terreno se for no terreno do Sebastião. Ai o pessoal preferiu no terreno do Sebastião e fez lá. Ai eu fiz frente neh? Fiz frente com a comunidade ai! Marcou um dia lá, limpo lá e tinha o Joaquim Belo e ele falou assim: Oh eu cuido do futebol ia ser o diretor do futebol neh? Ele gostava também neh? E tinha a família do Antonio, o Zé Chico falo oh eu cuido do leilão! Sou pregoeiro, e tinha outro também o nego Antonio, irmão do Zé Chico falou eu cuido dos terços, então vamo começa? Vamos!! Marcou um dia eu morava ali em baixo ali, que eu te falei, naquela paineira lá.*

*O meu pai fez a cruz neh? Nós pregou essa cruz fincou ela lá rezou o primeiro terço em 1956 ai eu fiz a primeira festa, por 3 ano juntou dinheiro, nesses 3 anos com o dinheiro do leilão, fez a igreja, fez a primeira festa. Só que aquele dinheirinho que agente juntou não deu bem pra faze a igreja não, fartou um pouco. Naquela época falava seis contos. Ai eu passei pro meu tio a festa ai cabo de pagá tudo.*

*Ai essa cruz, aquela cruz que nos levo ela tava veinha, já tem mais ou menos uns seis anos que eles vieram e reformaram a igreja fez outra igreja, arrancou aquela igreijinha veia fez outra mais bonita e falou: Ah! vamo por uma cruz mais bonita ai.*

*Ai pôs uma cruz mais bonita e pego aquela cruzinha véia que eu tinha fincado lá pego ela e levo e pôs lá na encruzilhada lá. Eu vi aquilo, mas me doeu!!! Coisa que eu fiz neh? Cruzinha veia podia ter deixado ali! Sabe que eu fiz? Peguei ela, porque eu sou católico mesmo, peguei ela, se viu uma cruzinha aqui em casa? Na frente do transformador ali. Peguei ela na encruzilhada peguei e finquei aqui. Ela*

*ta podre, mas vamo vê quem acaba primeiro se é eu ou se é ela? É que a gente tem que ter amor nas coisas neh? JBJ*

Nos discursos analisados não foram constatados indícios de ligação topofílica com a cidade de Caldas Novas, entretanto, existe uma forte relação dos moradores com o lugar, construída sobre a história de vida e a participação na sua construção. Esta relação ficou evidenciada ao se referirem aos Patrimônios, nome dado a pequenos vilarejos existentes na região. Destaca-se o “Grupinho” e a “Junquerlândia”, local do relato anterior, ambos localizados nas proximidades de município de Rio Quente.

A topofilia pode também ser evidenciada na preferência ambiental de alguns moradores que afirmam ter contato com outros lugares e privilegiar a permanência no campo.

*Ah, eu já tentei a vida em outro lugar, mas num gostei não. Já fui até pro Pará a fora, mas num gostei não e vortei pra cá. A.M.G.*

*...a patroa ela realmente precisava morar na cidade pelo problema de saúde, que nesse ponto aí ela, principalmente ela precisava morar na cidade, mas vontade de mudar eu não tenho não, ela tem! J.E.P*

*Agora eu mesmo vontade [de mudar] eu não tenho não, também eu não digo que eu não saia daqui isso não significa que eu não saia. Você sabe, o dia de amanhã a gente nunca sabe, de repente....pra ser sincero pra você eu particularmente não tenho vontade não. J.E.P*

*...tenho vontade de fazer alguma coisa aqui fica aqui e fazer alguma coisa, eu tenho vontade de ficar aqui. Eu prefiro ficar aqui...se eu pudesse ir lá (na cidade) só pra comprar alguma coisa que precisasse eu achava bão. Se não precisasse nem ir eu num ia. J.L.S*

*...eu também nasci aqui, você sai uns tempos estuda numa cidade, vai pra outra cidade estuda um tempo, depois de adulto voltei pra cá e to aí até hoje.*

*Eu gosto daqui, sinto bem aqui, enquanto tiver bom eu quero ir ficando por aqui mesmo, não tenho intenção de sair daqui não. M.P*



### 2.5.1.3. Os modos de viver da população

Elementos da vida cotidiana na área rural são significativos no estabelecimento das relações com o lugar, dentre os quais se pode ressaltar a própria e já citada oportunidade de contato com a natureza, a tranqüilidade da vida do campo, um ritmo de atividades livre das condições de estresse dos grandes centros e ainda o trabalho volitivo através do contato direto com a terra.

*É bom...num tem amolação, num tem barulho, num tem transito, uma vantagem grande demais, perinho do asfalto, tem coletivo quase de hora em hora ali, vizinho aqui é tudo bão. JS*

*Mudou muita coisa, isso é difícil, até o jeito da gente viver mudou, porque eu fui criado de um jeito e meus filhos já não aceitou ser criado do jeito que eu fui. Então mudou tudo por tudo, ate a criação de animal as coisas que nós possuía naquela hoje ninguém mais tem. Era muito difícil, era uns tipo de coisa diferente, naquela época tinha uns carro de boi. Todo o transporte era feito no carro de boi, hoje ninguém mais tem, então mudou muita coisa. JAG*

*Eu sou feliz graças a Deus do jeito que eu sou aqui mesmo, não tem que atrapalha não, é bom mesmo! Num vê um roubo, é bom demais! AMG*

*Agora os menino fala mãe que bobeira, depois de velha a senhora quer ficá aqui na fazenda? Vem só de sábado fica aqui o dia todo, sábado, domingo, segunda a senhora vai embora, falei não! E pra dormi que beleza neh? DFM*

*Pois é minha vida aqui foi ótima e agora até que não ta ruim não, uma vida boa tranqüila neh? DFM*

*Aqui é tranqüilo neh? Cidade é uma barulheira danada aqui é tranqüilo! EA*

*A gente acostumada no mato, parece que a gente livre é outra coisa.*

*Eu gosto daqui é tudo. Mexer com leite, com gado, to cuidando das minhas planta aqui, as plantinha, as galinha. Essa vida que Deus deu às criação... Cuidá com elas. JBJ*

*O lugar aqui eu acho bão morar aqui, porque eu gosto de fazenda toda vida... Graças a Deus eu to muito feliz com o que faço e onde eu moro é bom demais. JS*

*...tenho pavor de cidade grande SAC*

A perda de tranqüilidade no ambiente urbano, principalmente em se tratando de um lugar com um intenso movimento turístico, tem reforçado a ligação das pessoas aos ambientes rurais pela tranqüilidade e segurança que oferecem. A confirmação da existência da satisfação da vida no campo pode ser notada pela aversão aos centros urbanos, que pode ser considerada como um indício indireto da relação topofílica.

Esta aversão aos centros urbanos se dá em função da constante artificialização da vida no processo de crescimento.

*Você sabia que não tinha, e nem contá essas história de ladrão, hoje tá ai pra tudo quanto é lado, seqüestro assalto, isso é uma coisa que a gente tem medo demais neh! Então eu acho que valeu a pena a gente ter nascido a uns anos atrás acho que hoje é mais perigoso a vida neh? Embora seja tudo mais fácil hoje. Mas não tá natural que nem era primeiro neh? Primeiro era coisa mais natural neh?AJ*

Neste contexto, vale considerar neste ponto que, apesar da existência da aversão, existe a dependência comercial dos centros urbanos em função da centralização das atividades agrícolas, quase que exclusivamente, para a produção leiteira.

*Eu prefiro ficar aqui...se eu pudesse ir lá [na cidade] só pra comprar alguma coisa que precisasse eu achava bão. Se não precisasse nem ir eu num ia. JLS*

*Não gosto muito de cidade não vou lá só pra passear, olhá como é que ta e voltá. DFM*

*Eu vou assim a passeio [cidade], dum dia pra outro, encontro os amigo, os filho, os conhecido, ai até me envorvo, mas tem que se de um dia pra outro, se for fica mais de dois dia eu adoço, a cabeça dói, do tipo daquela pessoa que tá bebendo e fica de ressaca? Aquela*

*zuera na cabeça? Isso não é de agora não !! Não é pro causa da idade, sempre toda vida foi assim, fico doido pra vim embora. A hora que eu venho, chega ali perto aquilo alivia tudo, tá beleza, mil maravilha, é uma coisa importante! OPS*

*Eu gosto mais da fazenda eu tenho o conforto e moro na cidade, mas num gosto. [...] Aqui é bom, eu prefiro, sabe?! Morar no rancho, eu gosto! DFM*

*Só um dia assim só a passeio [cidade]. Mas pra morar não. Não dianta sô. Se todo mundo for pra cidade passa fome neh? Se você for e os filho fica já não presta néh? Se um dia os filho quiser ir ai eu vou. DR*

*Cidade, eu gosto de cidade, mas não é muito não! Gosto da cidade, mas vai indo acostumo essa vida na roça neh? JBJ*

Outro aspecto que também participa da construção da relação com o lugar é a presença de amigos e familiares no local. Embora estes laços não estejam diretamente relacionados aos elementos do espaço eles contribuem para o enraizamento no lugar.

*[...] eu acho que pra avaliar o que a gente gosta num determinado lugar você tem que pensá no que te leva a morar naquele lugar. O que me leva a morar em caldas e as amizades e os familiares, a minha família é de Caldas neh? Meu pessoal é tudo de caldas, então o que eu mais gosto são as pessoas neh? SR*

*Graças a Deus eu to muito feliz com o que faço e onde eu moro é bom demais. Muita amizade graças a Deus eu sou muito bom pra fazer amizade, onde que eu vou sou bem recebido. JS*

*... a gente que é nascido e criado na roça e o seu ritmo de trabalhar é aquele, a beleza sua é fazenda mesmo neh? CLA*

*Uma que a família da gente tudo é daqui, pai, mãe, tudo daí neh! Fica longe eu acho difícil, então eu acho melhor aqui mesmo. Já ta mesmo pro final da vida neh? AMG.*

*O que eu mais gosto daqui é que a gente é conhecido de quase todo mundo, tem essa facilidade neh? AMG*

*Tem uns fator que impede a gente assim de se mais bõ do jeito que era. Você chegava numa fazenda dessa aqui tinha 30 agregado, você chegava ali na frente a mesma coisa, hoje num existe mais, só tem 2 quando é muito 3 pessoa na fazenda, acabou muito esse negócio. AMG*

Laços existentes entre seres humanos e o meio em que vivem estão sujeitos a se romperem, ou se alterarem, o que ocorre com freqüência em locais que apresentam um rápido crescimento turístico. Entre os moradores, há casos dessa desmotivação de permanência em função das mudanças no lugar. Exemplo típico desta mudança no topo-sentimento está colocado nos dois fragmentos de discurso abaixo de um morador de Caldas Novas. Em um primeiro momento demonstra satisfação relacionada às relações pessoais, e em um segundo momento expressa seu descontentamento em função das mudanças que o processo turístico provocou no lugar e a nítida quebra dos laços topofílicos. Outro fator de rompimento dos laços que unem as pessoas ao local de estudo também ocorre em função das necessidades impostas pelas crescentes dificuldades encontradas na vida no campo.

*Então aquele tempo antigo, apesar de não ter determinados progressos determinadas facilidades, era melhor de viver! Era uma vida melhor, as pessoas eram mais honestas, as pessoas era mais puras neh? Hoje tem muita maldade, muita irresponsabilidade, muita violência. Caldas Novas hoje é uma cidade violenta, totalmente diferente de quando ela era currutela quando ela era pacata. SR*

*Não mudo [...] por causa da família que mora tudo aqui, os amigos aqui, mas a região em si não me segura não. E o fato de minha fonte de renda hoje é aqui na região, que é essa fazendinha aqui.[...] se eu fosse aposentado, por exemplo, e minha renda fosse garantida em qualquer outra cidade eu não queria morar em Caldas, minha vontade era de mudar. SR*

*[...] falei pro meu pai: Não dá! Tive que abandoná a roça pra trabalhar na cidade, não tem como, pra mim é insustentável, meu pai não tinha condições de sustentar a família [...] MRC*

#### 2.5.1.4. Relação Espaço-trabalho como elemento de ligação com o ambiente

O modo de vida no campo traz também a satisfação pela condição gerada por uma forma de trabalho que amplia o contato com os elementos da natureza, especialmente com a terra. Discutiremos que essa oportunidade tem um fundamento importante tanto para a questão da satisfação psicológica gerada numa atividade volitiva, quanto para o desenvolvimento da corporeidade como forma de contato com o mundo vivido. Essas oportunidades são perdas significativas nas formas de trabalho, centradas no exercício mental e na desvinculação do produtor-produto, nas sociedades industriais.

*Eu gosto daqui é tudo. Mexer com leite, com gado, to cuidando das minhas planta aqui, as plantinha, as galinha. Essa vida que Deus deu às criação cuidá com elas. JBJ*

*...ficar aqui, olhando as coisa, mais livre a gente fica à vontade, é um lugar sossegado, a gente trabalha, tem as criaçãozinha da gente, mexer com gado, de vez em quando faz uma cerca, aí vai levando a vida, neh? CLA*

*...se eu vender tudo que eu tenho eu posso ficar deitada o dia inteiro. Mas não do conta não. A gente sempre tinha fazenda, meu pai tinha fazenda minha avó, a gente sempre foi criada na fazenda a gente gosta de fazenda neh?DFM*

*Eu tecia pano, eu fiava e tecia pano, fazia tudo..eu tenho tanta cobertura aqui feita, com fiado meu. GMO*

*Eu sempre morei na roça convivi sempre com tira leite com criação, eu gosto, eu não fico aqui, eu mexo, eu saio, aqui eu mexo. Gosto de ta mexendo com tudo quanto é tipo de criação. JLS*

*Então eu gosto de mora na fazenda, cuida de fazenda, mas eu gosto mais de mexer com gado. VFLC*

*[...] vê minha criação, eu adoro tratá das minhas galinha assim!! É uma bobeira neh? DFM*

*...passo minha vida assim, parece que o dia é até pequeno aqui pra mim e lá (cidade) fica grande neh? (...)Toda sexta feira eu varro esses terreiro, eu rastelo tudo ponho fogo...eu gosto de trabaiá. DFM*

*Cada vez trabalhando mais, porque igual você ta vendo sempre foi assim qualquer dia que você chegar aqui você me encontra mexendo com umas coisinha. JEP*

*[...] antigamente parecia que a gente não tinha recurso pra trabalhar neh! Não tinha máquina, não tinha nada, mas você tinha muito mais tempo pra você fazer as coisas. Você fazia suas obrigações todinha, plantava colhia, arrumava, todo os dever que tinha que fazer na fazenda você fazia tudo ainda sobrava tempo. Não vou dizer que você trabalha mais não a gente tem prazer de fazer o que a gente faz neh!! AJ*

É importante pontuar que a racionalidade do modelo de produção cria necessidades artificiais e exige excedentes para além da subsistência. Dessa forma submete a um modelo de trabalho em uma escala maior que demanda a técnica e o tempo de organização e destinação do excedente, além do tempo envolvido na própria manutenção das condições técnicas. Assim, a própria técnica representa um custo adicional que precisa ser coberto por mais um volume excedente de produção.

*[...] te sobrava tempo também, você andava a cavalo, a pé, não tinha carro neh! E ainda você tinha muito tempo, é um mistério pra mim, hoje você corre de avião, telefone e tudo mais e não dá tempo de fazer tudo que você quer neh? Essa diferença eu não sei porque, o povo fala que é o fim dos tempos a correria neh? Essa mudança ai, hoje você tem trator, tem tudo, antes gastava 50 operador braçal hoje com poucas horas você faz com uma máquina. Hoje não tem tempo de nada não, você corre o dia inteiro e ainda deixa coisa pra fazer, durante o dia neh?AJ*

#### 2.5.1.5. Conhecimento Ecológico Popular e Consciência Conservacionista

Os discursos dos atores demonstraram que a relação diária com o ambiente natural é uma forma de "aprendizado" acerca dos ciclos da natureza. Essa ligação intrínseca com os elementos naturais pode despertar atitudes potencialmente conservacionistas.

*As primeira chuva é as que chove nessa serra e as derradeira que termina. Você pode notá. quem quiser acreditá tem que vive aqui um ano ou dois pra vê. OPS*

*Um alimenta o outro, se produz, mas é pra dá alimento a um, vai transpassando! Eu juro que seja assim! Porque acaba com a seriema, vários bicho, o inseto aumenta! O próprio tamanduá bandeira que ta ai catando um cupinzinho, neh?OPS*

*Porque quando eu mudei pra aqui, que foi no final de 98, quando foi em 99 que veio a parte seca, que Goiás é diferente neh? Goiás, Minas, porque a seca aqui começa em junho, e ate outubro por ai, ai o rego aqui secava, secava assim até uma hora dessas tinha água e pra tarde assim secava e vinha água nele lá pra meia noite, que esfriava e a água ia escorrer ai até meio dia por ai secava, e quando era de noite ela corria de novo e de 2000, 2001 pra cá ela nunca secou mais . VFLC*

*A terra ta mais fraca, isso é indiscutível, não é aquela mais. Eu acho que eu comparo, assim uma comparação simples, e até bem declarada no meu modo de pensar. O terreno se torna igual ao ser humano. Você ta jovem você ta com toda força com toda saúde, você faz muita coisa, a idade vem, eu falo por minha pessoa, não tiro comparação com ninguém, ai a força diminui, tudo é o que eu falo, de cansaço, assim eu creio que é o terreno que vai trabaiano, trabaiano com ele e vai enfraqueceno, neh!? OPS*

*... tudo o que você plantava o terreno tinha força pra produzir neh! E o inseto, não existia o inseto! É o problema, onde dá combate de soja, de fato ninguém colheu mais feijão! OPS*

Os fragmentos do discurso acima demonstram um claro conhecimento a respeito dos impactos provocados pela implantação das monoculturas na região e as alterações ambientais que esse modelo agrícola provocou e que influenciam diretamente no cotidiano dos moradores do lugar. Na continuidade

do discurso, o ator acima citado relata que: "Se quisé colhe tem que planta nas águas. A não ser que põe um inseticida forte pros inseto não atacá!", demonstrando que a adesão a este modelo, pautado na utilização de defensivos, não é uma opção, mas sim uma necessidade.

Nota-se um discurso, por vezes, contraditório no que diz respeito a consciência conservacionista da população rural, nascido da dicotomia conservação *versus* produção que agrava-se em função da área de estudo se localizar no entorno de um Parque Estadual que tem leis específicas para seu entorno. Esses dados serão apresentados oportunamente ao tratarmos da apropriação de espaço no entorno do Parque.

*Essas árvores aqui eu plantei, eu plantei em 1970 e essas árvore ai eu tenho que tirá, porque depois que agente descobre ela faz mal pro gado! O tamburi, vou ter que tirar ela. O veterinário mesmo falou não pode deixar tem que tirar ela dá alergia no gado, no pasto tem também, diversas árvore dela. Da dó de tirar...ela ta com 36 ano que eu plantei. Foi 36 anos pra construí essa arvore agora eu vou destruir ela? JBJ*

*Em volta ai tem muita fazenda ai que tirou tudo, plantado soja que destruiu tudo aquela arvore antiga, aroeira, angico madeira de lei neh? Angico cabou tudo, arvore centenária ai mandou trator e derrubou aquilo tudo pro chão. VFLC*

*tinha que plantar mais árvore e preserva alguma. Aqui no local não, eu acho que aqui a natureza tá mais ou menos. Aqui é conservar o que tem e num tirá! Reserva aqui é tudo em cartório, inclusive tem muita reserva, tem muita árvore. Mesmo os lugar que é formado em pasto tem muita arvore ainda. Inclusive aqui é uma fazenda que muita gente encanta, chega aqui fala parabéns se todos os fazendeiro fosse como esse aqui o Brasil era bom num faltava água. Porque ele já pensou no inicio ele deixou a reserva até mais o que o povo exigia por lei. VFLC*

*Pelo que eu vejo aqui nos vizinho tem lugar que ta peladinho deixa nada. [...] Tem muito mato aqui se eu for vender minha madeira aqui hoje dá muito dinheiro, tem muita mas eu vou deixando ai, tem muitas coisa ai. Tem muito mato aqui, deixei muita reserva. AJ*



A relação entre conhecimento popular e consciência conservacionista é expresso no discurso do depoente abaixo no que diz respeito a conservação da vegetação e manutenção dos recursos hídricos. O Sr. AJ ao se referir a importância da Serra de Caldas relata que:

*Eu acho que a importância ai, .pode trazer benefício pra nós assim, em torno da natureza, conservar a natureza as vez água, mais chuva, pode trazer mais. Porque lá não tem desmatamento pra destruir neh?! Eu acho que o desmatamento trouxe muita destruição, tanto na água, como tudo por tudo neh? Porque as pessoas não soube usar bem a terra nesse ponto ai neh? AJ*

Pode ser identificado o conhecimento popular acerca dos ciclos de transferência de energia entre os níveis tróficos. Entretanto, a concepção criada sobre algumas espécies, como a onça, é, na maioria das vezes, negativa e está associada ao prejuízo provocado nas propriedades rurais e ao medo de ataque a pessoas.

*Bicho tem muito, até criar galinha essas coisas quase não tá prestando mais, porque eles diz que não pode matar, se matar muita neh? Agora ninguém carrega um trem pra prevenir e quando vê um bicho matá, e ai tem muito bicho. Lobo, onça, gato do mato, tudo tem. Onça aqui quase não vê, mas tem uns vizinho lá na ponta da serra, de vez em quando ela anda lá. Eu peço a Deus que não encontrar eu nem meus filhos. DR*

*[...] eu tenho medo de onça de vez em quando eles vê uma onça ai e eu vou anda por ai e eu tenho medo, delas me leva minhas crianças que eu levo as criança lá no ponto e eu tenho medo que de vez em quando vê uma onça neh? SIR*

*O Sr Antonio me influuiu bastante, vamos lá na trilha de pedra. Até que eu sou ruim pra anda também, no meio do mato ai de a pé sou meio ruim, acho onça a toa neh?AMG*

*Mas tem muito animal lá, bandeira e outros animal, viado, isso existe, tem uma fauna bem conservadora lá neh! Tem as onça que destroe muito neh! O povo fala que é controle, um controle que tem*

*neh! Mas não acredito nisso não, existe muito bichinho que podia tá tranqüilo, que não pode nem bebe uma aguinha lá tranqüilo que a bicha já sabe que ele vai lá naquela hora certa neh? Fica lá escondidona! AJ*

#### 2.5.1.6. Elementos do imaginário popular

A relação imaginária com a serra está presente em dois pontos. Um diz respeito a existência de ouro e diamante em um local chamado de Buraco da Nega.

*Tem lá que eles fala, nós é curioso também, falava que tem o buraco da nega lá que é muito misterioso cheio de ouro, um mistério, muita gente pensou de descer lá e não consegui neh ! Lá tinha muito ouro, só que isso é lenda neh! É conversa, é invenção de alguém que praticou essa invenção e a turma continuou e acreditou nessa lenda! Mas acho que isso ai não existe não!AJ*

O outro ponto está vinculado ao imaginário religioso também está presente na população no entorno da serra. Os relatos que seguem dizem respeito a uma cruz colocada no alto da serra em um local que era utilizado para orações pedindo chuva em épocas de estiagem.

*Eu fui aqui oh! Tinha um cruzeiro que a gente rezava, primeiro é...tava ruim de chuva neh? Tinha esse negócio de por cruzeiro pra gente rezá neh? Eu fui duas vezes rezá e subi uma vez com uns alunos que vinham, eles parava aqui em casa pra come, pra almoçar neh? DFM*

*Tem um cruzeiro lá...o ano passado eu fui.[...] Quando o tempo tava ruim pra chovê, chegava a época, a época do mês vim a chuva, subia lá, fazia penitencia e logo chovia neh? Assim, as vezes ta chovendo quando corta a chuva. Subia lá fazia penitencia leva uma pedra, leva uma vazinha d'água pra aguar a cruz. [...] Eu falo que isso*

*não é coisa da gente duvidá que isso aconteceu comigo, nós era 33 pessoa, isso foi em 74! Ainda morava no Catingueiro, veio um fogo bravo. [...] eu falei pro meu primo, primo da minha ex mulher. Oh nos tem que planta, mas nós precisa da chuva também, se plantá e num chove num adianta.[...] Nos acabamos de reza debaixo, ela cresceu, cabo de reza debaixo de chuva, já chuveno, certo? Deu cinco manchas de chuva, de água caindo. Eu rupeio todinho, oh!! Tem gente que choro de emoção. O cumpadre tá ali oh!! Se você encontra com ele procura ele que ele te declara, o home choro assim, gritava, ele tocava muita roça, lavora, financiado e acredito por Deus ajudo. A coisa mais interessante. Eu não gosto de ta dizendo isso, a pessoa diz, isso é história. A maioria ta tudo ai ainda pode procurá que eles te explica. OPS*

## **2.5.2. Apropriação do espaço e seus elementos norteadores**

O processo de apropriação de espaço e sua transformação em lugar tem suas bases construídas sobre os anseios humanos. Os anseios expressos durante a apropriação e a utilização dos recursos disponíveis inserem mudanças na paisagem que alteram os modos de viver e a relação dos moradores com o lugar.

Na busca de conhecer como se deu o processo de apropriação, as percepções que os moradores tem sobre ela e a inter-relação deste processo com as alterações no modo de vida da população estudada, constatou-se que as alterações no lugar ocorreram em duas frentes, sendo, uma impulsionada pelo desenvolvimento agrário, relacionado a alterações de paisagem na área rural no entorno do PESCAN e outra pelo desenvolvimento turístico na área urbana de Caldas Novas. Embora já tenha sido explicitado anteriormente, vale ressaltar que não existe integração ou relação entre os processos ocorridos na área urbana e na área rural; assim, as alterações ocorridas na área rural estão isentas da atividade turística e vice versa.

### **2.5.2.1. Mudanças na paisagem na área urbana**

Caldas Novas está na lista das cidades com maior crescimento populacional das últimas décadas no Brasil. Este processo foi acompanhado pela

expansão do setor imobiliário que criou a idéia de desenvolvimento e melhorias. Vale considerar que a história de Caldas Novas foi perdida neste processo por não haver um crescimento com o mínimo de organização com a manutenção de construções históricas. Tanto o intenso processo de ocupação quanto as mudanças de paisagem dele derivado podem ser evidenciados nos discursos que seguem.

*Eu me lembro de Caldas com pouquinha rua memo. Ali onde é a rodoviária mesmo era umas casinha fraquinha. Derrubou tudo, desmontou, ali onde é o Jalim mudou tudo fez hotel neh? Construiu prédio pra todo lado, eu lembro ali do primeiro predinho que fez ali era quase em frente onde é o Banco do Brasil hoje. Ficava olhando aquele trem e pensava nossa como o povo mora lá em cima? JS*

*Caldas era cidade pacata, currutela, pouco movimento, pouco desenvolvimento. SR*

*De 91 prá cá mudou completamente, no bairro onde eu moro na Nova Vila era alguma casa, muito pouquinho, hoje é setor central, cresceu nesses últimos 15 anos a cidade de Caldas Novas. Foi feito tudinho, a cidade era pequeninha agora virou cidade mesmo, inclusive naquele tempo me parece que só tinha uns 6 prédio, hoje quantos prédios você acha que tem em Caldas Novas? A cidade foi feita mesmo praticamente nesses 15 anos derradeiro, de 90 prá cá. MP*

*[...] na ocasião em que nos viemos conhecer Brasília e conhecer a Pousada. [...] Tinha o hotel da dona Maria ali, perto do Hotel Triangulo ali, tinha aquela parte até ali naquela casa de doce e do lado poucas casas não tinha muito não, quando viemos pra cá conhecer, e depois foi desenvolvendo, desenvolvendo e ta desse jeito que cada vez ta aumentando mais. Aqueles prédios na frente do Di Roma ali acho que não tem dois anos, o di Roma novo, lá onde tem o hotel, ali é tudo novo, e ali eu acredito que não tem dois anos e cada vez crescendo mais, mais divulgado. Antigamente não se falava nada, teve um colega meu em São Paulo que falou pra mim, hoje eu aqui, veio mais parente meu, ta do outro lado do condomínio. MSP*

*Caldas Novas quando nos viemos pra cá num tinha nada. Caldas Novas cresceu muito cresceu aproximadamente de 200 a 300% a maior parte ali da vila nordestina, aquela parte ali não tinha nada ali descendo de quem vem de São Paulo. [...] ali da rodoviária pra cá? Não tinha casa não tinha nada, aqui também não tinha muita gente. Ali em frente o Privê antes da gente vir morar pra cá mesmo ali era um*

*mato, ali naqueles prédios, hotéis na frente do Privê ali era mato, mas mato mesmo, mato, mato. MSP*

*A primeira vez que eu vim pra com um colega de São Paulo fomos conhecer lá, não tinha nada, atravessava aquele lado que tinha um riozinho ali neh? Ali era de madeira, ai depois foi quando começou a melhorar aquela parte de asfalto ali, então como tava te falando não tinha nada ali. Cresceu muito eu acredito que tenha crescido uns 300% mais ou menos nuns 10 anos. MSP*

É aqui era o cerrado era um loteamento como havia muitos loteamentos em Caldas Novas, com muitos lotes, alguns vendidos alguns não e esse aqui chama Bairro Bandeirante porque foi o primeiro grande loteamento aqui, a Nova Vila era todinha de terra, poucas casas, tudo espalhado, cidade era minúscula tinha dezessete mil habitantes. JO

*... eu não cheguei a banhá nele não, os menino sempre banhava, aí depois nessa gestão passada o prefeito limpou ele, canalizou tudo, fez aquelas parede de pedra, aí acabou o banho (MP)*

*...a única coisa muito agradável que tinha era ao redor da igreja, era bem arborizado. MIBA*

É notório o crescimento acentuado que a cidade de Caldas Novas teve nas últimas décadas. Associado a um desenvolvimento do turismo intensificou-se a construção de casas de veraneio, ou turismo de segunda residência, esses imóveis permanecem desocupados a maior parte do ano. Atualmente tem ocorrido uma desvalorização significativa dos imóveis, principalmente, nos condomínios de chalés que foram construídos ao redor da cidade.

A problematização que a comunidade revela sobre esse crescimento desenfreado pode ser verificada tanto nos fragmentos de discurso que seguem quanto naqueles que serão destacados no eixo temático que trata da qualidade de vida.

*O que eu menos gosto, é o preço que o progresso trouxe pra cidade. Que é isso que eu te falei, que é a violência, que é a falta de confiança, falta de conhecimento. Então aquele tempo antigo, apesar de não ter determinados progressos determinadas facilidades, era melhor de viver! SR*

*O dia-dia era tranqüilo, você levantava cedo saia na calçada cumprimentando os vizinho, qualquer profissão que você exercesse era uma profissão que contava com muita amizade, com muita confiança, todo mundo confiava em todo mundo. Hoje com o progresso, com o desenvolvimento, você não conhece mais as pessoas da cidade, você não sabe mais quem é da cidade e quem veio de fora. SR*

*Com o progresso veio o preço, porque você paga um preço pelo progresso, o preço que a gente fala o que que é? É a violência, o roubo, o assalto, o estupro, briga, acidente de carro, drogas. Caldas Novas hoje é uma cidade grande e ela tem as características de cidade grande e tem a violência de cidade grande. Porque os administradores só preocupa em fazer prédios grandes, altos, bonitos, aquilo que cresce pra cima do chão o que é pra dentro do chão ninguém preocupa porque esse a população não vê, não atrai voto. SR*

*Caldas precisa de hospital bom, na área de saúde é muito carente. Caldas Novas eles pensa muito e investe muito em turismo, só pra ganhar dinheiro nos clubes, mas saúde educação é muito carente dessas coisas aí neh? Muito lugar sem iluminação sem esgoto, aqueles barraquinho neh? Estrutura física adequada pra esses bairros mais carente. Que é o cara que trabalha no centro da cidade, eles olham muito pro centro da cidade, o que o turista vai ver no centro, mas se você andar em volta vai ver que é uma pobreza grande demais. Você chega no centro da cidade tá tudo bonitinho arrumadinho, mas se o turista for dar uma volta assim vai ver que tem muita coisa errada. MP*

*É onde eu falo pra você que o filho da cidade de Caldas Novas não aceita por isso, porque o crescimento acabou com a natureza de Caldas Novas, aí eu dou razão para os filhos de Caldas Novas, porque há 20 anos atrás ali naquela Avenida Coronel Bento de Godoy, no centro ali as torneiras tudo era água quente e acabou, porque? Por um lado foi bom, construiu hotel, deu emprego, mas por outro lado ficou a desejar e muito. MT*

### 2.5.2.2. Problemas e vantagens decorrentes da atividade turística

Esse crescimento desenfreado que a cidade Caldas sofreu acarretou problemas urbanos e ambientais dentre os quais se destacam o inchaço do sistema urbano por falta de infra-estrutura suficiente e a opção por um turismo de massa.

Dentre os atores entrevistados 43% fazem referências diretas sobre a atividade turística. Existe uma unanimidade na opinião dessas pessoas, principalmente que residem na área urbana acerca das conseqüências negativas desta atividade para o lugar e para o cotidiano.

Já nos depoimentos dos moradores da área rural, possivelmente, por não terem um contato diário com os problemas do turismo, verifica-se uma aversão à aglomeração de pessoas, ao trânsito, barulho, etc., mas não fazem referências diretas à atividade turística. Os depoimentos que seguem são de moradores da área urbana.

*Sistema de transito da cidade não tem a menor possibilidade de receber a quantidade de gente que Caldas Novas recebe. A cidade cresceu só na vertical. E isso concentrou toda a população num pequeno espaço! SR*

*Caldas Novas hoje é uma cidade violenta, totalmente diferente de quando ela era currutela quando ela era pacata. SR*

*Só que é o que eu to te falando, se tem 200 operários trabalhando, você pode observar que só tá fazendo serviço do chão pra cima, da superfície pra cima, em infra-estrutura você num vê pessoal trabalhando. SR*

*Aqui, se fosse só da população de Caldas tudo bem. Mas quando tem um lugar bom de trabalho bom de se viver, o pessoal fica doído, não é toda cidade que é bom de se viver e bom de trabalhar, com diz, tem muita gente aqui, tem setor de nordestino, tem muito baiano, vem muita gente de fora, ai é pouca vaga pra muita gente querendo trabalhá, como diz, antes tinha um serviço e achava outro melhor tava 3, 5 vagas lá pra você, e hoje você solta 10, 20, 30 currículo ai e não acha nada é muita gente de fora, nesses hotéis você pode fazer uma pesquisa, se você achar 20 ou 30 % da população daqui que trabalha em hotel é muito mais é pessoal de fora. A cidade tem muitos hotéis,*

*mas eu acho ta pequena ainda pra tanta gente querendo trabalhar. MRC*

*O que eu vi foi uma tendência. O que vem se consolidando é a opção de Caldas Novas por um turismo de massa, e esse turismo de massa envolve, por exemplo, a construção desse monte de prédio que você vê aqui na cidade, que é apart hotéis, isso na verdade acaba saturando nosso mercado, primeiro se constroem, acaba tanta concorrência, o preço vai lá em baixo, o poder aquisitivo de quem vem é menor também. MF*

*Caldas Novas tem uma opção pelo turismo de massa, e isso ambientalmente não é legal, tudo isso demanda utilização de recursos naturais, essas águas termais, até quando elas suportarão? Será que realmente temos todo um aparato que previne ou impossibilita a contaminação do lençol termal? Todas as edificações estão sendo construídas em cima de captação, porque Caldas Novas é ponto de captação do lençol termal, não é só a Serra. MF*

*[crescimento] Desordenado, e com uma assim com uma possível perda de áreas naturais. JO*

*Eu acho que Caldas Novas é muito imediatista, os empresários pensam só no seu bolso, o turismo é uma atividade que pode até gerar emprego, mas não distribui realmente a renda. A renda fica concentrada nas mãos dos grandes e a grande maioria de quem trabalha com turismo ta ligada só como sobrevivência, ganha pra sobreviver. Eu não sou muito positiva em relação ao turismo não. Não vejo um saldo bom não, que seja um bom caminho. MF*

Os impactos do turismo sobre a qualidade de vida na cidade de Caldas Novas são intensos e têm provocado desconforto da população que é obrigada a se refugiar em períodos festivos, como carnaval, semana santa, etc.

*[...] tem um pit dog [lanchonete] bem na frente do meu prédio, Deus me livre, você num dorme a noite, eu pus outra cama no fundo lá no outro quarto, quando ta muito barulhento. Carnaval você acha que você dorme ali? Nem no fundo lá você num dorme. DFM*

*...e no centro ali quando a cidade tá cheia, quando é temporada, não tem jeito de dormir. MCC*



*Por exemplo, carnaval, semana santa no centro da cidade era um Deus nos acuda, não era fácil não. Agora neste ano parece que mudou totalmente pra outros lugares e ficou melhor. MSP*

*...muita baderna muita bagunça, porque Caldas Novas hoje é marcada pela baderna, pela desorganização, pela falta de estrutura.*

*SR*

Apesar de relatado por apenas uma depoente o desconforto da população gera uma versão ao aumento populacional no lugar.

*[...] porque aqui em Caldas Novas o morador daqui, o filho de Caldas Novas ele não aceita o turista, o morador daqui, ele acha que Caldas Novas não poderia ter esse tanto de hotéis, não poderia ter esse tanto de gente que trabalha e rede hoteleira e mestre de obras, essas coisas, pessoas assim que quer tipo coronelismo, quer a cidade só pra eles. MT*

Por outro lado, o turismo auxilia na geração de renda da população local ao oferecer oportunidades de trabalho de maneira direta e indireta. Esses aspectos positivos também são apontados com unanimidade pelos mesmos atores que relataram os problemas. O que reforça a idéia de que o problema do turismo não é a atividade em si, mas sim a forma de gerenciamento e organização.

*Depois de faze a pousada que foi bõo, porque lá era pasto neh?Aqui era uma crise de dinheiro danada, neh? Era só leite e você sabe que leite é devagar, então hoje aqui é turista, os turista dá dinheiro pra pousada e a pousada esparrama com nós aí oh! Você vê que miorô. VS*

*A população de baixa renda principalmente ela é beneficiada sim, porque o turismo gera bastante emprego em Caldas, aliás a maior parte do emprego que tem em Caldas é relacionado ao turismo. Construção civil que também tem empregado muita gente, ele dá bastante emprego, não resta dúvida. SR*

*Rio quente aqui só tinha umas 3 casa. Uma veinha ali que até eu morei nela, uma casona tudo feito de madeira, eles fala em dismachá ela fala que vai arrumá ela, e a igreja, só isso. Você já andou ali embaixo? Então cresceu, tem ali as casa da Caixa, miorô. VS*

### 2.5.2.3. Mudanças na paisagem na área rural

As mudanças na paisagem ocorridas na área rural estão relacionadas à utilização dos recursos disponíveis e à abertura de áreas para agricultura e pecuária. Embora esse fato seja uma realidade em todo o Estado de Goiás, a partir da década de 60, em função dos incentivos governamentais, como discutido anteriormente, o processo foi conduzido de maneira descontrolada. Vale, neste ponto, considerar que as alterações relatadas ocorreram em, no máximo, três décadas.

*Não, aqui era uns matão, o povo derrubava as árvore, o povo não gostava de mato nada neh? CLA*

*Ah, era tudo mais cerrado, mais fechado, num tinha pasto formado, num tinha sede, num tinha essa casa de lá, só esse paiolinho quando eu vim aqui no início. AMG*

*... eu que conheci isso aqui tudo em saroba vê tudo limpo hoje é difícil. Quem vem de Caldas a Marzagão é difícil achar uma rabulerinha de mata. Ali na outra parte a mesma coisa. AMG*

*Diminiu demais, a água do rego neh? DFM*

*Tem dia que você chegava lá era o cheiro da água, água clarinha! Você chegava lá naqueles poço grande se via os bicho lá no fundo. Hoje você chega lá na beira do ribeirão, você chega lá é aquela catíngá de sabonete que vem lá do esgoto, da pousada, cabô! VS*

*Tem um aqui em baixo [córrego]. Primeiro ele nunca secou, hoje ele seca! Morre peixe, na seca ele vai minguando, minguando e morre. VS*

*Todo mundo tinha aroeira. EA*

*[...] o povo só desmatando e formando neh! Agora eu tenho uns pedaço bonito, ce viu ali?AJI*

*Aqui era tudo mato neh! GMO*

*Aqui era...quando meu pai veio pra cá era mato. Ai foi o desmatamento no machado neh! Roçava neh! Era roça de toco antigamente, não falava em lavoura, primeiro era na enxada, foice e machado neh! Plantava!!! A vida era uma vida antiga neh! A evolução veio depois, uns 50 ano atrás. AJ*

*Quando meu pai comprou aqui era só mato, ele que fez essa casa meu pai! Isso tudo tirado na serra, na mão. Por isso que eu falo, primeiro não tinha madeira cerrada não, tudo tirado na mão, tábuas, ripa, tudo no machado, meu pai! EA*

Estas alterações, além da perda intrínseca de biodiversidade, provocaram a destruição de elementos ambientais que eram parte do modo de vida e da ligação ser humano-ambiente. Essa sensação de perda fica explicitada no discurso do Sr. AMG:

*Igual ai tem uns que desmata as coisas, um trem que é ruim também. Porque no nosso tá tudo limpo demais, eu que conheci isso aqui tudo em saroba vê tudo limpo hoje é difícil. Pra mim que já vi isso tudo em cerrado, madeira boa aqui na fazenda, conheci tudo em cerradão! Arvore grossa hoje ce num acha uma, lavoura de soja, foi tudo dizimado o cerrado, hoje ce pode conta as arvore que tem ali dentro. Isso é ruim! AMG.*

O processo de modernização nas áreas rurais, focado na visão capitalista da utilização máxima de áreas potencialmente agrícolas alterou significativamente a paisagem regional provocando uma conseqüente perda de biodiversidade.

*Por aqui? Um cerradão rapaz!! Paia de vassora tinha demais ai muito bicho. Hoje nada! Só esse braquiarão e mais nada! Bicho você nem vê mais. Tem uns chupadô de cana, mão pelada, cachorrinho do mato. Até o roco sumiu daqui. Aqui quando eu mudei pra cá se precisa vê como o bicho urrava aqui. Acabo, eu tenho até saudade, guariba, se já viu guariba? Aqui tinha muito que urrava aqui de noite. Primeira*

*vez que eu posei aqui um frio rapaz e o bicho urrava a noite, aqueles ranchinho veio, além do frio que eu passei, eu passei medo demais!! E eles sumiram hoje eu não vejo eles mais não! JLG*

*Isso ai mudou muita coisa neh? Na época era só cerrado, só mato, então pra hoje já modificou muito já! Depois que foi desmatando, formando os pastos. JAG*

Um dos aspectos relatados pelos moradores é a perda do recurso “madeira” pela utilização não controlada que conduz a idéia de que a natureza teria capacidade de se regenerar e de que os recursos eram infinitos. A escassez provocada levou a uma valorização, ou valoração, destes recursos, que por sua vez influenciou os modos de vida da população.

*Em volta ai tem muita fazenda que tirou tudo, plantado soja que destruiu tudo aquela arvore antiga, aroeira, angico madeira de lei neh? Angico cabou tudo, arvore centenária ai mandou trator e derrubou aquilo tudo pro chão. VFLC*

*[...] veio energia, vem o gás, vem uma tiração de leite pra pegar o dinheirinho, não precisa mais pegar a lenha neh? A lenha acabo também neh? Não tem mato mais pra faze lenha neh? JBJ*

*Essa época tirava as madeira tudo e perdía, de vez em quando tirava pra fazer um curral, um quintal neh? Não tinha valor nessa época neh? Tinha muita neh? Hoje se tem um lugar que tem uma aroeira eles roça em volta e deixa ela em pé lá! Não derruba, de primeiro tirava tudo, se ficava lá o fogo queimava, ai tirava tudo. Todo mundo tinha aroeira. EA*

*Era tudo mato, cerradão quando eu conheci aqui tudo cerrado, um pouco mais claro que esse que você passou aqui é um cerrado mais grosso neh? Bastante madeira! Ali faz uns dois três anos também que desmato, pra banda da serra lá. JLS*

No discurso acima do Sr. JLS vale tecer uma consideração. Apesar de estarem localizados na área de amortecimento definida no Plano de Manejo<sup>9</sup> do PESCAN ainda ocorrem desmatamentos da região.

As alterações na paisagem estão relacionadas à modernização nos processos agrícolas, ou melhor, na inversão tecnológica aplicada aos processos de produção.

*Capoeira, mato, ninguém fazia roça, não havia arado, esse negócio de gradiá, tudo era na foíce e na enxada. DR*

As alterações na paisagem no município de Rio Quente foram relacionadas a construção da Pousada do Rio Quente. Este empreendimento, o maior complexo turístico hoteleiro da região, introduziu uma série de alterações no lugar relacionadas tanto a alterações diretas na paisagem como na vida dos moradores da cidade, aspecto que será discutido, apropriadamente, adiante.

Ao se referir as alterações ocorridas na região de Rio Quente o Sr. JL relata:

*"aqui, quando eu era menino era quase um deserto, um cerradão! Um cerrado. Era longe dos vizinhos neh? Nós morava 8 km do vizinho. Nós ia pra caldas tinha que ir a cavalo ou ir pra pousada pra pega ônibus. Tinha que ir pra pousada 18 km! Rio quente aqui era só um patrimiozinho que tinha ai. O pessoal falava patrimônio do Vicente. [...] Só tinha que o pessoal era unido neh?"*

---

<sup>9</sup> O Sub-Programa de Regulamentação de atividades no entorno do PESCAN sugere a proibição das seguintes atividades em um raio de 10 quilômetros do parque: Indústrias poluentes ou semi-poluentes; indústrias na área mais próxima ao Parque; estações de tratamento de água, lixo ou esgoto; pista de pouso, rodovias novas; qualquer exploração comercial de recurso natural, exceto as águas quentes; desmatamento de qualquer espécie; construção de novos hotéis sem um estudo próprio e conjunto; depósito de qualquer tipo de rejeito; loteamentos sem projetos especiais e que não contemplem a existência do Parque; execução de música constante em volume elevado, que possa prejudicar, afugentar ou causar estresse na fauna. (Plano de Manejo, p119)

Verifica-se aqui a perda de referenciais comunitários pelo processo de crescimento urbano.

Os impactos nesta região provocados pela Pousada do Rio Quente foram significativos, e em alguns casos comprometeram o acesso aos bens naturais dos moradores locais, como vemos nos demais relatos que seguem:

*Porque na pousada não tinha nada aquilo lá era tudo mato.*  
 GMO

*O rio da pousada ai acabô!!! Bom lá pra eles, neh! Fechou. Daqui pra baixo é tudo água suja, mau cheiro, presta não! VS*

*Peixe pega, mas é muito pouco, acho que por causa do desmatamento que o pessoal desmatou neh? JLM*

Nota-se no discurso do Sr. VS que apesar da consciência a respeito dos impactos provocados pela instalação da Pousada do Rio Quente a visão econômica é preponderante à qualidade ambiental que foi perdida. O mesmo ator relatou que "depois de fazê a pousada que foi bão, porque lá era pasto neh?"

A apropriação desenfreada dos recursos disponíveis, que acarretam nas alterações de paisagem, muitas vezes se dá de maneira impensada e unicamente com uma lógica capitalista. Apesar de localizarem-se na área de amortecimento do PESCO, algumas ações na utilização de recursos continuam a ocorrer contrariando o que é proposto pelo Plano de Manejo.

No período de realização deste estudo estava sendo implantada uma pedreira próxima ao Parque. Este empreendimento despertou a insatisfação de um morador que tem sua propriedade próxima ao local de instalação e a cobiça de outro que era antigo proprietário da área.

*Essa pedreira era minha, eu vendi tudo ali pro Aureliano, hoje era eu pra ta ganhando dinheiro. [...] O rapaz falou pra mim, ele é lá da Concreto [empresa que instalou a pedreira], não dona F. o jeito que*

*quebra agora não faz muito estrondo não! Mas diz que acaba com a casa neh? Agora to com duas aqui [pedras] ele diz que vem cá também pra ver. FM*

Apesar do receio acerca dos impactos que o processo de extração das pedras poderia causar, a Sra. FM demonstrou uma maior preocupação com o retorno financeiro que teria ao permitir a extração. Vale considerar, que os órgãos competentes (Agencia Ambiental e IBAMA), assim como a administração do PESCAN, foram informados de tal empreendimento.

*Ao meu modo de ver é! Uma pedreira a 300 metros de distância da minha residência, da chácara, da sede! [...] O governo autorizar uma pedreira a 300 metros da minha casa eu acho que é descabível, porque a gente saber que isso produz uma poluição muito grande, uma poeira muito intensa, eles solta bomba nessas pedra... Voa pedaço de pedra muito longe, o vizinho aqui de baixo, há pouco tempo teve gado, matou o gado, com pedaço de pedra, estourou uma bomba lá voou pedra nas vaca esbagaçou as vacas. E hoje tão colocando uma pedreira aqui a 300 metros oh!! [...] Porque até o momento eu não tive nenhum tipo de prejuízo aqui, mas eu to bem cismado que vai haver alguma incomodação assim até perigosa neh? SR.*

Os demais moradores do entorno do local de instalação da pedreira não se manifestaram sobre o assunto. Verificou-se também que a maioria não tem conhecimento do fato.

#### **2.5.2.4. O modelo de conservação adotado e as concepções sobre o PESCAN**

A relação existente entre a população e o Parque Estadual da Serra de Caldas Novas (PESCAN) apresenta duas vertentes bem definidas: concepções positivas das pessoas a respeito do Parque, fundadas principalmente na sua importância e beleza cênica; concepções negativas pelas limitações impostas ao seu entorno, dificuldade de acesso e os problemas decorrentes.

#### 2.5.2.4.1. Concepções positivas sobre o PESCAN

A importância do PESCAN para a região não se limita à sua diversidade biológica e sua posição de repositório das águas subterrâneas que formam os aquíferos termais. Tal importância se refere também às condições subjetivas da população que reside em seu entorno.

A beleza cênica de uma natureza preservada desperta na população uma ligação estética e lúdica com a serra. Esta relação pode ser um importante ponto nos trabalhos de educação ambiental, visando tanto a conservação do Parque quanto os modos de vida, a qualidade ambiental e os fundamentos topofílicos da comunidade, embora exista uma problemática relativa ao entorno que será discutida adiante.

*Acho que se não tiver isso aí a natureza vai acabando [...] e esse pessoal que vai nascendo hoje não vai conhecer as coisas que tem. CLA*

*É absolutamente indiscutível que é importante é absolutamente importante, primeiro é ao sul, é um dos últimos redutos no sul de Goiás, de cerrado de altitude e ali a flora lá é magnífica, a fauna eu não posso falar não que eu não conheço, mas a flora é magnífica, é um cerrado e eu sou apaixonado pelo cerrado tanto assim que eu sou compositor e eu fiz um cd chamado Suíff Serra de Caldas, reflexões musicais sobre os primórdios dessa terra, depois a gente acha uma cópia pra você. JO*

*[...] tem muita água lá!!! Daqui você vê tanta água menino, mas é uma água bonita demais branquinha neh? Cada córrego! [...] isso é uma riqueza muito boa neh? Muito bom! DFM*

*A serra é coisa boa, é uma coisa bonita que a gente tem que conservar neh? JBJ*

*Eu acho super importante. Muito mesmo, infelizmente, nós não temos quase reserva mais, independente de ser parque ela é uma reserva útil, ela é uma reserva especial que tem a vantagem, o privilégio de ter água quente. Então é super importante o parque realmente tem que ser preservado a qualquer custo no meu ponto de vista. JEP*



*[...] tem um lugar ali que corre uma água que vem lá de cima fica parecendo o véu de uma noiva. Branquinho!!! Aquela água caindo....um dia eu sai pra ir lá mas a gente olha assim parece pertinho, mas ai andei, andei, andei e aquele trem num chegava, falei o que? Eu vou vorta pra trás. ... Os menino que conhece lá diz que é muito bonito, diz que tem tipo uma piscina lá, que a água cai lá em baixo e a água é limpinha, é alto o paredão assim fica bonito no tempo das água. JLS*

*[...] a gente primeiro a gente pensava assim, ali é só buraco que tem e montanha neh! Mas é o contrário disso! Na lateral dela representa isso, mas lá em cima na plenitude dela, no plano é um cerradão neh! Tem até buritizal lá em cima, mina d'água. AJ*

*[...]é um patrimônio que nunca pode ser destruído, é bonito né! O governo tem muito cuidado com isso ai, acho que vale a pena neh! Tem muitos animais, é a conservação mesmo neh? Da natureza! A gente pensa que é de uma maneira, mas é de outra, vale a pena conhecer! AJ*

*Isso ai é preservação neh! As vez na época que não era desse jeito era destruído la então eu acho que é muito certo. Eu acho importante, porque dando conta mesmo de não deixa ela queima, porque ela é muito destruída por causa do fogo neh? JAG*

*Eles falá que tem vulcão ai, será que tem mesmo? Arrebenta nada neh? Deu essa água quente neh? Eu tinha medo quando mudei pra cá, eu tinha medo! Mas é muito bonito é uma riqueza essa serra viu! DFM*

*[...] é uma coisa inexplicável neh? Só Deus mesmo pra faze uma coisa tão bela igual ta ai neh? Isso ai eu acho que é o cartão postal de Caldas e Pousada. Muita gente invoca mais é com água quente, mas ali ta em primeiro lugar, pra mim é! MRC*

*[...] é muito bonita. Tem as proximidades da encosta, é uma serra muito agradável, uma terra assim bem úmida, uma vegetação bem verdinha, aqui a gente ainda tá longe, se você for andar reto ai ainda cansa. SR*

Apesar dos fragmentos apresentados acima acerca da beleza cênica da Serra de Caldas, o acesso da população ao local como área de lazer, que poderia proporcionar momentos de ludicidade e contato com o ambiente natural, é limitado em função da proibição do acesso e pela falta de trabalhos que integrem a população ao PESCAN. Anteriormente à criação do Parque,

havia uma estrada que cortava a serra ligando Rio Quente a Caldas Novas que era utilizada livremente pela população. Nesta época havia um acesso livre que, apesar de garantir o contato da comunidade local, possibilitava também a extração descontrolada de recursos no local.

*[...] antigamente tinha uma estrada que dava acesso, do município pra Caldas e vice versa, e ela passava por cima da serra por dentro do parque, então a gente trafegava nesta estrada, era uma via pública neh? Ai desde que fecharam eu nunca mais passei por lá não. Então lá no interior do parque eu não vou não. SR.*

*Conheço não, nunca fui lá. Tenho vontade de ir, mas num fui. AMG*

*Conheço muito pouco. Já passei muito lá. Tinha uma estrada quando a gente ia pra Caldas passa por cima. Hoje ta muito vigiado, a serra ai ta muito vigiado pelos guarda. JLM*

*Nunca fui no parque falta de oportunidade e companhia também. MSP*

*Não, não conheço lá em cima, conheço no pé da serra lá em cima eu num conheço. VFLC*

*Não depois que fecharam e institucionalizaram eu senti assim muita frieza naquilo, fico de longe, tem outros lugares que eu vou. JO*

*É a utilização, a visitação correta, sem esse burocratismo esdrúxulo e policiamento e patrulhamento de todo cidadão, como se todos fossem realmente malandros, você sabe. JO*

Entre os moradores encontram-se também aqueles que acreditam que o Parque realmente tem que ser fechado ao acesso reforçando a idéia de impossibilidade de coexistência de uma natureza preservada com a presença de seres humanos.

*Tem que proibi mesmo porque a gente destrói demais aquilo ali!  
DR*

*Porque essa coisa é certo, porque o homem é destruidor mesmo neh? Se deixá ele caba com a floresta mesmo neh? JBJ*

As áreas destinadas à preservação de biodiversidade como os Parques Estaduais têm sua normatização generalizada para o todo o país com base no modelo criado pelos Estados Unidos. Porém, a generalização dessas normas pode provocar problemas no que diz respeito ao uso do solo nas áreas do entorno e dos recursos naturais disponíveis.

A rigidez das normatizações, principalmente no que diz respeito à abertura de novas áreas para cultivo, tem provocado desconforto na população que reside no entorno do PESCAN, já que estas normas não são restritas a área do Parque e atingem a área de entorno.

*Essa lei eu acho ela um pouco errada, porque um pedacinho que a gente tem aqui eu preciso fazer uma coisa ai....Bom tirá 20% ai é normal neh? Mas eu acho um pouco errado, porque o pouco que a gente tem aqui neh? Igual aqui, eu fui criado aqui, na época não existia isso. Apesar de que tem umas coisas que é certo, 20% as nascente. Mas as pessoa que tem um pedacinho e precisa daquilo pra viver. JBJ*

*Meu ramo aqui é gado neh!? Tem muito mato pra desmatá, mas a gente tá meio empreendido ai que não pode desmatá mais neh? Mas nós ta lutano pra vê se sai uma licença pra desmata 10 alqueire. SS*

*Eu tenho 122 alqueire e não tenho 30 alqueire cultivado, o resto ta tudo em mato. Você vê o que é que eu vou declarar quando eu vou fazer declaração, não tem nada pra mim declarar porque ele vai procurá quantos saco de arroz você colheu quantos carro de milho você colheu, quantos capado você vende por ano, quanto de gado você tem.Tudo ele procura, a gente não tem nada pra declarar disso ai então eu queria abrir pra aumenta os pasto pra aumentar o gado e ter mais renda, a renda não tá dando não sô!! A rendinha que agente ta tendo ai não ta dando não! Tá dando pra viver não! SGS*

*Agora um negócio que eu acho errado, como é que é, esse negócio aqui da serra, parece que tem um negócio aqui que as pessoa que ta 10 km em volta da serra não pode desmatá? JBJ*

As incoerências entre a realidade e as normatizações são claras. O subprograma de regulamentação de atividades no entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas, sugere as atividades que não podem ser desenvolvidas num raio de 10 km dentre as quais está "o desmatamento de qualquer espécie" (GOIÁS, 1998, p.119).

Estes produtores participam do processo produtivo como qualquer outra propriedade rural do país, entretanto, tem limitada a área que pode ser destinada ao plantio, o que indica a necessidade de políticas "especiais", ou subsídios, que compensem o não aproveitamento das áreas destinadas à preservação.

*[...] aqui nós ainda tem alguma reserva, mas eu conheço lugar que não existe nada. Eu por exemplo tenho uma chacinha aqui eu tenho que te uma reserva apesar de que se o IBAMA pegá a gente cortando uma vara, um caibro que quebra ai duma varanda, se pega a pessoa cortando quer multar! Esse ai eu acho errado! Mas tem que te a reserva, você precisa de caibro pra por numa coisa! Num cabo de bassora, numa ferramenta aonde vai tirá, se num tivé tem que ir na cidade comprá. E na cidade vem de outros lugar e a gente compra. Mas se todos cuida dessas coisas facilita mais, certo? OPS*

*Eu fui marradô de bassora peguei muita paia lá, hoje num deixa mais. Se pegar você lá se vai preso! VS*

Nota-se no discurso acima que, além das questões relativas à utilização do solo para culturas, existe também a utilização dos recursos disponíveis. A proibição legalmente imposta acerca dessa utilização tem levado a alterações nos modos de vida e aumentando a dependência de produtos industrializados.

#### 2.5.2.4.2. Concepções negativas sobre o PESCAN

Outro ponto relevante no discurso dos atores acerca do PESCAN é sobre sua utilidade. Os pontos de vista variam a dois extremos. Apesar da grande maioria (90%) dos entrevistados entenderem a finalidade da existência do parque, alguns (10%) acham que é desnecessário.

*Essa serra ai pra mim eu acho que é uma besteira o governo ta preservano isso ai... Já que ele que por, como é que chama? Esses que invade as terra da gente, os sem terra! Porque que não desmata lá põe lavoura lá e põe esse povo trabaiá lá neh? SGS*

*O certo é eles [sem terra] invadi lá ao invés de invadi terra, tá na mão do estado mesmo lá é bão, tem muita água! [...] do jeito que tá ai não ta servindo pra nada neh? Só pra criar onça. Criá onça e bandeira! O bão mesmo era faze roça lá, acabá com essa miséria. É bão essa serra! EA*

*Ó meu amigo, a gente, igual que eu falei, eu sou analfabeto, igual teve uma família lá de Morrinhos que teve pesquisando ai e queria arrendar pra fazer lavoura lá em cima, diz que lá dá pra fazer de 600 a 800 arquere de lavoura em cima. A serra diz que é do governo neh? Mas o governo, não sei por que também, porque ele num compro também! Igual esse povo que fica invadino terra, essa coisas, o governo podia arrumar pra eles tocá roça em cima da serra também. Num deixá garimpa, porque garimpo ai tem memo. AGO*

As concepções nos discursos acima demonstram de maneira clara a falta de compreensão sobre importância do Parque para a região, tanto em função da biodiversidade vegetal e animal que abriga quanto pela sua participação na reposição dos aquíferos. Um ponto importante para discussão, nesse contexto, é a falta de conhecimento a respeito da natureza pública do bem ambiental. Os recursos naturais são tidos pela legislação brasileira como bens comuns, portanto não é pertinente a associação que os atores fazem com a posse da terra da UC pelo governo. Não se trata de posse, mas de uma área de

bem comum sob a tutela da instituição que representa os interesses públicos. Insere-se aqui a necessidade de um trabalho integrado de conscientização através da educação ambiental. A certeza de que um trabalho efetivo possa reverter tal quadro pauta-se nos discursos de moradores que recebem freqüentemente a visita dos funcionários do parque.

*Sempre eles [funcionários do parque] vem cá as vezes almoça com nós. Manda a gente vigiá ali também, porque sempre que vem uma pessoa meio estranha assim, a gente liga lá e num instantinho eles vem neh? Quando vem muita gente. Eles não gosta que sobe lá nenhum. AMG*

*O Sr Antonio [funcionário do PESCAN] lá sempre explica a gente. Que é uma preservação de animais silvestre, essas coisas toda neh? Evita de fogo essas coisas. É bom que as pessoa num conhece, a maioria das pessoa num conhece neh? Então eu acho que é importante aqueles trabalho deles. Sem os funcionários lá tinha queimado e não tinha nada mais. Com toda certeza do mundo. Eles vem vigiar ali e tem que vigiar mesmo, várias vezes já veio gente ali, aí a gente liga lá num instantinho eles vem e põe todo mundo pra ir embora. AMG*

*[...] às vezes pessoas chegam aqui e falam: escuta, eu posso ir lá no parque? Eu não tenho nada com isso, não sou dono de nada, eu não falo pra você ir eu só falo que o pessoal não gosta. Se o fiscal te pegar lá dá problema pra você, agora pra mim não eu não sou fiscal do parque. JEP*

Vale ressaltar aqui a necessidade de integração da população do entorno no processo de conservação do PESCAN. Nos locais onde essa integração foi atingida, como no discurso acima, existe uma preocupação com o Parque e auxílio aos funcionários.

Podemos apontar ainda uma consideração crítica. No momento da pesquisa existiam apenas três funcionários trabalhando na fiscalização do PESCAN que também atuavam como guias turísticos. É notório que esse contingente é insuficiente para atender a demanda.

O Sr Antonio, citado no discurso do Sr. AMG é o funcionário mais antigo do Parque e sua relação com a população do entorno foi significativa nos casos onde se atingiu a participação dos moradores. Ao ser perguntado sobre o que ele gostaria de alterar no lugar o Sr. AMG respondeu que "Em primeiro lugar acho que seria ajuda eles preserva aquilo lá [serra] primeiro lugar acho que seria aquilo".

A eficiência do trabalho participativo também ficou explicitada no discurso do Sr. JEP.

*Então ultimamente acabou esse problema do fazendeiro botar fogo e subir pra serra e queima, às vezes cai um raio e pega fogo. De vez em quando tem ano ai que queima um pouco pega fogo, mas assim porque cai raio e pega mesmo! Eu até achava difícil não acreditava muito nisso até que eu vi na hora que caiu a faísca e o fogo começou, eu até fiquei contrariado porque isso foi num domingo e eu tentei ligar, mas funcionário publico na folga dele ele ta folgado mesmo, ele não quer nem saber, ai eu não consegui rapaz. Liguei pro meu filho em Caldas, falei vai da um jeito, anda ai vai no corpo de bombeiro vê se consegue pra vim apagar o fogo na serra caiu um raio lá...e daqui a gente via ao fogo crescendo lá. Ai ele foi no corpo de bombeiro e eles falaram não, nós não podemos entrar no parque pra apagar o fogo se o órgão da fiscalização lá do parque não chamar, ele que tem que chamar. E rapaz parece que tudo acontece certo na hora certa, de repente caiu uma chuva daquelas assim inesperadas e por incrível que pareça parece que choveu só nesse pedacinho, caiu aquela chuva lá e apagou o fogo ai liguei pro meu filho e falei não pode deixar Pedrinho já deu um jeito. JEP*

É inegável o empenho dos funcionários do Parque embora muitas vezes o trabalho seja dificultado por sistemas políticos de concessões. Foi relatada anteriormente a instalação de uma pedreira nas proximidades na área de amortecimento do Parque. Embora não seja o objetivo do trabalho discutir esse assunto, essa concessão deu-se por influências políticas junto ao governo estadual, fato que, é de conhecimento da população local, e provocou um descrédito no sistema que acaba se refletindo na receptividade da comunidade às ações dos funcionários do Parque.

Apesar disso, há algumas singularidades que merecem destaque. Entre elas, a adesão ao discurso conservacionista, especialmente evidenciada pela intenção de criação de unidade particular de conservação de um dos depoentes. O Sr. SR, ao falar sobre sua intenção na criação de uma RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural) em sua propriedade, relata:

*É alguma coisa assim, é uma reserva que você faz além daquela exigida por lei, que você faz com autorização do IBAMA, da Agência Ambiental, que inclusive ela te dá condições de pleitear financiamentos junto ao banco do Brasil com juros bem reduzidos, então eu pensava nessas coisas. Ai com o passar do tempo as idéias vai modificando. Eu tomei tanta bronca desse pessoal da Agência Ambiental que quando eles passam direto ali na estrada pra mim é um alívio, eles vinham entregavam folhetos, pedindo pra não fazer queimada fotografava, gravava, filmava, tá certo que tudo eles perguntavam se podia neh? Hoje se eles chegarem aqui e pedir alguma coisa desse jeito...eu falo não, vocês procura outro ai porque. Eu desentusiasmei com esse parque justamente por esses fatores. [...] Se é que realmente existe essa preocupação com o parque então uma pedreira tão próxima ao parque como nós estamos aqui seria descabível. SR*

### 2.5.3. Indicadores de alterações na qualidade de vida

Os indicadores que compõem o conceito qualidade de vida são amplamente discutidos geralmente referidos aos aspectos objetivos como alimentação, saúde, educação, etc. A partir das discussões desenvolvidas no campo da geografia humanística e dos estudos de percepção ambiental, no entanto, esses indicadores passaram a envolver também aspectos subjetivos relacionados ao bem estar psicológico através de aspectos como identidade, prazer, satisfação pessoal, etc. Em nossa análise, consideramos os indicadores psicológicos de "qualidade de vida" associados aos aspectos subjetivos de bem estar. Vale ressaltar que a perda na qualidade de vida, seja através de aspectos subjetivos ou objetivos, pode provocar um rompimento dos vínculos que ligam o indivíduo ao lugar.



Os impactos de determinadas atividades, como as relacionadas ao turismo, na qualidade de vida da população local não é uma novidade. Já evidenciamos as mudanças paisagísticas e as perdas de referenciais topofílicos pelas apropriações indevidas do espaço. Nesse momento, apontamos as conseqüências dessas alterações sobre a qualidade ambiental e de vida da comunidade estudada, onde deterioração do bem estar reflete-se em dois focos: no desenvolvimento de uma aversão ao centro urbano, marcado pelo efeito mais direto do processo turístico representado por um aumento populacional excessivo sem que seja acompanhado por um aumento da estrutura física do lugar; na valorização de ambientes rurais que são, normalmente, relacionados a situações de bem estar, mas que também passaram por algumas transformações importantes que influenciam a qualidade de vida. Ambos os aspectos – aversão a grandes centros e valorização do ambiente rural - já foram demonstrados anteriormente, especialmente quando foram apresentados os depoimentos que configuram os modos de viver e a topofilia.

Nesse momento, apresentaremos os indícios de mudança na qualidade de vida no ambiente urbano, provocado pelo processo de crescimento físico estrutural na cidade de Caldas Novas, e no ambiente rural, provocado pelo crescimento do sistema agropecuário.

O processo que a cidade de Caldas Novas passou nas últimas duas décadas provocou alterações significativas na qualidade de vida da população local. Entretanto, existem divergências nos discursos quando consideramos a população nativa e os migrantes.

No caso dos migrantes, a vivência em outras realidades, principalmente em grandes centros urbanos, faz com que sua percepção seja moldada por esta vivência e consideram a qualidade de vida em Caldas boa como pode ser notado no discurso da depoente abaixo.

*[...] bom, eu gosto também do fato de Caldas Novas ter um aspecto que lembra cidade grande, mas por ser uma cidade calma, sem violência, isso me agrada, poder andar na rua tranquilo, cidade grande hoje em dia é tanto stress, nesse aspecto sim, acho que a qualidade de vida é bem melhor que em outros lugares. MF*

O Sr. MSP relatou que a mudança pra Caldas Novas a cerca de 20 anos foi pela busca de uma melhor qualidade de vida. "Nossa opção era a seguinte, clima primeiro. [...] então aqui o clima aqui é melhor [...] o sossego neh! [...] aqui dá pra fazer uma caminhada voltar à noite, num tem perigo, sossego lazer e saúde". Não obstante, o mesmo depoente relata que houve uma perda de qualidade de vida nos últimos anos. "Aqui [condomínio onde mora] pra nós continua na mesma, mas a cidade era mais tranqüila, muito mais tranqüila".

Já os moradores que nasceram no lugar, ou que se fixaram em Caldas muito jovens, e tiveram sua vida construída no lugar, relatam uma perda significativa na qualidade de vida, normalmente relacionada à insuficiência estrutural urbana para suportar o intenso fluxo turístico em determinadas épocas do ano e aos problemas decorrentes do crescimento. Dentre eles é importante destacar: os relacionados ao tráfego de veículos em função da inexistência de uma logística viária, o que acarreta grandes transtornos em épocas de alta temporada associado a um aumento dos acidentes; o aumento significativo dos casos de violência, especialmente de assaltos e roubos; a perda de conforto psicológico, em função da intensidade de poluição sonora exacerbada em finais de semana e temporadas; a perda de sentido de comunidade e a influência de culturas alóctones; mudança de alguns valores relacionados às relações humanas, provavelmente em função da inserção da cultura comercial na relação com o turista, como confiança, responsabilidade e honestidade.

*Eu acho que mudou é parece que a coisa ta se enraizando de tal forma é a violência. [...] Era uma cidade bem tranqüila, sem noção de transito, talvez porque não precisava. MIBA*

*Aqui quando da chuva a gente fica apavorado, com engarrafamento ai de 1 km o cara fica doido. No caso de Caldas Novas na época de temporada carnaval que vira aquele tumulto eu num gosto nem de sair na rua, nem sai na rua, fica em casa. SAC*

*E aquela época a cidade era boa você podia sair a vontade na rua não tinha esses problema que tem hoje de assalto, roubo em casa, arrombamento esse tipo de coisa. Você saia dia de sábado com os colega podia volta de madrugada tudo sossegado. Num tinha essas coisas que tem hoje de assalto, roubo arrombamento ...era um cidade bem pacata mesmo. SAC*

*Com o progresso veio o preço, porque você paga um preço pelo progresso, o preço que a gente fala o que que é? É a violência, o roubo, o assalto, o estupro, briga, acidente de carro, drogas. Caldas Novas hoje é uma cidade grande e ela tem as características de cidade grande e tem a violência de cidade grande. Caldas Novas hoje é uma cidade violenta, totalmente diferente de quando ela era currutela quando ela era pacata. SR*

*Praquela população permanente foi ruim porque você tinha uma qualidade de vida boa! Hoje a qualidade de vida dos caldanovenses já não é tão boa mais. Você tá lá na cidade é aquela sonzeira a noite inteira um povo gritando dando cavalo de pau, aquilo estressa qualquer um. SR*

*Então aquele tempo antigo, apesar de não ter determinados progressos determinadas facilidades, era melhor de viver! Era uma vida melhor, as pessoas eram mais honestas, as pessoas era mais puras neh? Hoje tem muita maldade, muita irresponsabilidade, muita violência. SR*

*Qualquer profissão que você exercesse era uma profissão que contava com muita amizade, com muita confiança, todo mundo confiava em todo mundo. Hoje com o progresso, com o desenvolvimento, você não conhece mais as pessoas da cidade, você não sabe mais quem é da cidade e quem veio de fora. SR*

A cidade de Caldas, como apresentamos na caracterização das mudanças de paisagem, perdeu alguns importantes recursos de contato com elementos naturais, dos quais o mais significativo parece ser a descaracterização dos cursos d'água que serviam de espaço lúdico para os moradores. Esse distanciamento influencia sem dúvidas a qualidade de vida, na medida em que priva um lazer original. A isso se acresce a dificuldade que os moradores passam a ter de acesso a outros ambientes preservados, como é o caso da própria área do PESCAN e de muitos clubes e pousadas que privatizaram o acesso e uso do recurso hídrico.

*...vida de menino era diferente de hoje, a vida de menino era bom que você saia pra brinca, joga futebol, banha nos ribeirão. (JLM)*

Há ainda algumas falas que fazem referências a indicadores objetivos de qualidade de vida que julgamos importantes destacar, especialmente a falta

de condições de saúde, que não só aflige a comunidade local, mas representa um problema evidente para os turistas. Nesse contexto, ale ressaltar que o desenvolvimento de regiões turísticas em todo o país tem se dado sem a atenção necessária a esse aspecto, permitindo um crescimento do fluxo sem um aumento proporcional da disponibilidade de atendimento médico apropriado.

*Na parte da saúde aqui é boa, mas assistência medica aqui num tem. Qualquer coisa que acontece mais grave manda a gente pra Goiânia, Brasília ou Uberlândia, aqui não tem mesmo saúde aqui é nada. MSP*

*Agora ultimamente a patroa tava meio doente foi preciso ir pra Goiânia fazer uns tratamento. JEP*

Os modos de viver da população da área rural determinam o nível de ligação com o ambiente natural e a qualidade de vida influenciada por esta ligação. A busca por ambientes naturais tem sido uma forma de ter mais qualidade de vida fugindo dos grandes centros.

*[...] já tava cansado, trabalhava no comércio esse tempo todo, eu não tinha condição psicológica de continuar trabalhando no comércio, tava totalmente esgotado. Ai foi preciso eu mudar de ramo, trabalhar em outra coisa. Então eu aluguei lá e vim pra Caldas e trabalhei na construção ali uns oito anos mais ou menos, daí eu construí uma casinha comprei mais um lote e peguei esses imóveis de Caldas e troquei nessa chácara aqui que isso aqui tava praticamente abandonado. JEP*

Já foi mencionado anteriormente que o ambiente rural no entorno de Caldas Novas não tem uma relação próxima com a atividade turística. Apesar desse distanciamento, esta população ressaltar a qualidade de vida no campo sempre comparando ao ambiente urbano associando à tranquilidade.

*Aqui é sossegado demais, bão demais! Qualidade de vida!. EA*

*Bom, eu gosto da tranquilidade aqui tem muitas vantagens, mas a paz a tranquilidade isso é o principal, porque depois que a gente já tá numa certa idade igual a gente quer mais sossego a gente não gosta muito de barulho, já começa a ficar assim meio ranzinza, e a calma*

*aqui, a tranquilidade nesse lugarzinho aqui é muito sossegado não é? JEP*

O depoente JEP ainda traz uma importante consideração acerca da relação criada em uma sociedade de consumo e do bem estar relacionado ao contato com o ambiente natural através da relação de trabalho estabelecida no campo.

*Eu consigo viver praticamente sem renda aqui e bem graças a Deus, mas por que? Porque eu não tenho criança pequena pra cuidar. A minha despesa é muito pequena, eu não tenho vício, não tenho necessidade também de diversão porque a minha diversão é isso aqui mesmo, lhe dar com os bichos, isso pra mim já é um lazer. JEP*

Outro aspecto normalmente relatado são as relações humanas na área rural que faz com que haja uma sensação de pertencimento ao lugar e, conseqüentemente, a sensação de bem estar.

*Aqui o que eu mais gosto é do pessoal aqui, o pessoal aqui unido neh? Região é boa de trabalhar, pra quem quer trabalhar aqui é bom. O importante mais é isso. JLM*

*Mas era bom tinha bem mais gente, morava muita gente na fazenda. Hoje não mora mais neh? AMG*

Um importante aspecto que deve ser considerado é a inserção de uma racionalidade produtiva no campo que acaba por transformar os modos de vida da população.

*A época era boa. Hoje é muito bom também. Só que muda neh? Muda a maneira da gente viver. JBJ*

Esta mudança nas formas de viver está relacionada, principalmente, as formas de produção e a necessidade de consumo de bens e serviços que não eram necessários, mas passaram a ser obrigatórios.

*Eu acho que aquela época era melhor. Porque ai você sabia o que você fazia neh? Plantava, colhia e parece que os pastos, tudo quanto há tinha mais força, mais renda [...] será que é por causa do tempo neh? Do clima neh? Parece que vai ficando assim fraco neh? Capim fraco, chega na seca tem que tratar de gado. É difícil neh? DR*

Mudanças nos sistemas produtivos, ao mesmo tempo em que inserem uma maior facilidade, também acarretam problemas que repercutem na qualidade de vida com a utilização desenfreada de defensivos agrícolas. Destaca-se ainda a consciência que alguns moradores têm sobre mudanças ocorridas na qualidade da água para consumo, em função do crescimento da utilização de defensivos nas atividades do campo. A possibilidade de produzir nas pequenas propriedades sem utilizar defensivos é apontada como um aspecto positivo de qualidade de vida em associação direta com as condições de saúde.

*Naquela época tinha muita, uma água limpinha, hoje você bebe uma água essa água tá ruim neh? Têm muito veneno essa coisas. Apesar de que o mundo nosso é esse mesmo, mas é ruim! AMG*

*Água boa. Boa. Eu falo que continua boa porque aqui nessa direção daqui num tem plantio que eles dá muito combate, já dá diferença! Porque o plantio de soja é grande. Tem um guerobal agora e eles sempre limpa lá a custa de veneno, certo? Eles tem veneno de todo tipo. Eles fala que não prejudica, mas eu não acredito nisso não! Se evita inseto há de prejudicar nosso organismo também! OPS*

*... aqui é tudo bom, natural, de primeira qualidade, quer dizer você sabe o que ta produzindo você sabe o que tem.[...] Tem lugar que bate veneno hoje num tomate e amanhã tem que colher pra levar. Quem vai saber se bateu foi ontem, hoje, ou faz dez dias, não sabe! Então essas coisas é impossível de você evitar, agora aqui não! Aqui você evita porque aqui você sabe o que você fez. JEP*

*Eu creio que até pra saúde é melhor não tem poluição neh! Você vê que tudo isso ai ajuda! [...] aqui a gente até dorme sossegado. OPS*

Um aspecto importante a ser considerado são as facilidades cotidianas que são inseridas com a mecanização que ao mesmo tempo em que facilita a vida dos moradores os submetem a um sistema de mercado.

*A vida era sufrida, não era mole, não é fácil não! Tudo era mais difícil, hoje é mais fácil, aqui você plantava a cana pra fazer o açúcar, plantava o café pra tomar o café, hoje não, hoje você compra tudo, tem tudo pronto. Tá fácil, você tendo o breu, a grana neh? EA*

*Primeiro plantava o algodão pra fazer a roupa, camisa neh? Hoje compra tudo feito, fiava, escaldava, descaroçava, eu mesmo já penei demais pra descaroçar algodão, nossa!!! Quando era menino pequeno minha mãe pegava pra faze roupa, coberta, agora hoje não, hoje. EA*

*.....era difícil, neh? Hoje as coisas ta mais fácil. Tá doido, a gente trabalhava demais, credo! Trabalha até hoje, mas hoje ta mais fácil! A gente ia pra caldas novas de cavalo, eu ia com meu pai de cavalo, e com dez anos de casamento eu ia de cavalo pra Caldas Novas subindo a serra. Tudo ta mais fácil!GMO*

*A vida era apertada, era apertada e muito, era vida sofrida, bem mesmo. A gente trabalhava o dia todo pra ganha um litro de banha as vezes neh! Ou uma casta de arroz na casca uma coisas assim, era bem difícil, hoje tá fácil, graças a Deus. Hoje a gente trabalha um dia e compra uma porção de arroz limpo, essas coisas neh? Na época era bem difícil, a gente não tinha condução nem nada, era tudo mais difícil. AMG*

Naquela época era bem custosa neh? Tinha que trabalhar mesmo, não tinha as coisas que hoje existe, mais custoso, viver era mais difícil. Hoje as coisas vai mudando, as coisa é mais fácil pras pessoas trabalhar, neh? Vai melhorando mais. Antigamente o povo falava assim que a vida de antigamente era mais ruim neh? E hoje o povo fala que é mais ruim, mais eu acho que é melhor, tem muito mais facilidade pra viver, neh? Antigamente a pessoa vivia dos braço, se ele não trabalhasse eu não vivia de jeito nenhum. Hoje tem máquina, faz tudo neh? CLA

Se por um lado o crescimento permite as facilidades de acesso aos produtos de consumo, por outro está embutido nessa racionalidade técnica de consumo e no argumento do bem estar por ela gerado, a submissão da força de trabalho às relações de poder e posse do excedente de produção.

Um último aspecto, bastante singular, a ser destacado é a importância dada à horizontalidade na percepção ambiental do ambiente rural. Essa condição aparece de forma bastante recorrente nos estudos de percepção

ambiental em ambientes não urbanizados e parece refletir uma necessidade humana não respeitada na qualidade do ambiente excessivamente antropizado.

*Eu gosto assim da cidade, mas eu moro lá é apartamento ce sai na sacada não tem jeito de sair prum quintal sai pra sacada de serviço também mesma coisa fica presa neh? Não guenta! Aqui não. Aqui eu paro aqui as vezes descanso um poquinho, vou no quintal, olho tudo!FM*

Em síntese, foram destacados como indicadores de qualidade de vida no ambiente urbano a tranqüilidade, o bem estar psicológico como aspectos perdidos pela influência do turismo ao mesmo tempo em que ressaltam as vantagens advindas com o crescimento como melhorias. No ambiente rural, evidenciam-se a manutenção da simplicidade, o contato direto com elementos naturais e a tranqüilidade proporcionada pela vida no campo.



### 3. CAPÍTULO III – O concreto redesenhado: entendimentos e inferências prospectivas

Análise da situação encontrada, à luz das reflexões iniciais

Reconstrução do sentido de sustentabilidade para a realidade estudada

Significados das reflexões para a educação ambiental: dificuldades e  
potencialidades

### **3.1. Análise da situação encontrada, à luz das reflexões iniciais**

A título de facilitação da compreensão das idéias a serem apresentadas, sem que se perca a necessária coesão entre os diversos tópicos de discussão, podemos considerar que teremos dois blocos temáticos principais: um que tratará dos dados sobre a relação dos moradores com o lugar habitado, a percepção e o conhecimento popular; outro que fará referência às considerações sobre aspectos da gestão ambiental, incluindo apropriação do espaço, o conflito entre modos de viver e racionalidade desenvolvimentista, os indicadores de qualidade ambiental citados e problematizações sobre o manejo das unidades de conservação. O primeiro, portanto, tem uma natureza mais conceitual, exigindo um enquadramento teórico denso, enquanto o segundo dependerá de análises críticas que retratem as condições concretas da realidade vivenciada. Em alguns momentos resgataremos fragmentos dos discursos já citados para complementar a discussão.

### **3.2. O elemento central que permeia a leitura da realidade**

Este é um estudo de percepção ambiental, como proposto nas primeiras páginas desta sistematização. Não obstante, o marco inicial de nossas construções teóricas se deu com a apresentação de um histórico sobre a relação do ser humano com a natureza, com o intuito de se chegar ao entendimento da racionalidade que ganha lugar central a partir da modernidade clássica, resultando uma razão tecno-científica como base do processo de modernização que culmina na crise da modernidade.

Esse espaço teórico colocado na introdução do tema da percepção é proposital e tem a função de configurar o pano de fundo sobre o qual se pode visualizar as formas como o ser humano percebe o ambiente, constrói para ele significados e arquiteta ações de apropriação e interações vivenciais. Nesse sentido, a lógica tecno-científica onde mergulhou a história das sociedades modernas não dita somente as regras do funcionamento dos sistemas sociais produtivos, mas se dilui em todas as esferas da vida humana, desenhando inclusive a construção de valores e dos significados atribuídos ao mundo vivido.

A partir da Idade Moderna, o rápido desenvolvimento das ciências empíricas alimenta a tese da história como progresso. Essa noção é reforçada pela crescente capacidade de aplicação do saber científico à técnica... Disso resulta que a natureza passa a ser concebida como mera ferramenta do homem. Assim faz sentido a afirmação que o crescente poder da razão instrumental equivale ao aumento das formas irracionais de dominação, seja da natureza ou do próprio homem (SILVA, 2001, p.61).

Nesse sentido, quando discutirmos a percepção ambiental dos moradores, encontraremos várias citações sobre as formas de interação nostálgica, estética, volitiva e topofílica que eles mantêm com o lugar vivido, mas, a todo o momento, isso aparece como um fator subjetivo isolado do movimento histórico do lugar, que reflete claramente o imperativo desse modelo racional desenvolvimentista. Da mesma forma, quando falamos da apropriação do espaço ao longo desse processo histórico, ao mesmo tempo em que ouvimos manifestações claras de insatisfação em função de mudanças de paisagem, detectamos um discurso positivo com relação às vantagens do crescimento econômico. Parece, enfim, que o mundo da vida em que se manifesta a subjetividade não é, definitivamente, o mesmo que aquele que funciona de forma autônoma, movido pelo combustível da razão instrumental. Lamentavelmente, o primeiro tende a subsumir nas forças dominantes do segundo. Como nos aponta Silva (2001, p.61), "... a teoria do progresso tende sempre a esquecer o homem, ou melhor, representa a liquidação do próprio sujeito".

Por essa razão, esse conflito definitivo entre lugar da vida e do ser humano, repleto de necessidades outras que não aquelas incutidas pelos modelos de consumo, como a de contato com a natureza e de experiências estéticas, e o espaço à mercê de uma lógica desenvolvimentista, estará explícita ou implicitamente presente em todos os momentos de nossas discussões.

Essa dualidade, em parte, pode justificar o distanciamento encontrado entre o ambiente rural, de características bucólicas e produção de subsistência, e um ambiente urbano de rápido e constante crescimento econômico, centrado essencialmente na atividade turística. Nos moradores do primeiro grupo, convive um discurso de defesa dos modos de vida ritmicamente marcado pela simplicidade, mínimo consumo e produção de subsistência, e um reconhecimento

dos benefícios da modernização. Os laços topofílicos são, por sua vez, muito mais fortemente manifestados neste ambiente que no espaço urbano, onde muitas mudanças estruturais já aconteceram e os domínios da vida autóctone já foram profundamente marcados pela inserção de elementos externos advindos do fluxo turístico. Dessa forma, tudo parece se passar como se as características do mundo vivido se mantivessem muito mais preservadas na ruralidade que no ambiente urbano.

### 3.3. A compreensão da percepção ambiental dos moradores no local de estudo

Consideremos inicialmente as respostas encontradas com relação à percepção ambiental dos moradores.

Como apontamos na construção teórica, o fenômeno da percepção foi durante um período inicial de desenvolvimento do campo, fundamentado em análises de natureza psicologista, centrada nas suas bases psicofísicas e em aspectos do conforto psicológico dos espaços. É, no entanto, na fase posterior que encontramos os fundamentos adequados à nossa análise compreensiva sobre o fenômeno, quer seja, na fenomenologia e nos estudos de natureza humanística.

Nesse contexto, encontramos tanto nas reflexões do geógrafo Tuan quanto na filosofia de Merleau-Ponty nossos principais pontos de diálogo teórico. Em especial, os fenomenólogos, representados aqui pelo último, se colocaram declaradamente contra uma racionalidade que distanciava progressivamente o ser humano de suas concretudes, apresentando como ponto central de suas análises a necessidade de resgate do mundo da vida. Uma das frases mais significativas da obra *Fenomenologia da percepção* talvez seja: "construímos a percepção com o percebido (...) Estamos presos ao mundo e não chegamos a nos destacar dele para passar à consciência do mundo" (MERLEAU-PONTY, 1999, p.26).

Cabe-nos, neste ponto, retomar o princípio básico da fenomenologia expresso na obra de Husserl (1980): não há consciência sem mundo, não fazendo sentido o distanciamento entre sujeito pensante e objeto concreto. Esse encontro

do humano com o mundo se dá através do corpo, a representação do ser encarnado: ele é "carne do mundo", de forma que "ambos se imbricam mutuamente" (MERLEAU-PONTY, 1984, p.225).

O único mundo possível é, portanto, o mundo intencional. É no mundo vivido que o ser humano constrói o sentido das coisas naturais e mesmo daquelas construídas pela sua criatividade. Segundo Valentini (1988, p.26), "a doação do sentido, assim, acontece na ligação imanente constitutiva do sujeito e das coisas e se dá, também, pelo compromisso com elas".

O que essa fenomenologia nos ensina, portanto, é o que a modernidade nos fizera esquecer: que somos seres encarnados, que por mais que a cultura da existência mecânica tenha nos afastado da natureza e de nossa própria naturalidade, não conseguimos ser sem uma concretude, sem comunicação com os outros seres. E aqui chegamos ao ponto fundamental de nossas reflexões: os modos de vida a que estamos submetidos na atualidade parecem nos colocar num ambiente estranho, que não compreendemos efetivamente e que, no lugar de nos restituir nossa naturalidade, nos dá condições hiper-reais, obrigações desprovidas de significados construídos autonomamente e necessidades artificiais, privando-nos de nossa identidade humana e biológica.

Essa abordagem do reavivamento do mundo da vida é de grande valor para o contexto de nosso estudo, uma vez que a configuração de vários aspectos relacionados à percepção - os modos de viver, a necessidade de contato com a natureza, a importância da volição na relação espaço-trabalho, e mesmo os laços topofílicos criados a partir de uma memória viva do histórico de participação na construção do lugar -, são marcados nitidamente por esse mergulho no mundo da vida. Percebemos que a percepção se mostra, no contexto estudado, não como usualmente ela é tomada, a partir de análises conceituais. O conhecimento das pessoas sobre os fenômenos ecológicos do lugar, não por acaso, foi apresentado unicamente como uma das subcategorias da percepção. Embora a relação entre os dois aspectos seja indiscutível, a percepção se mostra muito mais em formas interativas e vivenciais que em construções puramente conceituais. No entanto, mesmo estas se revelam como fundadas na experiência de contato direto com o ambiente.

Na seqüência, discutiremos alguns pontos importantes para a compreensão da percepção, todos eles permeados por esse fundamento essencial proposto pela análise fenomenológica: o retorno ao mundo vivido.

### 3.3.1. A relação com o ambiente natural na área estudada

Nossa primeira subcategoria de análise foi justamente a relação dos atores com o ambiente natural, onde encontramos que as motivações tanto de permanência dos moradores no campo quanto da busca de imigrante pelo lugar centram-se, em primeira instância, no contato com os elementos da natureza preservados. Quando tratamos da topofilia na nossa construção teórica, destacamos a satisfação das necessidades estéticas como um fator de valorização da natureza e do lugar habitado. Seria dispensável retomarmos o argumento da importância da experiência estética para a ligação afetiva do morador com o lugar e seu conseqüente comprometimento com o destino a ele dado, mas vale lembrar que Tuan (1980) coloca os meios pelos quais os seres humanos reagem a uma apreciação estética, visual e pelo contato corporal como uma das possibilidades de entendimento da topofilia.

Além do aspecto da relação estética, devemos considerar também que o contato com o ambiente preservado remete também a fundamentos biofílicos, pelos quais entendemos que essa busca tem o significado de um retorno do humano à sua própria naturalidade. Da mesma forma como é inconcebível para o humano a vida totalmente a-estética, desprovida de beleza e experiência lúdicas concretas, também o é um ser desgarrado de suas origens biológicas, portanto, de outros seres com quem compartilha a vitalidade da vida e a memória de interação com lugares selvagens ou não excessivamente antropizados. Wilson (1993 *apud* MARIN, 2003, p.53), atribuiu a necessidade emocional do *Homo sapiens* de filiar-se aos outros seres vivos, ao fato de ter sua evolução se dado numa relação íntima com a natureza. Para ele, o instinto biofílico depende da forma como essa relação é experienciada pelo ser humano em formação, sendo que a privação do contato com a natureza pode até resultar em negação psicológica do bem estar que esse contato pode proporcionar e hostilidade para com ambientes selvagens.

Ao discutir o contato com o ambiente natural é necessário que haja um paralelo entre este e o contato com ambientes urbanizados, já que estes têm o poder de provocar o embrutecimento dos sentidos, advindo tanto das alterações no ritmo de vida cotidiano, quanto de poluição sonora e visual, e minimização das oportunidades de vivências estéticas, incluindo o contato com elementos naturais. De acordo com Marin (2007, p116) somos seres com uma aguçada dimensão estética, vivendo, por vezes, em ambientes que com muito custo e criatividade não chegam a ser a-estéticos, mas que deixaram de nos proporcionar muito da imagem do belo que originalmente tínhamos quando vivíamos em contato com a natureza.

Os espaços urbanos com seus ambientes sociais degradados provocam, segundo Duarte (2004), a deseducação dos sentidos no mundo moderno. Na busca de romper com esse embrutecimento dos sentidos o autor propõe a educação estética através de elementos que resgatem a sensibilidade humana. É preciso, nesse sentido, repensarmos com alguma constância, o que os ambientes antropizados podem fazer com nossas necessidades humanas ou, em outras palavras, os limites que eles impõem ao desenvolvimento de nossa sensibilidade e de nosso querer.

Para defensores da Teoria Crítica, essa resposta é quase que imediata: vivemos em um mundo administrado, movidos pela razão desenvolvimentista, onde a natureza humana é inevitavelmente esquecida. Isso fica bastante evidente quando estudamos os processos de apropriação do espaço ao longo da história, detectando agressões irreparáveis às culturas autóctones e manifestações claras de insatisfação em função de mudanças de paisagem. Não obstante, essas manifestações quase sempre vêm acompanhadas de uma resignação em função da defesa dos argumentos da razão tecno-científica que se ampara nos benefícios proporcionados pelo desenvolvimento.

Embora seja recorrente a referência dos participantes aos elementos que proporcionam um bem estar físico e psicológico, os ambientes naturais são vistos, muitas vezes, unicamente como uma fonte de recursos e renda. Dessa forma, ressalta-se a necessidade de reeducação que possibilite um auto-reconhecimento da própria relação que estes mantêm com a natureza e o lugar habitado. Este processo de reencontro com o natural é condição de um novo

perceber, uma possibilidade de reavivamento das ricas imagens que podem nos levar a novos valores e a uma nova construção simbólica de natureza e de lugar habitado (MARIN e CORRÊA, 2006).

Outro aspecto que também deve ser considerado é que os ambientes com certo grau de preservação e em locais que apresentam tranquilidade bucólica de ambientes pouco urbanizados tem sido o foco de busca de turistas e migrantes na tentativa de fugir do estresse gerado nos grandes centros urbanos. Nesse sentido, a preservação dessas condições é não só base da relação topofílica com o lugar, mas também dos interesses que motivam a atividade turística.

De maneira geral, o contato com ambientes naturais é cada vez mais indireto e limitado a determinadas ocasiões (TUAN, 1980). Porém, a população estudada por ter seu cotidiano em estreita conexão com estes ambientes é diretamente beneficiada pelo contato, o que tem despertado, em alguns casos, um conhecimento acerca dos processos ecológicos que culmina na percepção da necessidade de conservação. Vale ressaltar que o estímulo a estes conhecimentos é uma forma eficaz de promover a educação ambiental.

Associado a percepção dos elementos naturais que constituem a paisagem existe um caráter que não se limita ao plano racional de apreensão do mundo vivido e liga-se a vertente imaginária do mundo. Esta relação faz parte da construção histórica da humanidade que sempre teve inserido em sua cultura as relações dos elementos naturais com imagens sagradas.

### **3.3.2. Elementos do Imaginário da população do entorno do PESCAN**

Embora os elementos do imaginário tenham surgido relacionados a apenas dois aspectos na área de estudo, vale algumas considerações a respeito, dado o significado que as construções imaginárias têm para a percepção e as formas de ligação do morador com o lugar. A compreensão da história humana, associada à construção de suas percepções, que molda e direciona suas ações, não pode ser compreendida se excluída a dimensão do imaginário.



Um dos elementos observados no local está relacionado à narrativa de existência de uma gruta na Serra de Caldas em um local de difícil acesso com uma grande quantidade de ouro, local denominado pelos moradores de “Buraco da Nega”. Embora apenas um participante tenha feito menção a este local durante a entrevista, foi possível registrar em diário de campo, durante a pesquisa, vários relatos espontâneos sobre este fato permeiam o imaginário de muitos moradores locais.

*Tem lá que eles fala, nós é curioso também, falava que tem o buraco da nega lá que é muito misterioso cheio de ouro, um mistério, muita gente pensou de descer lá e não consegui neh! Lá tinha muito ouro, só que isso é lenda neh?! AJ*

Outro ponto é o imaginário religioso em um local na Serra de Caldas em que foi colocada uma cruz e em tempos de seca os fiéis sobem na serra caminhando e vão até esse local de orações pedindo chuva. Dois atores relataram já ter participado desta prática religiosa, entretanto, como no caso anterior, o conhecimento e a credibilidade neste ato de penitência é comum na região do entorno do Parque. Segue um pequeno fragmento do relato que menciona este fato, embora a leitura na íntegra deste relato no Capítulo 2 forneça uma melhor dimensão da fé destes moradores.

*Quando o tempo tava ruim pra chover [...] fazia penitência e logo chovia neh? Leva uma pedra, leva uma vaziinha d'água pra aguar a cruz. OPS*

Durante o processo de estabelecimento das relações com os elementos do ambiente, as construções imaginárias, da mesma forma como as experiências estéticas e as relações sociais e de trabalho, possibilitam ao ser humano estabelecerem vínculos afetivos que ditam o seu enraizamento no lugar.

Através da construção histórica da relação com os elementos da paisagem é que se estabelecem as ligações entre moradores e lugar habitado. No presente trabalho, ficou evidenciado que essa relação foi construída ao longo

do processo de transformação do espaço, resultando uma forte significação da configuração da paisagem que reforça o sentido dessas construções imaginárias.

Paisagens emergem de uma única paisagem, segundo nossas experiências e percepções. Ao envolverem os aspectos objetivos e subjetivos de mundo vivido, cristalizam em suas respectivas imagens as estruturas das dimensões espaço-temporais, onde a realidade é formada pelo real e imaginário, imprimindo marcas entre a racionalidade e a afetividade, originando complexos sistemas simbólicos (GUIMARÃES, 2002, p118).

No contexto de estudo, o significado do elemento água é um dos aspectos que marca profundamente a relação do ser humano com o ambiente. A água é um importante indicador das formas de relação do humano com o ambiente, não sendo infundada sua presença tão marcante entre os tetraelementos - terra, água, fogo e ar-, discutidos na poética trabalhada por Bachelard (1993). Há, no entanto, uma diferença de simbólica entre os diferentes grupos que vivenciam o lugar: enquanto que para o visitante, a água é um componente da paisagem paradisíaca, senão o mais expressivo na realidade estudada, que mais desperta o encantamento e o contato lúdico, para o morador que já sente as mudanças, e por que não, elitização do seu usufruto, ela tem um sentido atualmente mais expressado de recurso. Ilustramos algumas falas de participantes de nossa pesquisa que mostram como essa criticidade relacionada ao uso do recurso e a possível progressão de sua escassez estão presentes nas falas dos moradores.

*“Hoje você chega lá na beira do ribeirão, você chega lá aquela catinga de sabonete que vem lá do esgoto, da pousada, acabou! Eu num pesco mais ai!” (Sr. VS)*

*“Naquela época tinha muita, uma água limpinha, hoje você bebe uma água essa água tá ruim neh? Tem muito veneno essa coisas”. (Sr AMG)*

*“Boa. Eu falo que continua boa porque aqui nessa direção daqui num tem plantio que eles dá muito combate, mas agora a esquerda aqui já dá diferença. Porque o plantio de soja é grande”. (Sr OPS).*

É importante pontuar que em determinada época a água era considerada santa pela cultura popular local. Essa imagem da sacralidade estava diretamente associada às propriedades curativas da interatividade com a água. Com a perda desse significado de contato terapêutico, o imaginário sagrado se enfraqueceu, prevalecendo a imagem do belo e a intensidade do contato com a natureza, do qual ela é elemento primordial. Há, no entanto, ainda arraigada nas crenças populares, a ligação da água com a dimensão do sagrado, na medida em que permanece viva, como visto, a prática de visitação ao cruzeiro em tempos de estiagem para pedir ao divino a b enç o do envio do elemento tão precioso   vida.

### 3.3.3. Elementos topofílicos revelados

#### 3.3.3.1. Memória e enraizamento

Um segundo aspecto da percepção considerado diz respeito a elementos associados à topofilia, especialmente a memória de intera o com o lugar, os modos de viver fundamentados nesse histórico e as características da rela o estética e do trabalho, estruturadas no contado com o mundo vivido.

Um dos pontos identificados que compõem o sentimento topofílico no contexto deste estudo é o enraizamento na área rural e a aversão aos centros urbanos que tem sua base no contato com os elementos de um ambiente natural discutidos anteriormente. Utilizando as defini es de Tuan (1983), pode-se considerar que o fator est tico é importante em nosso contexto, apesar de não ser o único e, possivelmente, nem o mais evidente.

O apego à terra do pequeno agricultor ou camponês   profundo. Conhecem a natureza porque ganham a vida com ela. [...] para o trabalhador rural a natureza forma parte deles – e a beleza como substância e processo da natureza pode-se dizer que a personifica. Este sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato. A topofilia do agricultor está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato que a terra é um repositório de lembranças e mant m a esperança. A aprecia o estética está presente, mas raramente é expressada (*op cit*, p111).

Um elemento importante apresentado pelos participantes é o fato da história de vida revelar uma participação direta na construção do lugar habitado e é com base neste processo que podemos conhecer a percepção construída sobre o ambiente na qual são revelados os anseios e as preferências ambientais que, segundo Tuan (1983), só podem ser conhecidas a partir do exame da herança biológica, criação, e arredores físicos.

Desta forma, como argumentamos e fundamentamos teoricamente com base nas obras de Tuan (1980) e de Bosi (1994), conhecer a percepção ambiental e as preferências pessoais de um indivíduo ou de um grupo requer uma imersão no contexto histórico de construção dessa percepção, compreendendo as influências que a moldaram. Os atores integrantes deste estudo apresentaram uma percepção ambiental construída sob dois tipos de influência: de um lado, sob uma lógica do argumento do bem estar proveniente da modernização, que foi inculcada através da discursividade local, corrente nas últimas décadas; de outro, uma forte ligação afetiva e estética possibilitada pela vivência no lugar.

Destacamos que as referências ao lugar são feitas, em grande parte, em relação ao trabalho. A propriedade rural é o nicho de identificação da inserção dos moradores, de forma que é também o núcleo central do ambiente. Justifica-se, portanto, o fato de se referirem a esse ambiente sempre em função do tipo de atividade que aí desenvolvem. Nesse sentido, vale destacar que muitos relatos trazem frases do tipo: *A vida era sofrida, não era mole, não é fácil não! Tudo era mais difícil, hoje é mais fácil*" (EA); *Hoje as coisas ta mais fácil. Tá doído, a gente trabalhava demais, credo! Trabalha até hoje, mas hoje ta mais fácil!* (GMO). Na tentativa de construir uma nova relação com o trabalho diminuindo os esforços, e impulsionado por pressões de mercado, apoiaram-se na inserção tecnológica em suas atividades cotidianas, que inevitavelmente alterou as formas de relação espaço-trabalho. Não obstante, os modos de trabalho ainda refletem uma relação volitiva de grande importância para o enraizamento no lugar. Essa caracterização da relação espaço-trabalho será discutida num momento posterior.

O local de estudo teve sua construção pela exploração de áreas naturais com finalidade produtiva através de um processo bastante rudimentar.

Parece existir um deslumbramento dos atores pela facilitação das atividades cotidianas. O que passa despercebido e que, possivelmente, no futuro fará parte da memória e, conseqüentemente, da percepção é que este mesmo processo facilitador acaba por inserir dificuldades imediatas na vida destes moradores pela submissão a um sistema de domínio comercial.

De outro lado, a percepção ambiental está inteiramente ligada às suas vivências neste lugar, o que se pode evidenciar pela recorrente referência que fazem de momentos de suas histórias de vida marcados pela ação comum na sua construção. Memória e percepção caminham juntas determinando as atitudes e os valores atribuídos a um determinado ambiente. De acordo com Maciel (2000), a constituição desta memória não se restringe puramente a lembranças e abarca também o caráter afetivo que normatiza os hábitos cotidianos na interação com o ambiente. Esta memória é definida por Bosi (1994) como imagem-lembrança, sobre a qual a percepção pode valer-se do passado. Assim, a busca por uma nova forma de relação com o ambiente através do conhecimento da percepção pressupõe um resgate da memória e, através desta, a manutenção ou alteração de determinadas atitudes e valores através de ações educativas.

No contexto do nosso estudo, os elementos mnêmicos principais que influenciam a relação com o ambiente são as fortes lembranças das dificuldades na ocupação do espaço e construção do lugar. O trabalho duro diário, dos próprios depoentes ou de seus pais, para abertura da área para cultivo utilizando machado, as roças de toco<sup>10</sup>, a produção artesanal de cobertores desde o plantio do algodão até a confecção do produto final, a produção de açúcar a partir do plantio da cana, etc., fez com que criassem uma relação intrínseca com o lugar construído e uma valorização dos elementos do que compõem a paisagem cotidiana.

Mudanças em elementos históricos e da paisagem podem ser consideradas perdas efetivas que enfraquecem a ligação com um lugar. Isso é bastante evidente nos relatos descritos e analisados por Bosi (1994), na obra *Memória e Sociedade*, por velhos moradores do centro de São Paulo, apontando

---

<sup>10</sup> A vegetação nativa era queimada e os troncos remanescentes não eram retirados entre os quais se realizava o plantio.

as drásticas alterações no lugar. A valorização destes elementos ficou bem explicitada no presente estudo, especialmente no discurso do Sr JBJ, ao se referir à construção do patrimônio da Junquerlândia, principalmente, pela sensibilidade e emotividade que demonstrou durante a entrevista ao relatar a substituição da cruz durante uma reforma feita na igreja (Figuras 14 e 15) que tinha ajudado a construir: *Ai pôs uma cruz mais bonita e pego aquela cruzinha véia que eu tinha fincado lá, pego ela e levo e pôs lá na encruzilhada lá. Eu vi aquilo! Mas me doeu!!! Coisa que eu fiz neh?* (JBJ).



Figura 14 e 15 – À direita igreja da Junquerlândia construída pela comunidade à esquerda cruz que substituiu a relatada pelo depoente JBJ.

Com relação às mudanças nas características naturais advindas da ocupação do lugar, embora as alterações provocadas pelo processo de abertura de áreas destinadas à agropecuária tenham sido intensas, ainda restam fragmentos de vegetação preservados pelas normatizações do entorno do PESCAN. A presença destas áreas, associada ao próprio contato com a natureza no campo através do trabalho cotidiano tem proporcionado uma sensação psicológica de bem estar.

Como já relatado, as relações estabelecidas pelos atores da pesquisa com o ambiente (lugar) apresenta origens variadas. Segundo Tuan (1983), este sentimento difere em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio pode ser estética, tátil, ou ainda mais permanentes e difíceis de expressar

como a afeição ao lugar, ao lar como *locus* das reminiscências ou meio de ganhar a vida (*op cit*, p107).

### 3.3.3.2. As relações humanas e o sentido da coletividade

Nesse sentido, é importante discutir a recorrente presença de associações entre a ligação com o lugar e as formas de relação comunitária que o caracterizam. Um dos aspectos que constroem a afetividade ao lugar está relacionado à construção histórica (memória) familiar. No contexto estudado, esta relação desenvolveu, de fato, um sentimento de pertença que reforçou o enraizamento. É comum, no discurso dos depoentes, referências à sua permanência no lugar com base na presença familiar ou na lembrança de familiares que já morreram. Há ainda o forte apelo dos modos de interação social, marcados pela proximidade existente entre vizinhos, constituindo uma vida aberta à socialização. Isso pôde ser identificado tanto nos depoimentos quanto na observação direta, corroborando o que já havíamos apontado quando apresentamos as reflexões de Tuan (1983, p.15), segundo as quais o compartilhamento do lugar com pessoas amadas é um elemento decisivo na topofilia: “[...] na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado”.

Valentini (1988), em um ensaio fenomenológico sobre intersubjetividade popular, considera que a integração em comunidade motiva o ser humano ao comprometimento com o mundo:

Os sujeitos membros da comunidade vivem mergulhados no mundo dando um sentido para ele e para as realidades nele vividas: os horizontes do mundo abrem-se para eles. Os sujeitos comprometidos com o mundo percebem o valor das coisas e lutam neste mesmo horizonte (VALENTINI, 1988, p.115).

É justamente nesse espaço de abertura ao outro, na dimensão da coletividade, que o ser humano pode reconhecer-se a si mesmo e se dar ao reconhecimento, nascendo portanto sua identidade da própria inserção no mundo das relações sociais:

Na intersubjetividade, vive a comunicação. Não existem primeiro os sujeitos, que depois devem se comunicar para entrar na comunidade, ou entrar na comunidade para se comunicar: os sujeitos nascem à medida que se desenvolve a comunicação, ou, em outras palavras, que se desenvolve a comunidade (*id.*, p.124).

A abertura à dimensão da coletividade, observada na realidade de estudo, pode ser considerada uma condição singular, uma vez que um dos elementos mais representativos do modo de viver moderno é justamente a defesa dos espaços de individualização e uma negação da alteridade. A conscientização de que "ninguém de nós é só", sendo necessária à uma ética efetivamente ambiental um reaprendizado dessa alteridade é um dos desafios atuais da educação ambiental (*id.*, p.124). Nesse sentido, afirmam Marin & Silveira (2008, em preparação):

O isolamento no espaço da interioridade retira o ser humano dos âmbitos de vivência onde a alteridade pode se formar, e o distancia do mundo concreto, o que o deixa à mercê do poder dos arranjos teleológicos da sociedade de consumo. [...] Se a educação se propõe a ser ecológica, deve aceitar o desafio de motivar a reconstrução da relação do ser humano com o mundo e a coletividade, mesmo que para isso seja necessário o difícil reaprendizado do abrir-se à concretude e à alteridade.

Também para Valentini (1988, p.126), o retorno ao mundo da vida permite a saída da dimensão egológica. Essa reflexão nos leva à considerar que o forte envolvimento dos moradores com a concretude do lugar resulta nessa espontânea abertura à comunicação:

O Eu vê os outros como sujeitos e o mundo deles e o meu formam o mundo próprio comum, numa associação entre pessoas que se determinam umas às outras. Esta associação pessoal que determina o mundo comum é uma influência recíproca que se exercita no plano da consciência, da intencionalidade: as pessoas têm, umas com as outras, uma força motivante... Estabelece-se, então, um mundo próprio comunicativo que é o mundo circundante, o ambiente que se constitui na compreensão entre sujeitos e no acordo entre eles (VALENTINI, 1988, pp.126-127).

Essa experiência comunicativa torna-se, de acordo com o mesmo autor (*id.*, p.139), um momento educativo. Dez anos depois de apresentadas essas idéias, Vasconcellos (1997), num ensaio produzido no campo da educação



ambiental, considera que “não há educação ambiental se a reflexão sobre as relações dos seres entre si, do ser humano com ele mesmo e do ser humano com seu entorno não estiver presente em todas as práticas educativas”. Nesse sentido, essa predisposição de abertura ao outro detectada no contexto de estudo pode significar um importante potencial para ações educativas.

### **3.3.3.3. Modos de viver e relação espaço-trabalho**

É importante pontuarmos neste tópico que durante a análise dos discursos surgiu um importante ponto relacionado ao trabalho cotidiano que merece ser ressaltado por constituir tanto uma forma de adensamento da relação com o ambiente natural, quando pautado no contato direto com o ambiente, ou uma forma de desintegração desta relação pela inserção da modernização. Desta forma, procurou-se na discussão que segue aprofundar o caráter relacional do indivíduo com o espaço, mediado pelo trabalho cotidiano e sua importância para a manutenção da relação ou para reintegração do ser humano com o ambiente.

Os elementos da vida cotidiana são determinantes na ligação do indivíduo com o lugar e constituem um dos pilares que compõem a base do sentimento topofílico. Os modos de vida associado ao bucólico rural com a tranquilidade encontrada no campo, longe do estresse cotidiano nos centros urbanizados, conferem, como já evidenciado, um bem estar psicológico. Embora não esteja totalmente apartado do processo de desenvolvimento tecnológico, esse bem estar proporcionado pelo bucólico rural está relacionado a uma fuga da modernidade e das necessidades construídas que moldam o imaginário coletivo urbano.

Os pensadores da Teoria Crítica já nos possibilitaram compreender que muitas das necessidades construídas, comuns em um ambiente urbano, socialmente impostas e condicionadas, são falsas necessidades, como comportar-se e consumir de acordo com os anúncios, amar e odiar o que os outros amam e odeiam. Segundo Marcuse (1973, p.23), o trabalho excessivo visando suprir tais necessidades priva o indivíduo de liberdade e o submete a um sistema de controle.

A busca de crescimento, fundada na ciência e na técnica, utilizando como motivador um argumento de bem estar e ascensão social, mascara a natureza teleológica de um sistema que escraviza o ser humano na mesma medida em que destrói a natureza, apropriando-se dela assim privatizando um recurso natural que é um bem comum. Surge, assim, uma infraestutura da sociedade sob a coação da modernização.

Ela [racionalização] apodera-se, pouco a pouco, de todas as esferas vitais: da defesa, do sistema escolar, da saúde e até da família, e impõe tanto na cidade como no campo uma urbanização da forma de vida, isto é, subculturas que ensinam o indivíduo a poder deslocar-se em qualquer momento de um contexto de interação para a ação racional teleológica (HABERMAS, 1968, p.65).

No ambiente rural, e em pequenos espaços urbanos, tem se preservado modos de viver, em que essas necessidades artificiais ainda não dão a tônica da relação do ser humano com o ambiente. Nesse sentido, a compreensão desses modos de viver pode nos revelar muito sobre uma diversidade existente em várias regiões do país que merece atenção especial, no sentido de não tornar um modelo de desenvolvimento único como imperativo que signifique o desrespeito a diferentes percepções e concretudes.

Um aspecto bastante importante relacionado à singularidades de modos de viver nesses ambientes surge, no contexto de nosso estudo como destaque: as formas de trabalho que mantêm o morador integrado com o ambiente. De acordo com Valentini (1988, p.24), na nossa cultura, não se pode colocar de lado a relação do sujeito com seu trabalho, caso contrário, estaria-se perdendo um dos aspectos mais centrais de nossa sociedade. Importa-nos, portanto, entender as características que definem o trabalho nas sociedades industriais para compreender as suas conseqüências para a fragmentação do ser humano e o seu distanciamento do mundo da vida.

Os estudos sobre percepção ambiental têm ampliado a noção de espaços vividos cotidianamente e povoados de significações que variam de acordo com as configurações de paisagem e as singularidades culturais de seus habitantes. Não obstante, as relações que o ser humano estabelece com esses espaços pela mediação do trabalho são raramente alvos de reflexões no campo. Se considerarmos que é nesses espaços que o ser humano vive a maior parte de

seu tempo e é no trabalho que ele forja e reafirma constantemente sua identidade podemos concluir que há um campo potencial de ações educativas deixando de ser pensado pela educação ambiental.

Já discutimos aqui o fato de que o movimento de racionalização que, por meio de um discurso lógico e pelo argumento da supremacia da ciência e da técnica, engessou o humano em sua intelectualidade, em detrimento de suas dimensões fluídas. Porém, ainda não vencemos as reflexões sobre como esse processo penetrou na intimidade da humanidade, escravizando o ser humano a um modelo inabalável, que: reduz o sentido da educação; dita mecanismos de desenvolvimento que ignoram os fenômenos ecológicos; força uma automação das atividades cotidianas, incluindo o trabalho; gera como consequência de uma exacerbação do exercício intelectual ou da ação mecânica um desequilíbrio dos ritmos naturais do corpo, que resulta uma diversidade de problemas de saúde.

Vamos ousar tomar como referência, nesse contexto, considerações críticas de um pensador visionário que há mais de um século apontava para os prejuízos dessa fragmentação do ser humano. Rudolf Steiner (1883-1925), acreditava em um ser humano que se manifestava em três distintas atividades anímicas: pensar, sentir e querer. Para Steiner, a educação deveria dar a mesma atenção para qualquer uma dessas dimensões, uma vez que é através dessas atividades que o ser humano se envolve efetivamente com o mundo. Interpretando a detalhada descrição dessas dimensões feitas por Steiner, Oliveira (2006, p.49) considera que o pensar é exercitado pela linguagem lógico-cognitiva, o sentir pelas imagens e o querer pela linguagem do corpo, pela ação.

É pela natureza volitiva da ação que o humano mergulha efetivamente no mundo concreto. Bach (2007, p.91) discutindo a obra *A filosofia da liberdade* (2000) de Steiner, coloca que o querer "é a fonte da motivação, do interesse, é a força do impulso e das ações", não sendo apenas resultado do conceito ou da representação.

O desenvolvimento humano pressupõe a motivação dessa volição, de forma que se temos uma educação centrada somente no pensar, em detrimento do sentir e do querer, estamos formando seres humanos parciais e, ainda mais,

incapazes de interagir com o mundo ou de entender os significados dessa interação.

Na educação e no ensino do futuro, deverá ser atribuído um valor muito especial ao cultivo da vontade e da vida afetiva. Mesmo aqueles que não cogitam de uma reforma do ensino e da educação afirmam a necessidade de se dar especial consideração à educação volitiva e emotiva (Steiner, 1988, p.52).

Parece-nos que a importância na dimensão do querer está justamente em que ela é o ponto extremo de nossas ações no mundo, expressando-se, sobretudo através de nossa corporeidade. Nas discussões que temos acompanhado no campo da educação ambiental é muito comum se falar em conceitos e representação como causas diretas dos comportamentos do ser humano na sua relação com a natureza e o lugar habitado. Sem dúvida, essa relação é pertinente, mas esse foco nas dimensões cognitivas distancia-o cada vez mais do mundo vivido, onde se manifesta necessariamente pela vontade e pela emoção. Nesse sentido, qualquer educação que se recuse a trabalhar com essas dimensões fluídas não poderá ser efetivamente educação ecológica.

A contribuição mais efetiva da teoria crítica para a elucidação do trabalho como instrumento de dominação talvez seja a obra *Mínima Moralía* (1992), em que Adorno fala do aprisionamento do ser humano no tédio inerente ao trabalho e na sua conseqüente desumanização imposta pelos ritmos de operacionalização da atividade industrial. Tudo parece se passar como se o treinamento dessas atividades desprovidas da liberdade de interação entre artífice e produto, fosse um desdobramento de um modelo teleológico onde o trabalhador reproduz de forma autômata o que foi exteriormente imposto: "o trabalho objetivado transforma a fábrica numa subjetividade personificada e num 'monstro colossal' do qual o trabalhador se torna objeto" (VALENTINI, 1988, p.24).

Valentini (1988) tece importantes considerações sobre esse prejuízo do trabalho nas sociedades industriais, à luz da fenomenologia. Vale-nos, portanto, atermos a um diálogo mais detalhado com essas idéias neste momento.

O primeiro aspecto que devemos destacar diz respeito ao fato do ser humano, depois de iniciar suas vivências cotidianas no transcurso de casa ao

ambiente de trabalho, passando nos grandes centros urbanos por uma experiência por vezes estressante, inicia uma jornada diária de trabalho ou focada num trabalho puramente intelectual ou reprodutor de ações puramente repetitivas. Há assim, uma destituição de significados do que o trabalho, na medida em que desconhece, muitas vezes, desde a matéria prima que chega a suas mãos, até o produto final, além de não compreender a importância dessa produção no sistema social em que está inserido. A função desse tipo de trabalho é perfeitamente adequada à manutenção do modelo de consumo, de forma que o objetivo de trabalho passa a ser tão somente a aquisição de poder aquisitivo para subsistência e para satisfação de necessidades artificiais.

O trabalhador executa tarefas monótonas e repetitivas num ritmo determinado pela máquina e pela pressão de 'produção' a ser atingida. A longa jornada de trabalho e o tipo de trabalho executado geram fadiga e cansaço. [...] Tudo gira em torno da produção, sua racionalização, a divisão do trabalho, o ritmo do trabalho, as horas de descanso, os intervalos para a satisfação das necessidades básicas e até mesmo o incremento de novos métodos de trabalho ou novos equipamentos mais aperfeiçoados, e não em função de ou levando em consideração o trabalhador, o sujeito e suas necessidades e motivações (VALENTINI, 1988, p.24).

A humanidade é violentamente reduzida nos espaços de trabalho: não há mais atendimento das necessidades estéticas e volitivas; não há mais interação significativa com o ambiente e com o mundo; não há também a possibilidade de uma análise compreensiva e crítica da relevância social representada pela atividade desenvolvida; sequer há espaços para a manifestação das habilidades individuais. Num ambiente de trabalho assim constituído, se não há manifestação das singularidades do indivíduo, também não há espaço para a comunicação e, como lembra também Valentini (1988, p.25), "as manifestações de apoio, solidariedade e cooperação não são favorecidas pelo ambiente".

O sujeito descrito pela fenomenologia husserliana comprometido com o mundo através de seu trabalho é aquele que coloca sua práxis no mundo e constitui, de certa forma, um mundo com suas finalidades e nele se realiza. Assim, o sujeito se explicita a si mesmo dentro de um real imanente e não alienado dele (VALENTINI, 1988, p.26).

O trabalho, não obstante, deveria ser o motivador do enraizamento do ser humano no ambiente. Através dele, deveria ser possível uma vivência em que o sujeito se auto-afirmasse e expressasse suas potencialidades criativas e seus interesses políticos. Valentini fala do trabalho como auto-criação do ser humano, uma vez que ele é lócus da ação, por meio da qual ele reconhece a si mesmo como agente e ser social. Neste sentido, fala das condições ideais de trabalho como vida, enquanto associa o trabalho objetivado à morte, "o esquecimento da radical fundamentação do sujeito e o esvaziamento da intencionalidade" (*id.*, p.27).

Em muitos momentos, vimos filósofos, educadores e sociólogos que discutem o ecologismo e a educação ambiental se referirem aos ambientes característicos das pequenas propriedades rurais como se fossem micro-estruturas isoladas do mundo, chegando a nomearem os movimentos de volta ao campo como arcaísmo. Haveria como que um fundo utópico e evidentemente inadequado às condições atuais de vida das sociedades modernas. No entanto, é preciso considerar que esses lugares e os modos de viver neles existentes nunca deixaram de existir na nossa realidade e que, portanto, para os seres humanos que aí e dessa forma vivem, não haveria nenhum sentido em dizer dessa utopia e dessa inadequação. São modos de viver que caracterizam cultural e socialmente as regiões onde se inserem e que, portanto, precisam ser compreendidas e, por que não, preservadas.

É importante sinalizar a relevância do movimento de retorno à vida no campo – o arcaísmo –, tão refutado como condição utópica nos dias atuais, como reconhecimento desse modo de vida nas comunidades humanas. Aqui, entendemos a importância de não nos atermos à crítica do retorno romântico à natureza, uma vez que esse reencontro é condição de um novo perceber, uma possibilidade de reavivamento das ricas imagens que podem nos levar a novos valores e a uma nova construção simbólica de natureza e de lugar habitado.

É justamente nessa tentativa de compreensão que nos voltamos para a percepção ambiental desses grupos e que encontramos a ela associadas uma forma de relação espaço-trabalho que, ainda em nossos dias, diverge desse modelo acima problematizado. A diferença fundamental está em que o trabalho expresso nesses modos de viver ainda possibilita um encontro diário do ser

humano com o lugar habitado e com seus vizinhos, de forma que se caracteriza pela volição, pela vontade de agir sobre a terra e com os outros. Nele, se vê o objetivo, o fim e o significado das ações cotidianas, ao mesmo tempo em que se pode manter o contato com elementos da natureza. Há, nessa relação espaço-trabalho, o respeito à subjetividade e a oportunidade de compartilhamento de forças voltado para um objetivo comum e reconhecido pela comunidade. Como considera Valentini (1988, p.116), o trabalho "só pode ser entendido na plenitude de seu sentido se ligado à subjetividade humana".

Numa análise sociológica, diríamos que esse tipo de trabalho se coaduna com um modo de viver que tem se mantido, em parte, apartado da lógica da máxima produção e do consumo, na medida em que o nível de mecanização das atividades é mínimo e que há ainda um objetivo de subsistência e um reconhecimento da prioridade da qualidade de vida por ele propiciado. Logicamente, há também a idéia geralmente defendida por esses grupos de que alguns avanços tecnológicos foram positivos na medida em que diminuiram o esforço humano aplicado na produção. Mas, é concomitante a acirrada defesa dos modos de viver como geradores de satisfação psicológica e ambiental.

Em síntese, tanto as análises de natureza antropológica e fenomenológica, quanto as considerações de base sociológica, parecem fornecer bons argumentos para se pensar que o avanço das sociedades deve passar pelo crivo da problematização sobre a supremacia do modelo de desenvolvimento. Há outros modelos possíveis e a preservação de modos de viver, deveria ser um princípio de qualquer projeto sócio-ambiental e educativo.

#### **3.3.4. Conhecimento Ecológico Popular e Consciência Conservacionista**

Existem diversas formas de apreensão de conhecimento acerca do mundo vivido, seja pelos métodos da ciência ou pela simples observação de acontecimentos sobre os quais se criam teorias que, apesar de não terem os rigores das teorias científicas, são tão verdadeiras quanto tais. Conhecemos o mundo através do contato diário através do qual criamos nossas percepções. Esse conhecimento denominado conhecimento popular atribuído a grupos

específicos, juntamente com o senso comum que tem um caráter universalizado, constituem o conhecimento cotidiano (LOPES, 1999).

O grupo específico – moradores da área rural – possui o conhecimento popular acerca dos elementos naturais construídos através do contato diário. Este conhecimento é um dos elementos da percepção acerca dos acontecimentos que os cercam e, dependendo de seu teor, tem o poder de despertar atitudes potencialmente conservacionistas. Segundo Thomas (1996, p.62),

[...] toda observação do mundo da natureza envolve a utilização de categorias mentais com que nós, os observadores, classificamos e ordenamos a massa de fenômenos ao nosso redor, a qual de outra forma permaneceria incompreensível; e é sabido que, uma vez aprendidas essas categorias, passa a ser bastante difícil ver o mundo de outra maneira.

Essa possibilidade de conscientização tem sua gênese, principalmente, na observação das relações entre os elementos da natureza e das alterações que ocorreram no ambiente no decorrer do tempo. No contexto deste estudo, pode-se notar que há o conhecimento sobre as cadeias alimentares, sobre o enfraquecimento do solo pelo plantio contínuo, pelo regime de chuvas, sem que sejam utilizados os termos técnicos de cada área específica da ciência que trata tais assuntos e que constituem as bases biológicas da ciência que atualmente tratam a problemática ambiental.

Os discursos dos atores demonstraram que a relação diária com o ambiente rural é uma forma de "aprendizado" acerca dos ciclos ecológicos. Vale aqui repetir fragmentos de um discurso de um dos atores que retratam o que foi dito: "*Um alimenta o outro. [...] Porque acaba com a seriema, o inseto aumenta!*" OPS.

Outro aspecto importante ressaltado na fala dos participantes refere-se aos impactos provocados pela implantação das monoculturas na região e às alterações ambientais que esse modelo agrícola provocou e que influenciam diretamente no cotidiano dos moradores do lugar, que sobrevivem de uma agricultura com baixa mecanização.



*... tudo o que você plantava o terreno tinha força pra produzir neh! E o inseto, não existia o inseto! É o problema, onde dá combate de soja, de fato ninguém colheu mais feijão! (O. P. S.)*

A modernização da agricultura com a inserção de um pacote tecnológico com base em insumos e defensivos agrícolas não provoca apenas impactos ambientais diretos, mas pode também alterar as formas de relação da população com o ambiente. O modelo de agricultura familiar ou de subsistência coloca o produtor em contato direto com a terra e, por basear-se na diversificação de culturais, com um maior número de elementos que pode despertar sentimentos bio e topofílico. Os monocultivos baseados em pacotes tecnológicos, por sua vez, resultam uma forma indireta de contato.

*Eu gosto daqui é tudo. Mexer com leite, com gado, to cuidando das minhas planta aqui, as plantinha, as galinha. Essa vida que Deus deu à criação... Cuidá com elas. (J.B.J)*

*Eu sempre morei na roça convivi sempre com tira leite com criação, eu gosto, eu não fico aqui, eu mexo, eu saio, aqui eu mexo. Gosto de ta mexendo com tudo quanto é tipo de criação (J.L.S).*

A relação íntima e a identificação com a terra ficaram ressaltadas em um importante fragmento de discurso que demonstra que a relação do trabalhador com a terra vai além da simples produção de alimentos e abarca também uma relação de intimidade que chega a uma comparação pessoal. De acordo com Tuan (1983, p112) "o trabalhador rural não emoldura a natureza em lindos quadros, mas pode estar profundamente consciente de sua beleza".

*A terra ta mais fraca, isso é indiscutível, não é aquela mais! Eu acho! Eu comparo, uma comparação simples, [...] O terreno se torna igual ao ser humano. Você ta jovem você ta com toda força, com toda saúde, você faz muita coisa, a idade vem [...] ai a força diminui, de cansaço, assim eu creio que é o terreno que vai trabalhando, trabalhando com ele e vai enfraquecendo! OPS*

Os discursos dos depoentes trazem, freqüentemente, menções acerca da necessidade de conservação em função dos impactos já provocados na área de estudo. Essa posição conscientizada está intimamente relacionada aos seus conhecimentos sobre os elementos da natureza e suas inter-relações. Entretanto, nota-se, por vezes, uma contradição no que diz respeito à consciência conservacionista, baseada na dicotomia conservação *versus* produção, que se agrava em função da área de estudo se localizar no entorno de um Parque Estadual. Além das concepções sobre a perda de biodiversidade e da necessidade de conservação, evidencia-se nos discursos a relação entre estas alterações e a diminuição dos recursos hídricos.

Vale aqui um parêntese acerca das considerações sobre conservação e desenvolvimento com base nas teorias de fluxo energético (ODUN, 1983). O processo produtivo no local de estudo passou nas últimas duas décadas por uma transformação nas formas de produção, com a inserção de tecnologias que requerem, necessariamente, um investimento energético maior através da operacionalização e manutenção de máquinas e equipamentos que passou a ocupar o espaço da mão de obra humana e animal. Apesar da massificação do tema "desenvolvimento sustentável" a inserção dessa modernidade produtiva conduz a um sistema insustentável já que a entrada de energia no ecossistema produtivo é maior que a saída. Dessa forma, pensar um sistema sustentável, ou melhor, a busca de um sistema sustentável requer uma revisão desses processos produtivos e um direcionamento a outras modalidades de produção.

A insustentabilidade atual foi fruto de um processo de modernização nos sistemas de produção que passaram a gastar mais energia do que produzem. Nesse contexto, houve um desenvolvimento tecnológico unidirecional que tinha como meta essencial o volume de produção ou, em outros termos, um desenvolvimento tecnológico que, apenas atualmente e de maneira discreta, começa a inserir a vertente ambiental nos sistemas produtivos.

Considerando que o processo de apropriação do espaço não é estático e as peculiaridades da área de estudo, é necessário que o

desenvolvimento local se dê de maneira a considerar a criação de sistemas produtivos que insiram a vertente ambiental por vários motivos, principalmente, pela necessidade de manutenção do caráter bucólico rural, da vida simples e dos elementos que constituem o elo de ligação dos moradores com o ambiente, mantendo sistemas de produção com baixa inversão tecnológica que, ao contrário das cadeias agroindustriais com base na monocultura, minimiza os impactos provocados ao meio.

### **3.4. O processo de apropriação de espaço**

Embora existam inúmeras definições e concepções sobre estes temas, consideraremos: como lugar o espaço ocupado que reflete a identidade de seus habitantes construída historicamente e, como paisagem, a forma como os elementos desse espaço se apresentam aos olhos e são interpretados pelo indivíduo ou por um grupo específico. Segundo Castrogiovanni (2003), paisagem não limita-se aos elementos espaciais do ambiente e tem seu significado vinculado ao processo histórico.

Paisagens podem ser consideradas o conjunto de elementos que, dotadas de valor, passam a construir os referenciais sobre os quais construímos nossas simbologias. Símbolos do real que passam a representar muito mais que as configurações físicas do espaço atingindo a representação de nossa existência. Ao atingir tal importância na construção histórica de cada indivíduo as paisagens conferem ao espaço a categoria de lugar. "É preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num 'canto do mundo'" (BACHELARD, 1993, p.24).

Como relatado no capítulo anterior a apropriação do espaço no local de estudo ocorreu em duas frentes, sendo, uma impulsionada pelo desenvolvimento agrário, relacionado a alterações de paisagem na área rural no entorno do PESCAN e outra pelo desenvolvimento turístico na área urbana de Caldas Novas.

#### **3.4.1. Significados das alterações de paisagem na área rural – entorno do PESCAN**

Os depoimentos indicaram uma significativa alteração de paisagem no processo de transformação do espaço em função do desmatamento para abertura de áreas que são atualmente destinadas ao sistema produtivo, principalmente a substituição do cerrado por área de pastagem. O fato da existência de uma legislação que proíbe o desmatamento no entorno do Parque Estadual fez com que muitas áreas de vegetação nativa ficassem preservadas, apesar de essa limitação ser vista, por alguns moradores, como um impedimento de uso que resulta num problema econômico.

Apesar da ocupação relatada, e em função da restrição imposta pelo Parque, excetuando-se alguns casos, a geração de pessoas que se encontra atualmente no lugar parece não ter sentido significativamente a perda de referenciais paisagísticos, havendo ainda elementos da paisagem com as quais mantiveram associação durante suas histórias de vida. Entretanto, esta nova fase que está passando os sistemas de produção da região pode provocar essa perda em função de uma tendência de mecanização intensiva e de opção por monoculturas.

Como já mencionado, é através da relação com os elementos do espaço que a história do habitante se dá, resultando muitas vezes, numa ligação intrínseca com o lugar em que esse espaço se transforma. Assim, a preservação das paisagens pode significar mais que a manutenção dos objetos do espaço, mas também dos elementos onde se ancoram o significado do lugar. Nesse sentido, o processo de desenvolvimento, se desconsidera as singularidades das paisagens locais, pode provocar alterações nos modos de vida da população, principalmente, alterando hábitos cotidianos que solidificam a relação topofílica.

No contexto do estudo, essas alterações foram relatadas em dois aspectos principais: a diminuição da biodiversidade, de animais que eram comuns na região e de peixes nos rios em que se costumava pescar. O Sr. JLS relatou que *“bicho você nem vê mais. [...] Até o roço<sup>11</sup> sumiu daqui. Aqui quando eu mudei pra cá se precisa vê como o bicho urrava aqui. Acabou, eu tenho até saudade!”*

---

<sup>11</sup> Nome popular do guariba ou bugio (*Alouatta guariba*)

As alterações na biodiversidade de espécies animais é um reflexo da perda de habitats naturais (vegetação) na região, provocado pelo desenvolvimento agropecuário e pelo impacto causado nos rios da região, tanto pela utilização de agrotóxicos, quanto pelo uso não planejado como áreas de banhos termais: "Peixe pega, mas é muito pouco, acho que por causa do desmatamento, que o pessoal desmatou neh?" (J.L.M.)

O Sr VS, antigo morador do município de Rio Quente relatou os impactos no rio após a construção da Pousada do Rio Quente. Na construção de tal empreendimento, o rio foi desviado e represado na parte anterior à entrada no balneário do Bairro Esplanada do Rio Quente, diminuindo assim a vazão natural à qual os moradores do local tinham acesso: "O rio da pousada ai acabô!!! Bom lá pra eles, neh! Fechou. Daqui pra baixo é tudo água suja, mau cheiro, presta não!" VS

Além dos impactos diretos, verifica-se, portanto, uma exclusão de acesso aos recursos termais da região, imposta pelo impedimento físico e econômico, uma vez que são cobrados preços, na maioria, inviáveis para a população local. O depoente citado acima ainda relatou que "*Nós entrava lá, tudo era conhecido e hoje não! Hoje pra nós entra lá? Vixe! Nem num entra!*"

Nota-se que a relação entre as alterações de paisagem na área rural e as mudanças nos modos de viver está relacionada a pequenos aspectos que, apesar de não alterarem significativamente a vida do morador, o distanciam de práticas cotidianas que lhe proporcionavam um maior contato com os ambientes naturais, e suprimiam a necessidade de lazer.

### **3.4.2. Significados das alterações de paisagem na área urbana – desenvolvimento turístico.**

O movimento turístico na cidade de Caldas Novas está muito atrelado às configurações físicas do espaço, sendo atrativos principais a paisagem marcada pela serra e pelo cerrado nativo e as águas quentes que afloram de seus aquíferos. Este movimento esteve inicialmente associado às propriedades terapêuticas dessas águas, mas ao contrário do que aconteceu com outros

balneários, esse interesse terapêutico deu lugar à busca de lazer e entretenimento. De qualquer forma, o elemento humano e sua cultura são muito menos expressivos no local se comparado a outros locais de turismo. Se por um lado, essa condição evita a “exploração da imagem do nativo” através das comuns construções artificiais e estereotipadas pelas agências de turismo, por outro, torna frágil o interesse e as expectativas da comunidade local com relação à valorização do lugar habitado e à manutenção dos seus modos de viver (CORRÊA et al, 2006).

Embora os recursos hídricos termais ainda sejam o principal atrativo, tem-se buscado novas formas de atração turística focadas em atrações pontuais em determinadas datas como carnaval, semana santa, etc. Vale aqui considerar que esse direcionamento do turismo não inclui aspectos históricos importantes que poderiam ser atrativos turísticos do lugar. Como exemplo podemos citar o destino do prédio que foi cadeia pública. Depois de desativada foi transformada em um centro cultural, passou a ser um supermercado e atualmente o prédio está desocupado (figura 16).



Figura 16 – Antiga cadeia pública de Caldas Novas.

Este novo foco surge em função da manutenção de uma estrutura comercial criada para atender a grande demanda de turistas nos meses mais frios do ano, principalmente julho, que coincide com férias escolares, e que diminui nas demais épocas. Essa opção por um turismo de massa faz com que haja aglomeração no centro da cidade provocando desconforto da população local.

Associado a essa vertente do turismo observou-se em Caldas Novas um intenso crescimento urbano que, além de provocar muitas alterações na

paisagem local, tem ocorrido de maneira desordenada sem a construção de infra-estrutura correta de sistemas de esgoto, água encanada, etc. Neste contexto, é importante pontuar uma situação comum no lugar. Em praticamente todo entorno da cidade de Caldas tem sido construídos condomínios de chalés, como pode ser verificado na imagem abaixo (Figura 17). Todos esses condomínios não possuem rede de esgoto ou água tratada e são abastecidos por poços semi-artesianos e fossas sépticas.

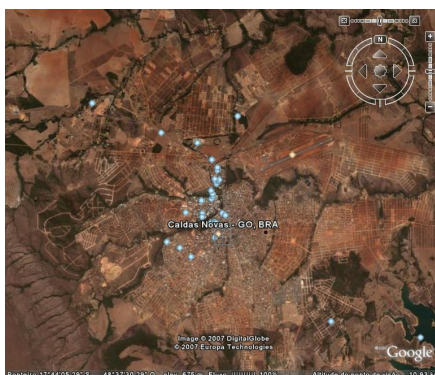


Figura 17 – Imagem de satélite do município de Caldas Novas – Goiás.  
(fonte: Google Earth)

Para melhor aproveitamento do espaço as casas, ou chalés, desses condomínios são construídos próximos umas as outras e são utilizadas como fonte de renda com aluguel em alta temporada ou como turismo de segunda residência principalmente de moradores da cidade de Brasília e Goiânia (Figuras 18 e 19).



Figuras 18 e 19 – Condomínios de chalés no entorno de Caldas Novas.

Vale considerar que apesar do grande número de chalés existentes e que ficam ociosos praticamente o ano todo, excetuando-se feriados e férias, as construções desse tipo continuam a ocorrer alterando a paisagem local e invadindo áreas de vegetação nativa. As figuras abaixo (20 e 21) mostram uma nova construção de um condomínio no caminho para a Lagoa Quente e foi apresentada com o objetivo de demonstrar a área de cerrado restrito ao fundo, assim como em sua lateral.



Figuras 20 e 21 – À esquerda visão geral do condomínio com área de cerrado ao fundo, à direita chalé com área de cerrado a menos de 4 metros da construção.

A menos de 100 metros da construção indicada nas figuras anteriores, outra área está sendo loteada com a mesma finalidade em uma área de pastagem (figura 22).





Figura 22 – área de loteamento a caminho da Lagoa Quente.

Não se tem informação sobre a legalidade destas construções. Todas estas áreas não estão a mais de 10 quilômetros do Parque Estadual e, dessa forma, se enquadram na regulamentação do entorno no item que proíbe “loteamentos sem projetos especiais e que não contemplem a existência do Parque, portanto não integrados” (GOIÁS, 1998, p176).

### 3.4.3. Modos de viver e desenvolvimento turístico<sup>12</sup>

O processo de desestruturação de identidades tem se instalado com muita frequência em cidades que apresentam um rápido crescimento, especialmente aquelas com potencial turístico, que acabam por absorver iniciativas de mudanças estruturais e paisagísticas que não correspondem aos anseios da população local.

De acordo com Almeida (2003, p.13), “é o homem o sujeito, produtor do espaço. Esta produção está estreitamente vinculada às relações sociais, políticas, ideológicas, culturais e ela implica em um modo de produzir, de pensar, de sentir e, logo, em um modo de vida”. Entende-se, portanto, que os modos de vida são elementos que definem a identidade do lugar e seus significados,

<sup>12</sup> A discussão que segue acerca deste assunto faz parte do artigo apresentado no momento da qualificação e já publicado: CORREA, S.A.; OLIVEIRA, S. F.; MARIN, A. A. Apropriação do espaço e percepção ambiental dos moradores do entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas, na cidade turística de Caldas Novas/GO. **OLAM Ciência & Tecnologia**, Rio Claro – SP, Ano VI Vol. 6 No. 2 Pag. 59-82, Dezembro/2006.

devendo ser foco de atenções nas ações de planejamento do desenvolvimento local.

Aqui é conveniente apontar um conflito que essa característica do turismo local acaba por ocasionar: as percepções do turista e do morador. Tal conflito quase sempre passa a significar um sentimento de invasão e desconforto dos moradores, não obstante haja um interesse claro nas oportunidades econômicas que essa intromissão pode gerar. Entre os impactos negativos do turismo apontados por Ruschmann (1997, p.57), está justamente as barreiras sociopsicológicas que podem se estabelecer entre as comunidades receptoras e os turistas. Não discutiremos aqui essas oportunidades centradas na idéia do desenvolvimento econômico que impera nos discursos de nossa sociedade capitalista. Queremos, sim, evidenciar as perdas que as ações focadas em tal discurso podem ocasionar.

Nossa principal reflexão para detalhar esse conflito está embasada nos significados da busca do turista por lugares que supostamente representam algo diverso daqueles onde se dão suas vivências cotidianas, na sua grande maioria representados pelos grandes centros urbanos. A busca dos turistas é quase sempre uma busca de experiência sensível de paisagens paradisíacas que sejam identificáveis com suas imagens criadas, tanto a partir das raízes de um imaginário coletivo, quanto daquelas elaboradas pelas agências para estimular seu movimento. Podemos considerar que quase todo o movimento de busca de paisagens paradisíacas é uma tentativa de dar vida às apreensões sensíveis que tanto se esgotam no dia-a-dia dos grandes centros. Nossos sentidos sofrem constantemente um embrutecimento nos grandes centros, derivado da falta de contato com a natureza e com os seus elementos capazes de nos despertar a percepção poética e a sensação de pertença. Somos seres com uma aguçada dimensão estética, vivendo, por vezes, em ambientes que com muito custo e criatividade não chegam a ser a-estéticos, mas que deixaram de nos proporcionar muito da imagem do belo que originalmente tínhamos quando vivíamos em contato com a natureza.

Vale, nesse contexto, retomar as considerações de Duarte sobre a estética a fim de caracterizar esse movimento de busca do turismo por lugares como Caldas Novas. O autor (2004, p.19-22) faz, como mencionado, uma análise

reflexiva sobre a deseducação dos sentidos no mundo moderno. Para ele os sentidos dos habitantes dessa modernidade estão embrutecidos em decorrência de um ambiente social degradado, de um espaço urbano rude e de uma crescente deterioração ambiental. Aponta ainda a exacerbação desse embrutecimento através da criação do que denomina "simulacro", fazendo referência às construções virtuais realizadas pelos meios de comunicação que alienam as pessoas do mundo vivido.

Vivendo em outros tempos, quando os sentidos não estavam ininterruptamente bombardeados pela mídia e as cidades eram menos poluídas e mais amigáveis, além de o contato com a natureza ser praticamente diário [...] parece evidente que o contato com a arte poderia então possibilitar um refinamento daquela sensibilidade já exercida cotidianamente. Hoje, todavia, na esteira dessa regressão sensível operada pela sociedade industrial, a questão é verificar-se o quão embrutecidos e toscos se encontram os sentidos humanos [...] e tratar de sobre eles atuar, promovendo-lhes o crescimento e o desenvolvimento mínimos para que se possa adentrar no reino da sensibilidade simbólica regido pela arte (id., p.26).

O que ocorre, no entanto, é a intensificação de um movimento em busca do paradisíaco que não é um movimento livre dos elementos topofílicos que marcam seus modos de viver e muito menos dos simulacros onde os turistas estão imersos. Analisaremos essa consideração por partes. Inicialmente é preciso dizer que o encontro do turista com o lugar buscado significa o encontro de um estado "artificial", composto por uma mistura do concreto com a imagem. Disso resulta que, por um lado, a experiência sensível acontece e serve para aguçar seus sentidos, mas por outro, ele acaba por desconsiderar a concretude das vivências locais. Ainda mais, ao carregar as exigências dos modos de vida a que estão acostumados e de seus padrões topofílicos, quase sempre cria uma demanda, prontamente atendida pelos empreendedores, por adequação da paisagem à imagem que espera encontrar, o que quase sempre significa a descaracterização de elementos do lugar que subsidiam o modo de viver do local.

Aprofundando um pouco mais essa reflexão, podemos considerar que seja um paradoxo o movimento poder significar para o turista a fuga dos simulacros vividos no cotidiano dos grandes centros e, na verdade, ele acabar por ser uma transferência dessas hiper-realidades para o lugar visitado, por não haver um encontro puro mais focado na concretude do lugar. Em alguns casos, essa

transferência resulta na sensação, por vezes verbalizada, de insatisfação com a realidade encontrada, quando não chega ao extremo de construir considerações estigmatizantes e até preconceituosas com relação aos moradores.

[...] o turismo, considerado potencialmente uma excelente oportunidade para o encontro entre os povos, não tem sido aproveitado de forma ideal para esse fim. Em vez de promover a compreensão e os relacionamentos humanos, ele favorece as relações econômicas, que permitem apenas os contatos precários (RUSCHMANN, 1997, p.55).

No contexto de nossa pesquisa, a comunidade que vive no entorno do PESCAN tem um modo de viver marcado pela simplicidade típica da vida no campo. No entanto, o que o turista usufrui – os espaços artificiais dos grandes empreendimentos de lazer – são construções baseadas nos hábitos de suas próprias realidades ou simulacros, apartadas dessa concretude. Trata-se de uma nova dimensão do local: o concreto estilizado e elitizado.

Cada vez mais, com a globalização e a presença sistemática dos meios de comunicação, todos os lugares parecem estar em todos os lugares. [...] O turista vai ao encontro do real, embora ele mesmo acabe decompondo a paisagem e reconstruindo-a a partir da sua própria cultura (CASTROGIOVANNI, 203, p.43).

Wainberg (2003, p.9) discute também a homogeneização dos modos de viver: “[...] a estandarização da produção em série tornou o gosto, a moda, os hábitos de trabalho e os estilos de vida muito similares, talvez padronizados em demasia”. O efeito da globalização é também apontado por Milton Santos (1996, p.338): “a ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade”. O autor aponta uma oposição clara entre a ordem local e a ordem global como pressões no lugar, no entanto, conclui: “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e uma razão local, convivendo dialeticamente” (id., p.339).

Estamos diante de um fenômeno revelado que tem um fundamento em outro bem mais complexo e obscuro: o conflito entre as hiperrealidades, que dominam as formas de relação ser humano com o mundo e com o outro em nossas sociedades pós-modernas, e os modos de viver enraizados no concreto

que ainda vemos sobreviver no interior de nosso país. Embora esse conflito seja muito marcante no local de estudo, parece permear a própria cultura turística geral. Segundo Almeida (2003, p.15;17), "nos lugares turísticos, os turistas contemplam as representações, as idéias da paisagem [...]. Produto de uma cultura pós-moderna, a cultura turística se realiza nitidamente no plano do simbolismo", de forma que a imaterialidade marca os principais produtos consumidos, como afirma também Wainberg (2003, p.18): "o turismo faz parte de uma economia simbólica".

Tratemos do outro elemento diferencial dos modos de viver de moradores e visitantes, retomando um elemento importante de nossa discussão: a relação espaço-trabalho. Como discutido, o modo de viver dos moradores do lugar estudado está profundamente marcado pelo sincronismo entre tempo de trabalho e movimento lúdico. A disponibilidade de um espaço provido de elementos naturais no ambiente rural possibilita aos moradores um fazer marcado pela interatividade com a natureza e um hábito não centrado na dimensão intelectual. O espaço e a natureza se oferecem como campos de movimento, de fazer, um fazer que não significa uma imposição rígida, mas uma forma de interação que, ao mesmo tempo em que é trabalho, é também momento de ludicidade.

Sem dúvidas, esta forma de relação espaço-trabalho é algo extremamente diverso do significado de trabalho vivido nos grandes centros, onde o rigor imposto, tanto no que diz respeito ao tempo quanto na centralização na dimensão intelectual, centra-se mais na imposição e na submissão que no livre fazer. Obviamente, o visitante não tem a oportunidade de vivenciar de fato essa forma diversa de relação com o lugar, que além do mais, lhe seria de difícil compreensão.

No ambiente urbano do lugar estudado, por sua vez, há outro contraponto. Enquanto o turista busca o ócio, a fuga do controle cotidiano imposto pelas obrigações do trabalho, o morador geralmente mantém seu ritmo de trabalho para atender às demandas de serviço, advindas do movimento turístico. Dessa forma, há uma marginalização momentânea do morador, uma vez que quem está usufruindo do lugar é o visitante. Nas condições de baixo fluxo turístico, o morador volta a se apropriar do lugar, o que explica a satisfação,

expressa por alguns participantes da pesquisa, nas fases de baixa temporada e seu incômodo com a apropriação do turista que sempre compromete a qualidade de viver do lugar tal qualidade está expressa especialmente na tranquilidade, segurança e silêncio característicos das pequenas cidades.

Por fim, é importante citar a influência impactante do alto fluxo e do modelo turístico nas relações inter-pessoais típicas do lugar:

*"Hoje com o progresso, com o desenvolvimento, você não conhece mais as pessoas da cidade, você não sabe mais quem é da cidade e quem veio de fora." (SR)*

Além do aumento da violência, que o próprio morador denuncia, precisamos compreender que essa dificuldade de manutenção das relações sociais típicas do lugar enfraquece, ao longo do tempo, a abertura dos moradores à coletividade e, sendo assim, como já relacionamos essa condição à identificação do morador com o lugar habitado, enfraquece também a ligação topofílica.

### 3.5. Mudanças ambientais e qualidade de vida

Em função da amplitude do conceito de qualidade de vida sua discussão pode ser direcionada a diversos aspectos. Minayo (2000) divide essa discussão em dois grandes focos de análise: o objetivo, relacionado a aspectos práticos da vida como educação, alimentação, saúde, etc.; e o subjetivo, no qual se inserem aspectos relacionados ao bem estar psicológico que serão o foco desta discussão.

As alterações estruturais e sociais que ocorreram na área estudada refletem de maneira direta na qualidade de vida da população local. Verifica-se uma sensação de invasão da privacidade e uma alteração no cotidiano em determinadas épocas do ano e datas festivas que afugentam os moradores da área central da cidade. [...] *Caldas Novas na época de temporada carnaval que vira aquele tumulto eu num gosto nem de sair na rua! Nem sai na rua, fico em casa. SAC*

A passagem de um ambiente bucólico característico de cidades interioranas para um ambiente com um grande fluxo de pessoas provocou uma perda de qualidade relacionada aos aspectos subjetivos, segundo o Sr. SR *“Hoje a qualidade de vida dos caldanovenses já não é tão boa mais”*.

Nota-se nos depoimentos que as referências relacionadas à diminuição do bem estar estiveram sempre relacionada ao crescimento que o lugar sofreu nas últimas décadas e os decorrentes problemas deste crescimento, como pode ser notado no fragmento que seguem:

Praquela população permanente foi ruim porque você tinha uma qualidade de vida boa! Hoje a qualidade de vida dos caldanovenses já não é tão boa mais. Você tá lá na cidade é aquela sonzeira a noite inteira um povo gritando dando cavalo de pau, aquilo estressa qualquer um. Caldas Novas hoje é uma cidade violenta, totalmente diferente de quando ela era currutela quando ela era pacata. SR

Apesar das oportunidades econômicas usufruídas por uma determinada parcela da população, observou-se as barreiras sociopsicológicas criadas entre as comunidades receptoras e os turistas, como apontadas por Ruschmann (1997, p.57). Esses problemas têm suas fontes no imaginário criado pelos turistas sobre o lugar. Pelas características locais e os atrativos existentes, Caldas Novas deveria oferecer ao turista momentos de tranquilidade e contato com ambientes naturais preservados e, acima de tudo, o prazer dos banhos termais. Entretanto, e estranhamente, o que se observa atualmente são propostas de atividades festivas e mega eventos para atrair um público jovem que hoje representa grande parte dos grupos de turistas que procuram o lugar. Estranhamente, porque a infra-estrutura da cidade, com exceção dos shows e carnavais fora da época que são realizados em local específico chamado de Caldas Park Show construído a cerca de 2 anos (figura 23), conta apenas com uma boate com baixa capacidade.



Figura 23 – Local de realização de shows na cidade de Caldas Novas (Caldas Park Show).

Antes da construção do local acima citado os shows e carnavais eram realizados no centro da cidade o que agravava a situação do morador local. Os que podiam, e tinham condições para tal, saiam da cidade nas datas festivas. O Sr MSP, que migrou para o lugar em busca de tranqüilidade para viver a velhice relatou que *“antes [da construção do local de shows] aqui na temporada também a gente ia pra São Paulo. [...] porque aqui a turma vem pra extravasar tudo que tem direito aqui”*.

É notório que resgatar a qualidade de vida da população de Caldas Novas requer uma revisão do direcionamento turístico no local e da infra-estrutura disponível, que no atual contexto é insuficiente para atender a demanda. A insuficiência infra-estrutural no local também atinge aspectos relacionados a componentes objetivos da qualidade de vida. Alguns depoimentos fazem referência direta à deficiência do sistema de saúde<sup>13</sup>.

*[...] assistência médica aqui num tem. Qualquer coisa que acontece mais grave manda a gente pra Goiânia, Brasília ou Uberlândia, aqui não tem mesmo saúde aqui é nada. (MSP)*

---

<sup>13</sup> Vale aqui um depoimento próprio. Durante o período em que residi em Caldas Novas para realização da pesquisa necessitei algumas vezes do sistema de saúde no local, mais especificamente, de um otorrinolaringologista, o que não foi possível já que o médico com esta especialidade só atendia na cidade uma vez por semana.



*Agora ultimamente a patroa tava meio doente foi preciso ir pra Goiânia fazer uns tratamento (JEP)*

Na área rural estudada nota-se que a percepção acerca da qualidade de vida que o ambiente oferece é o oposto da cidade, embora tenha passado por algumas alterações negativas. Como já relatado, essa qualidade de vida está relacionada ao contato com o ambiente natural através do trabalho diário, a tranquilidade encontrada no campo, que proporciona um bem estar psicológico aos moradores, e as relações sociais e familiares.

*Aqui é sossegado demais, bão demais! Qualidade de vida!. EA*

*Aqui o que eu mais gosto é do pessoal aqui, o pessoal aqui unido neh? Região é boa de trabalhar, pra quem quer trabalhar aqui é bom. O importante mais é isso. JLM*

*Bom, eu gosto da tranquilidade aqui tem muitas vantagens, mas a paz a tranquilidade isso é o principal. JEP*

As alterações observadas na qualidade de vida na área rural estão relacionadas as alterações nos modos de produção com a inserção da modernização nos processos produtivos que substitui a força de trabalho humano, e animal, e provoca o êxodo rural na busca pela sobrevivência nos centros urbanos.

*Mas era bom tinha bem mais gente, morava muita gente na fazenda. Hoje não mora mais neh? AMG.*

O aspecto natural dos alimentos produzidos em pequenas propriedades que ainda não utilizam sistemas a base de defensivos, ou que os utilizam em pequena escala, mas respeitam os prazos determinados para o consumo, é visto como um aspecto positivo da qualidade de vida no lugar.

*[...] aqui é tudo bom, natural, de primeira qualidade, quer dizer você sabe o que ta produzindo você sabe o que tem.[...] Tem lugar que bate veneno hoje num tomate e amanhã tem que colher pra levar. [...] Então essas coisas é impossível de você evitar, agora aqui não! Aqui você evita porque aqui você sabe o que você fez. JEP*

A utilização de defensivos agrícolas se tornou uma necessidade para produção em função dos desequilíbrios ecológicos, com alterações nos ecossistemas naturais, provocados pelo desmatamento. De acordo com o Sr OPS *“Se quiser colher tem que planta nas águas. A não ser que põe um inseticida forte pros inseto não atacá!”*.

*Derrubava, plantava roça, roça de feijão, mas dava feijão demais aqui, meu pai pegava pra planta feijão na meia, mas era feijão demais, não dá mais feijão hoje. Pode plantar, não dá mais não, acaba a força da terra. CLA.*

A perda de qualidade de vida na área rural de estudo faz parte da consciência desta população que, sem ter outra opção, aceita as mudanças. Esta falta de opção deve-se a inexistência de trabalho e a projetos que busquem uma inserção destes produtores no mercado com base em outras formas possíveis de produção, como produtos orgânicos.

*Naquela época tinha muita, uma água limpinha, hoje você bebe uma água essa água tá ruim neh? Têm muito veneno essa coisas. Apesar de que o mundo nosso é esse mesmo, mas é ruim! AMG*

Porém, o que se vê no lugar é um direcionamento de todos os esforços administrativos possíveis para incentivar e ampliar um sistema turístico irresponsável e insensato que desconsiderou, e ainda desconsidera, as características do lugar e, acima de tudo, seus moradores. Essa falta de responsabilidade com o lugar também é evidente quando consideramos a existência do Parque Estadual, aspecto que será discutido na seqüência.

### 3.6. Considerações sobre o modelo de conservação local

As alterações de paisagem no local de estudo estão vinculadas ao modelo de conservação adotado. O fato de ainda existirem propriedades com mais de 20% de vegetação nativa deve-se à limitação imposta pela localização no entorno de uma unidade de conservação, que “sugere” que seja proibido desmatamento num raio de 10 quilômetros.

Existem dois focos de discussão acerca do PESCAN. Um refere-se à relação dos moradores do lugar com o Parque e suas concepções a respeito de sua existência, outro está relacionado às imposições que são aplicadas às propriedades rurais em seu entorno que vai desde a proibição completa de qualquer ação até a permissividade exacerbada.

As relações dos moradores com o Parque apresentam duas vertentes bem definidas com concepções negativas e positivas: as negativas desenvolveram-se, em grande parte, em função das limitações que sua existência impõe aos moradores do seu entorno, tanto de acesso quanto de possibilidade de uso para produção; as positivas estão relacionadas à apreciação estética e a um nível de consciência já desenvolvido sobre os fenômenos naturais, como as conseqüências do desmatamento e a preservação de espécies.

No entanto, ficou evidenciado nos discursos que não existe uma compreensão, por uma parte dos moradores, sobre a importância, biológica ou como repositório do lençol termal, da Serra de Caldas. Um dos participantes chega a considerar que a Serra deveria ser destinada a reforma agrária. Fica evidenciada, nesse sentido, a falta de um trabalho que busque a integração da população do entorno com o PESCAN, embora já seja contemplado no Plano de Manejo do Parque, no Sub-Programa de Comunicação e Educação Ambiental da Comunidade <sup>14</sup>.

Nesse contexto, vale destacar uma análise crítica. A administração do Parque sempre passou por problemas administrativos em função do sistema

---

<sup>14</sup> Os objetivos do Sub-programa de Comunicação e Educação Ambiental da Comunidade, contemplado no Plano de Manejo do PESCAN, são integrar e informar a população residente em seu entorno da importância ecológica do Parque e dos aspectos positivos de sua implantação, para a comunidade, prever a educação ambiental desta população, principalmente através de ações em escolas e centros comunitários com as seguintes ações: prevenção de incêndios, proibição de caça e pesca, conservação da fauna, flora, recursos hídricos e colos e o programa de divulgação voltado para as propriedades vizinhas e confrontantes ao parque elaborado com uma campanha de esclarecimento, nos moldes desta citada, incorporando-se um plano de divulgação das atividades permitidas na área e das restrições previstas na Regulamentação das Atividades (GOIÁS, 1998, p118).

político de gestão. A diretoria do Parque é freqüentemente substituída por ser um cargo de confiança, sujeito a alterações governamentais. O contingente de fiscais (funcionários concursados) é pequeno - no momento da pesquisa eram três - e atualmente não existe guia turístico. A associação destes fatores torna subaproveitado o potencial turístico e educacional que o local apresenta.

Mesmo com os problemas existentes pode-se notar nos discursos dos atores da pesquisa que os funcionários que se encontram a alguns anos trabalhando no local estabeleceram uma boa relação com os moradores das propriedades vizinhas e têm conseguido o apoio desta população no controle a incêndios e na limitação de acesso em locais não permitidos.

Considerando as características da unidade de conservação em questão devemos ressaltar que esta área é diferenciada das demais unidades estabelecidas no Brasil. A área do PESCAN é significativamente menor e sua constituição como Parque deve-se, principalmente, pela sua importância como repositório dos aquíferos termais. Dessa forma, mesmo que o plano de manejo seja individual para cada unidade de conservação, as normatizações são, normalmente, padronizadas tomando como base algum outro Plano de Manejo.

Neste contexto, um aspecto importante deve ser ressaltado. As unidades de conservação com extensas áreas normalmente tem populações nativas no seu interior que já se encontravam ali antes de sua implantação, com as quais é possível estabelecer um modelo com base em atividades extrativistas como fonte de renda. Segundo Brandon, et al. (1998), os usos sustentáveis dos recursos naturais devem ser incentivados e implementados no entorno de parques e reservas e nos corredores que compõem as redes de unidades de conservação.

Porém, o PESCAN, criado em 1970 sob a lei 7.862, está localizado em uma área altamente ocupada, sendo que em seu entorno encontram-se propriedades rurais produtivas, as cidades de Caldas Novas e Rio Quente, além dos complexos turísticos. Dessa forma, as atividades e normatizações para seu entorno deveriam ser estabelecidas com base em estudos locais aprofundados buscando a realidade local, as possibilidades e os anseios da população.

Por outro lado, os modelos de unidades de conservação trazem implícita a concepção do homem como destruidor e a impossibilidade de uma

convivência pacífica com a natureza. A Serra de Caldas era utilizada como via de acesso da cidade de Rio Quente a Caldas Novas além de ser uma fonte de renda para muitos que retiravam dali palha para confeccionar vassouras, xerimbabos, caça, garimpo de ouro, etc. Partindo destas informações, pode-se considerar que a criação e a normatização da unidade de conservação representaram um modelo excludente do ser humano.

Atualmente, essa integração com o ambiente natural está pautada na contemplação e na interatividade e os problemas citados acima podem ser solucionados com trabalhos de educação ambiental e com a integração da população ao Parque através de atividades múltiplas, desde trabalhos específicos de educação contemplativa da beleza de um bioma ameaçado até cursos específicos como produção orgânica, extrativismo controlado, reprodução de mudas de espécies nativas, etc. Existe no Parque uma infra-estrutura, construída com recursos de compensação ambiental de FURNAS, que tem toda capacidade de comportar atividades como essas, sem considerar as trilhas que podem ser utilizadas para interpretação ambiental. Segundo Ramos (2007), uma trilha interpretativa leva seus visitantes a observar e experimentar a importância do objeto interpretativo.

Entre os elementos infra-estruturais citados podemos ressaltar o anfiteatro (Figura 24), uma área de estudo e reuniões (Figura 25), um museu com exposição de animais taxidermizados da fauna do Cerrado (Figuras 26 e 27), além de refeitório, alojamentos, sala de leitura, etc.

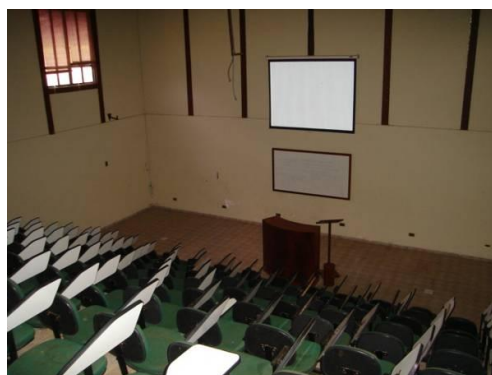


Figura 24 – Anfiteatro no PESCAN.



Figura 25 – área para estudo e reuniões no PESCAN.



Figuras 26 e 27 – Museu de animais taxidermizados no PESCAN.

Apesar da existência de algumas concepções negativas, que não podem ser desconsideradas, a concepção da grande maioria dos moradores do entorno do Parque é positiva.

É importante pontuar que todos os moradores do entorno entrevistados não mais entraram no Parque desde seu fechamento em 1995. Isso demonstra a falta de trabalho buscando esta integração. Mesmo com esse distanciamento, as concepções positivas sobre o Parque são relacionadas a sua importância ecológica na conservação da biodiversidade e, principalmente, pela sua beleza cênica.

A presença imponente, a importância e a beleza estética da Serra de Caldas, ao mesmo tempo em que propicia ao morador um sentimento de orgulho

também lhe oferece a visão de uma paisagem natural de grande valor estético, com a qual estabelece ligação com o ambiente natural e a qual atribui um caráter sagrado. Como relatado por um depoente a serra *"... é uma coisa inexplicável! Só Deus mesmo pra fazer uma coisa tão bela igual ta ai. (MRC)*. Além da beleza cênica os moradores também fazem referência aos recursos naturais que contém, principalmente água e plantas medicinais.

### **3.7. Análise atual da apropriação do espaço no entorno do PESCAN**

Durante a pesquisa no ano de 2006, alguns empreendimentos estavam sendo iniciados, porém ainda não existiam definições quanto à legalização de funcionamento. Atualmente (janeiro de 2008) foi realizada uma visita à área de estudo com a finalidade de verificar a situação destes empreendimentos e trazer informações mais atualizadas.

Como visto, as alterações na paisagem no entorno do PESCAN passaram por um processo histórico de desenvolvimento agropecuário e, após a criação do parque, algumas limitações foram impostas em função das normas que regem o entorno. Atualmente alguns empreendimentos e atividades comerciais estão sendo desenvolvidas contrariando o que propõe as normas do sub-programa de regulamentação de atividades para o entorno do PESCAN.

Pela importância dessa tendência detectável no lugar, optamos pela apresentação das informações que seguem abaixo. Apesar de todas as discussões acerca dos problemas ambientais atuais, os empreendedores hoteleiros e de outras atividades do entorno do Parque estão desenvolvendo atividades sem nenhuma preocupação com os recursos naturais da região e, o mais preocupante neste fato, é a inoperância da agência reguladora de tais atividades.

Ao lado da Pousada do Rio Quente foram construídos edifícios horizontais com a finalidade de suprir a demanda turística criada pela Pousada em um local chamado Esplanada. O intenso crescimento imobiliário pode ser notado claramente (Figura 28).



Figura 28 – Recentes construções imobiliárias na Esplanada – Pousada do Rio Quente.

Essas construções, além de alterarem significativamente a paisagem local, estão localizadas em uma área irregular além de privatizar um bem público – o Rio Quente. A imagem abaixo (Figura 29) mostra um turista na área de lazer de um hotel construído sobre o Rio Quente, que tem sua nascente dentro da Pousada.



Figura 29 – Área de lazer de um hotel com o Rio Quente ao fundo.

A figura 30 é uma foto tirada no mesmo local da anterior mostrando o Rio Quente e, à direita, o processo de canalização do rio, que, segundo um relato espontâneo de uma moradora que não quis ser identificada, causou grandes



impactos tanto no rio quanto na beleza do lugar. Nas suas palavras: *“essas construção acabaram com o rio, ele passava aqui perto, agora eles desviaram ele sai lá embaixo!”*. O mais impressionante neste episódio durante a pesquisa foi a frase que se seguiu à anterior: *“Fazer o que neh? O dinheiro compra tudo, até o silêncio!”*. A moradora acima demonstrou indignação com o fato, porém deixou clara a impossibilidade de qualquer ação contra a atual situação.



Figura 30 – Rio Quente (à direita área de lazer de um hotel).

O empreendimento citado acima não é o único construído no local. Outros empreendimentos próximos, e na mesma situação que este, também apresentam irregularidades e, paradoxalmente, um deles é de propriedade da prefeita de Caldas Novas. Podemos concluir que a própria administração pública do lugar, que deveria ter consciência acerca de tais impactos, tem contribuído para a deterioração dos bens naturais.

Outras duas situações causam preocupação. Uma delas ocorre na Pousada do Rio Quente onde está sendo construída uma piscina termal de ondas indicada na figura 31. Nota-se que a construção já toma parte da serra.



Figura 31 – Construção da piscina de ondas na Pousada do Rio Quente.

Outro empreendimento também deve ser considerado. Em 2006 durante a pesquisa de campo foi verificado o início da construção de uma pedreira na área de amortecimento do parque, como foi relatado anteriormente. Atualmente esta pedreira está em pleno funcionamento em uma área próxima ao Parque (Figura 32). Nota-se ao fundo da imagem abaixo a Serra de Caldas.



Figura 32 - Pedreira em funcionamento instalada próxima ao PESCAN.

Este empreendimento ficou embargado pela agência reguladora, por aproximadamente um ano, e depois disso teve seu funcionamento liberado. Ao questionar um participante, que atua no processo de gestão local, que não quis se identificar, sobre a situação, a resposta foi similar à da moradora citada acima: *"Isso ai não tem jeito não! O cara já foi deputado estadual e hoje ta lá junto com o governador! [...] é tudo peixe grande! Quando embargou a gente até foi lá com o Ministério Público, mas ai depois liberou! A gente não pode fazer nada ta*

*legalizado! Brigar com esses caras é como bater de moto num caminhão, você morre e com ele não acontece nada!"*

Possivelmente na busca por um maior movimento turístico com um apelo religioso também foi construído um santuário na área de amortecimento do PESCAN (figura 33).



Figura 33 – Santuário de Santa Salete ao pé da Serra de Caldas.

No município e Rio Quente também foi encontrada um situação que chamou a atenção. A Caixa Econômica Federal construiu um conjunto de casas populares praticamente na área limite do PESCAN (Figura 34).



Figura 34 - Conjunto de casas populares nos limites da Serra de Caldas.

Todos os empreendimentos citados acima ferem a regulamentação, citada no capítulo 2, estabelecida no sub-programa de atividades no entorno do PESCAN (GOIÁS, 1998). Entretanto, também vale aqui uma crítica a este ponto do sub-programa no qual “sugere-se que sejam proibidas as seguintes atividades” seguido de uma relação de atividades impactantes. O fato de ser uma “sugestão” abre margem jurídica e fica a mercê de influências políticas que sabidamente acontecem.

Com essas constatações podemos chegar a algumas conclusões infelizes. Os empresários da região são guiados pela lógica capitalista de lucros a qualquer custo mesmo que isso seja uma forma de auto-prejuízo para o futuro, já que o turismo local depende das condições naturais físicas do espaço. O sistema de controle ambiental do Estado de Goiás é nitidamente influenciado politicamente acerca da concessão de funcionamento de atividades com grandes impactos ambientais em locais onde existem as normatizações estabelecidas.

Estes acontecimentos, além de provocarem os impactos já relatados, também repercutem na concepção dos moradores a respeito das normatizações criando um descrédito no sistema de controle. Vale aqui a repetição de alguns fragmentos já citados pela sua importância neste contexto.

*Ao meu modo de ver é! Uma pedreira a 300 metros de distância da minha residência, da chácara, da sede! [...] O governo autorizar uma pedreira a 300 metros da minha casa eu acho que é descabível, porque a gente saber que isso produz uma poluição muito grande, uma poeira muito intensa [...]. SR*

*Meu ramo aqui é gado neh!? Tem muito mato pra desmatá, mas a gente tá meio empreendido ai que não pode desmatá mais neh? Mas nós ta lutano pra vê se sai uma licença pra desmata 10 alqueire. [...] Eu tenho 122 alqueire e não tenho 30 alqueire cultivado, o resto ta tudo em mato. SGS*

As concessões para as construções relatadas acima deixam claras as incoerências entre a realidade e as normatizações, ou melhor, deixa claro que as normatizações não são aplicadas a todos. O subprograma de regulamentação

de atividades no entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas, sugere as atividades que não podem ser desenvolvidas num raio de 10 km dentre as quais está "o desmatamento de qualquer espécie" (GOIÁS, 1998).

Os problemas de concessão para abertura de novas áreas no entorno do PESCAN estão relacionados à generalização das normatizações com base no modelo criado pelos Estados Unidos. Porém, a generalização dessas normas pode provocar problemas no que diz respeito ao uso do solo nas áreas do entorno e dos recursos naturais disponíveis.

Devemos considerar também, que a maioria dos estudos e relatos sobre a inclusão da população local neste processo de integração às áreas protegidas refere-se a populações que já se encontravam no local antes da criação da unidade de conservação. Assim, a dinâmica de integração, assim como as políticas que a definem, não pode ser padronizada nacionalmente e devem considerar as peculiaridades de cada situação, entretanto, ressalta-se a extrema importância dessa integração que deve ocorrer desde o processo de implantação.

Diegues (1996) afirma que grupos sociais apartados da modernização são essencialmente conservacionistas e aliados naturais da manutenção da biodiversidade, graças a uma combinação secular de adaptação cultural e valores éticos superiores ao da sociedade urbana e industrial e que as políticas de conservação devem orientar-se no sentido de fortalecer o conhecimento local na elaboração de planos de manejo, propiciando condições sociais e econômicas para a reprodução desses grupos através de investimentos importantes.

A afirmação do autor parece prevalecer para áreas em que não há um crescimento econômico, e conseqüentemente, um processo de modernização, aspecto que pode ser observado limitado a áreas mais

interioranas do país, como região Amazônica e Pantanal. Porém, existem inúmeras unidades de conservação localizadas em áreas com alto índice populacional e que são circundadas por propriedades rurais. Nessas condições, reforça-se um problema a respeito da padronização nacional das normas estabelecidas para as áreas do entorno das unidades de conservação, conhecidas como áreas tampão, ou áreas em que determinadas atividades não podem ser desenvolvidas.

Existe, portanto, uma diferença entre uma unidade de conservação como o PESCAN localizado em uma área rodeada de agricultura e centros urbanos, e áreas de proteção em regiões desérticas ou com poucos moradores que não estão vinculados ao sistema de produção agropecuário.

Os moradores do entorno do PESCAN são produtores rurais que participam do processo produtivo como qualquer outra propriedade rural do país, entretanto, tem limitada a área que pode ser destinada ao plantio, o que indica a necessidade de políticas específicas, ou subsídios, que compensem o não aproveitamento das áreas destinadas à preservação.

Em síntese, há uma recomendação feita em qualquer plano de manejo das unidades de conservação, e possivelmente em todos os planos diretores dos municípios, que determinam como condição primeira da gestão local, a participação da comunidade autóctone e a convergência de interesses de todos os segmentos sociais envolvidos. No entanto, no contexto estudado, a constatação que se torna óbvia é a de que o atendimento desses princípios não fez parte do processo de desenvolvimento do lugar e que, portanto, o foco principal dos processos educativos deve ser a motivação do comprometimento dos moradores com o futuro do lugar e a instrumentalização para uma postura pró-ativa e uma participação crítica e dialógica (ver organograma a seguir – Figura 35).

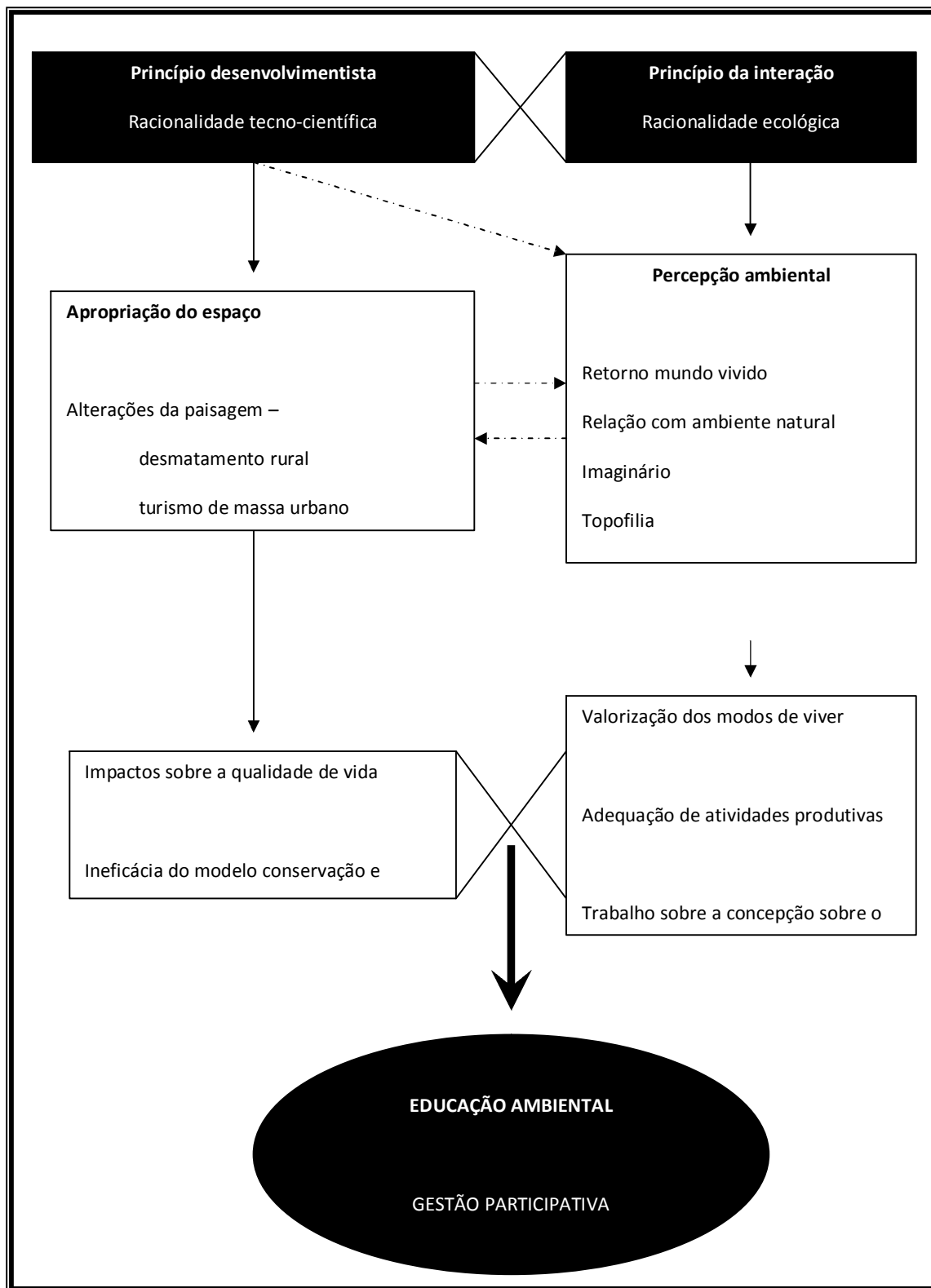


Figura 35 – Relação da educação ambiental com a realidade estudada

### 3.8. Reconstrução do sentido de sustentabilidade para a realidade estudada

Diante da análise da realidade estudada, é possível se reconsiderar, a exemplo das considerações críticas que vêm sendo desenvolvidas, até que ponto o conceito de sustentabilidade veiculado nos documentos sobre políticas de meio ambiente consideram todos os aspectos concretos necessários, por conseqüência, podem ser transpostos para a prática.

É importante refletirmos que a maior parte dos discursos ambientalistas que utilizam o conceito de sustentabilidade carrega um caráter ainda antropocêntrico. Junges (2004, p.8) parte da dicotomia antropocêntrico/biocêntrico para classificar as correntes identificáveis da ética ambiental. No primeiro enfoque, o ser humano detém "um protagonismo no mundo", buscando a solução para os problemas ambientais na perspectiva central do ser humano em relação à natureza. De um antropocentrismo estrito, o mesmo autor diferencia um antropocentrismo mitigado, que se ancora no estabelecimento de limites e regras para a intervenção na natureza e para o uso de recursos naturais. No entanto, essas ações têm como meta a garantia do benefício direto dos próprios seres humanos (JUNGES, 2004, p.13).

O argumento principal do princípio da sustentabilidade é justamente o dever para com a garantia de qualidade ambiental das gerações futuras. É evidente que há um interesse implícito voltado para a satisfação das necessidades humanas. Mas, há subscrito um outro aspecto: que a garantia dessas necessidades quase sempre estão relacionadas aos recursos físicos do ambiente, o que justifica as referências comuns à escassez de água, de alimentos saudáveis, de um ar despoluído, etc. As condições sociais e humanas de existência aparecem secundariamente nos discursos sobre a sustentabilidade, embora presente no seu enunciado. Mesmo nesse enunciado, fala-se explicitamente de uma condição socialmente justa e economicamente viável, mas permanece implícito que, mantida a base atual do modelo de desenvolvimento, a justiça social pode significar tão somente a possibilidade de sobrevivência, e não necessariamente a equidade na distribuição de renda, e a viabilidade econômica representar a continuidade do modelo exploratório da natureza e do ser humano em detrimento de uma superação efetiva da lógica de mercado.



Os argumentos que temos a apresentar em favor da preservação das condições de vida e dos modos de trabalho no ambiente rural e das mudanças necessárias no padrão de crescimento urbano da realidade estudada talvez não caibam nesse conceito de sustentabilidade que engessa as possibilidades de transformação do modelo de crescimento em vigência. Eles tratam de singularidades culturais e de indicadores subjetivos de qualidade de vida que não pesam nesse conceito. No entanto, consideramos que seja de fato necessária a atenção sobre eles, mesmo que isso dependa de uma reconstrução do que os gestores e educadores ambientais entendam como modelo sustentável.

Há, nesse sentido, algumas singularidades do lugar que precisam ser consideradas em quaisquer programas de gestão e educação ambiental:

- os moradores entrevistados, que residem na área urbana, não estão satisfeitos com os efeitos do modelo de desenvolvimento turístico do lugar e suas conseqüências para a qualidade ambiental e de vida. Portanto, não é concebível simplesmente atribuir a continuidade do modelo a um funcionamento autômato impulsionado pela razão do crescimento econômico, como se os atores sociais não pudessem escolher redirecionar o futuro. Nesse sentido, o primeiro passo de democratização da gestão é a abertura de um processo dialógico onde todas as partes interessadas possam, de fato, serem ouvidas e negociarem suas expectativas;

- alguns atores sociais sentem o desconforto do crescimento, mas não conseguem entender com clareza as conseqüências do desenvolvimento não planejado e da modernização, aceitando passivamente o argumento dos benefícios dele advindos. Portanto, é necessário um trabalho de esclarecimento de todas conseqüências e significados do modelo de crescimento adotado, sem omitir quaisquer prejuízos aos modos de viver, possibilitando uma tomada de posição crítica e consciente sobre o futuro do lugar. Nesse aspecto, vale considerar as indicações feitas pelos moradores das mudanças de paisagem, sem que haja uma referência tão enfática nos impactos a elas associados, como o uso da água e a expansão imobiliária sem controle;

- há uma concepção muito enraizada na região de que todas as decisões sobre o futuro do lugar, por envolverem interesses de grupos considerados economicamente importantes, passam por uma disputa de forças

políticas que sempre esbarram numa estrutura de poder invencível. Na verdade, essa concepção infelizmente está presente em todo o país e os movimentos ambientalistas já sofreram e sofrem suas conseqüências, mas é preciso começar a trabalhar coletivamente para a desarticulação desse estado de submissão a uma imposição coativa de forças. O associativismo, a participação e a comunicação, reforçados pelo amparo legal, são os principais instrumentos para essa superação;

- há uma diferença evidente entre os modos de vida do ambiente urbano e do rural, no entanto, a centralidade da atividade turística deixa os moradores do ambiente rural à mercê do planejamento do desenvolvimento local. Portanto, é necessário que essa importante parcela da população seja atendida em suas necessidades e anseios nos planos de gestão do lugar, inclusive atentando para que o crescimento e as características do turismo não representem uma ameaça aos seus modos de viver;

- os moradores do entorno do PESCAN tem um conhecimento vivencial bastante significativo dos fenômenos ecológicos que acontecem no ambiente, mas não estão devidamente esclarecidos sobre a importância da unidade de conservação e denunciam um isolamento provocado pela sua implantação. Portanto, é preciso que as opiniões desses moradores sejam ouvidas e dialogadas, inclusive no sentido de reavaliar o modelo de gestão imposto por esse modelo conservacionista que já se mostrou altamente conflitante e, em alguns casos, pouco efetivo na preservação e alheio às condições culturais de cada região.

A título de síntese, a noção de sustentabilidade adequada ao contexto precisa aceitar a inclusão: do atendimento dos indicadores subjetivos de qualidade ambiental e de vida; da defesa das condições bucólicas de vida e de modos de trabalho que se mantém desagregados da lógica da máxima produção; do reconhecimento de que não há um sistema de desenvolvimento autônomo que não possa aceitar um redirecionamento futuro adequado aos anseios comuns da maioria dos moradores; do pressuposto da democratização da gestão, respeitando o tempo necessário e trabalhando para a consciência crítica de todos os envolvidos; que cada segmento social precisa ter suas singularidades e interesses respeitados.

### **3.9. Significados das reflexões para a educação ambiental: dificuldades e potencialidades**

A consideração primeira que se deve fazer sobre os processos educativos no local, portanto, é reforçar a complexidade do desafio evidenciado: eles precisam estar pautados na motivação de uma postura participativa e comunicativa, fundamental para a garantia das expectativas sobre o futuro do lugar; precisam considerar que há importantes singularidades sócio-culturais e uma diferença evidente de interesses e modos de viver entre os ambientes rural e urbano que merecem atenção especial; devem tomar a relativização do modelo vigente, tanto de desenvolvimento como de conservação, como ponto de partida para a abertura à novos valores e concepções; reconhecer ainda a riqueza cultural, de biodiversidade e de atividades alternativas viáveis como uma expressão do potencial para uma gestão responsável e efetivamente sustentável.

Destacamos a seguir alguns aspectos revelados na análise do contexto que puderam motivar prospecções de ações educativas e de estratégias de gestão possíveis. Algumas necessidades próprias do lugar em questão são aqui colocadas, no sentido de se pensar ações mais adequadas, que levem em consideração outros elementos que não só as concepções formadas sob o argumento do modelo conservacionista. Não se tem aqui a pretensão de esgotar a gama de possibilidades educacionais que podem ser desenvolvidas na área de estudo com base na percepção dos moradores, mas sim de demonstrar que elas existem e suas possibilidades de realização.

Como destacado, os moradores do ambiente rural estão cotidianamente exercendo uma relação de contato direto com elementos do ambiente natural que resultam uma ligação estética e afetiva com o lugar, que julgamos ser um pressuposto fundamental para o comprometimento. Essas oportunidades de vivências poderiam ser estendidas aos moradores do ambiente urbano e aos turistas, a partir de uma motivação do uso do PESCAN ou mesmo das fazendas, que poderiam inovar no investimento em turismo rural.

A interferência da atividade turística na vida da comunidade local pode ser reduzida com um redirecionamento da atividade turística. Como enfatizado, os modos de viver típicos deste ambiente, bem como o contato com a natureza, poderiam ser a base de uma identidade cultural que tem representado um chamariz para um grupo de turistas que cresce a cada dia em outras regiões: os que buscam novas experiência fugindo do cotidiano vivido nos grandes centros urbanos e se refugiando na tranquilidade do ambiente rural.

Há alguns aspectos bastante positivos nessa modalidade de turismo, quando ele é desenvolvido respeitando a originalidade desses ambientes: a valorização da própria identidade cultural pelos moradores que passam então a ter maior consciência sobre seus laços topofílicos; a oportunidade dos turistas viverem experiências estéticas e volitivas, numa prática turística que foge da reprodução do turismo de massa e de máximo conforto; por fim, o estímulo de uma situação comunicativa que permite a troca de saberes e o respeito mútuo às diferentes histórias e experiência de vida. Esse poderia ser considerado um turismo de baixo impacto, na medida em que o receptivo não é moldado para o turismo, mas mantém-se como o próprio elemento atrativo. Em outros termos, as atividades volitivas cotidianas colocadas à disposição do visitante representam a possibilidade de um *produto não-violado*, diferentemente do que ocorre em algumas comunidades tradicionais que são moldadas para receber o visitante, passando por um processo evidente de aculturação e de objetificação da própria imagem adaptada como produto.

A educação ambiental poderia, portanto, trabalhar com a conscientização da população sobre essa possibilidade, especialmente motivando-os a reconhecerem, a partir da reconstituição de suas histórias de vida que se confundem com a história do lugar, os laços que os prendem a ele e a valorizarem seus modos de viver e seus saberes.

Caldas Novas, assim como outras cidades turísticas no Estado de Goiás (Pirenópolis, Cidade de Goiás, etc), teria como um dos atrativos turísticos os elementos históricos e culturais. Este potencial, apesar de estar sendo destruído como relatado no caso da cadeia pública, existe no local de estudo, porém não é utilizado. A valorização destes aspectos, como atrativos turísticos, pode auxiliar

na valorização da história e da cultura local mantendo, ou restabelecendo, a relação do morador com o lugar.

Em outro segmento, a educação ambiental precisa contemplar ações voltadas para um lapso ainda existente na compreensão dos problemas físicos do ambiente, especialmente os relacionados ao uso indiscriminado da água e às mudanças de paisagem provocadas pela expansão imobiliária não planejada. É fundamental a compreensão de que há uma questão ética envolvida nesses processos, uma vez que na mesma medida em que há privatização de um bem ou espaço público, há também a coletivização dos prejuízos e riscos ambientais dela resultantes. Como demonstrado, há focos de ocupação irregular de áreas no entorno da unidade de conservação e de cursos d'água, sem falar no uso clandestino do recurso hídrico na cidade e no entorno. Esses usos inapropriados estão servindo aos interesses de alguns grupos, enquanto que as conseqüências presentes – como a inviabilidade de acesso, o impacto sobre a biodiversidade e a privatização dos espaços de lazer - e futuras afetam e afetarão a coletividade. Nesse sentido, não cabe uma educação ambiental ingênua, mas a que se propõe a despertar uma consciência crítica sobre situações dessa natureza.

Desse ponto de vista, é preciso considerar que os pressupostos da EA institucionalizada que vêm sendo discutidos são insuficientes, já que propõem uma educação que busque a integração com o lugar, muitas vezes pautada unicamente em conhecimentos ecológicos. Esse modelo centrado no discurso conservacionista, que evidencia as características físicas dos problemas ambientais, pode ser útil em outros casos, como em ações pontuais com os turistas que freqüentam o lugar, mas não pode produzir um comprometimento efetivo dos moradores com a sua gestão futura.

Há outra vertente possível de trabalho educativo que podemos destacar. Considerando que a percepção dos moradores está sendo fortemente influenciada pelo processo racional de modernização agrícola, e que este provoca alterações significativas, muitas vezes não compreendidas, na vida da população, ou quando percebidas não são associadas às suas origens, esse é um ponto importante ao se pensar o processo educacional no lugar. Dessa forma, as ações educativas poderiam incluir a oportunidade de esclarecer sobre as

relações de causa e efeito entre modernização e impactos nas dimensões natural e humana.

Sabidamente, as formas de produção viáveis e que geram lucros não são limitadas a monoculturas com seus expressivos investimentos tecnológicos que podem representar um risco ao modo de vida e às singularidades culturais na região. É também já conhecido que há uma importante divulgação, no enfrentamento da atual crise ambiental, dos benefícios do consumo de produtos orgânicos, que tem ganhado espaço na sociedade. Há uma possibilidade, portanto, de diversificação ou mesmo substituição da base de produção agrícola na área de estudo, restrita à produção leiteira de pequeno porte, gado de corte e pouca agricultura, pela produção de orgânicos, atendendo a uma demanda crescente em todo o país e no exterior.

Não se pretende aqui discutir a aptidão regional de produção orgânica com base em seus preceitos técnicos, porém há duas características compatíveis com essa possibilidade: o fato de já predominarem pequenas propriedades gerenciadas por núcleos familiares; a condição de ser uma região com fluxo de pessoas que conhecem o diferencial do produto, além da população local, o que representa um grande potencial de comercialização. Este potencial é ampliado ao considerar a grande quantidade de hotéis, resorts, pousadas, etc., existentes no lugar.

Outra atividade também passível de ser desenvolvida no lugar é o extrativismo controlado de frutos do Cerrado, assim como a produção de mudas dessas plantas, com potencial comercial como pequi, baru, guariroba, etc., com finalidades culinárias ou farmacêuticas, como a faveira, que vem sendo comercializada para empresas multinacionais, arnica, entre outras. Essa atividade além de fornecer renda à população local preserva a biodiversidade existente e a valoriza. Nesse sentido, vale destacar a experiência já existente de um projeto extrativista do fruto Baru já existente no Estado – o Projeto Baru – em Caldazinha/GO, monitorado pelo Centro de Desenvolvimento Agroecológico do Cerrado, que conta com uma unidade de processamento, operacionalizada por uma associação de sete comunidades locais.

Verifica-se que a região apresenta potencial para muitas atividades menos impactantes e tão rentáveis quanto a produção agrícola tecnificada, porém com impactos ambientais menores. O que falta é um direcionamento de cursos que visem capacitar os produtores da região ao desenvolvimento de tais atividades. Os programas de EA na região poderiam contemplar a proposta desse tipo específico de capacitação, buscando assim integrar o morador ao seu ambiente e adotar alternativas de menor impacto que a inserção de monoculturas.

Associado ao que foi proposto, e pensando na possibilidade de operacionalização, ressalta-se a existência do PESCAN que, como demonstrado anteriormente, tem toda a infra-estrutura para realização de tais cursos e fica próximo aos moradores e, no entanto, permanece ociosa. Além dessas vantagens, enfatiza-se também a oportunidade que isso geraria de reaproximação e de reintegração da população que reside no entorno ao Parque, relação que foi quebrada desde seu fechamento em 1995, como relatado pelos próprios moradores.

Outro importante foco são os trabalhos de educação ambiental com os turistas. Ficou claro na pesquisa o desconforto da população em função desta atividade. Os visitantes de Caldas Novas, em função dos simulacros criados pelas propagandas das agências de turismo, veiculam a idéia de um lugar sem limites, como se o local pudesse se resumir a um *playground*, um parque de diversões. Ora, para os turistas que usufruem do lugar com esse tipo de visão, prevalece a comodidade de voltar para a sua realidade cotidiana livre dos incômodos dos problemas que provocou. Obviamente isso não é culpa somente do turista, mas de falta de uma política que estimule a integração deste com o lugar visitado, e o motive a valorizar os modos de vida e os elementos naturais da região.

Vale aqui uma observação: durante a pesquisa de campo foi relatado por um participante da cooperativa de triagem existente no aterro sanitário de Caldas Novas que o volume de resíduos aumenta consideravelmente em altas temporadas, chegando a dobrar ou triplicar. A infra-estrutura municipal de coleta e armazenamento de lixo sofre colapsos em altas temporadas já que foi dimensionada para uma população de aproximadamente 60 mil habitantes. Estes resíduos produzidos pelos turistas poderiam ser minimizados com trabalhos de

educação ambiental incentivando duas linhas de ação: a intensificação da coleta seletiva, acompanhada de incentivos para as cooperativas de triagem; a conscientização somada a ações punitivas que forçassem os visitantes a levarem os resíduos para o seu local de origem, especialmente para as capitais, onde possivelmente haja maiores condições de reutilização e reciclagem. Acrescenta-se a isso um argumento lógico: grande parte dos visitantes faz suas compras em seus locais de origem, onde ficam os impostos embutidos nos preços e que teoricamente são aplicados nas infra-estruturas municipais. Assim, os problemas ficam com o município de Caldas Novas, porém os impostos não.

Um outro aspecto do turismo local que precisa ser repensado diz respeito às formas de uso dos espaços privados. Os clubes e hotéis funcionam como uma “prisão turística”, onde são criadas formas de entretenimento que duram o dia todo e desestimulam que o visitante saia do hotel e, dessa forma, passam a maior parte do tempo consumindo seus produtos e serviços oferecidos. Isso impede a percepção de outros atrativos do local.

Neste contexto, algumas campanhas já foram realizadas pelos funcionários do PESCAN com o objetivo de atrair o turista para o local. Porém, seria necessário agregar uma divulgação mais efetiva e o estímulo dos hotéis para que o turista conheça e se interesse pelo entretenimento, contando assim com uma posição menos centrada nos próprios interesses e mais voltadas para a estratégia de apresentação do lugar. Considerando os impactos observados no local pode-se considerar que, possivelmente, os principais grupos para os quais devem ser direcionados os trabalhos emergenciais de educação ambiental são os empreendedores imobiliários e proprietários dos clubes. É inadmissível que os grupos que mais deveriam se preocupar com o lugar estejam provocando tamanhos impactos ambientais e alterações na paisagem, sem uma prospecção dos prejuízos sócio-ambientais e dos riscos futuros. Vale resgatar aqui uma informação já dita e que causa perplexidade. Praticamente todos os clubes, com exceção de um que tem um sistema de reaproveitamento, substituem “diariamente” toda a água de todas as piscinas, que é despejada nos rios e córregos que cortam a região. Não há como prever os futuros impactos no lençol termal, mas o fato é no mínimo preocupante.



### 3.10. Considerações finais

Em síntese, podemos concluir que é necessário um redirecionamento do processo de gestão local, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento turístico, com a inserção de um trabalho intenso de educação ambiental direcionado a todos os setores envolvidos, desde o turista até os empreendedores. Além da atenção ao turismo, é necessária a preocupação com as formas de inserção da modernização agrícola buscando atividades alternativas para a população rural.

Propusemo-nos inicialmente a estudar a percepção dos moradores do entorno do PESCAN, e optamos por selecioná-los entre os moradores das propriedades rurais do entorno e alguns representantes do ambiente urbano. A percepção que buscávamos, não estava reduzida às opiniões e conceitos formados sobre a unidade de conservação e o crescimento da cidade, mas incluía também as formas como o morador se relacionava com esse ambiente, relação historicamente construída nas vivências cotidianas, entendendo que só os laços dessa vivência é que poderiam justificar as referidas opiniões e concepções. Chegamos, finalmente, a uma percepção perpassada por diferentes elementos: um modo de vida e de trabalho singular nos ambientes rurais; uma valoração significativa desses modos de viver e da oportunidade de contato com elementos da natureza; um saber ecológico bastante expressivo de alguns moradores do entorno do PESCAN, sugerindo uma construção com base vivencial; uma relação topofílica evidente tanto dos moradores que participaram da construção do lugar quanto de migrantes que motivados pela beleza cênica e pelas condições de vida do lugar; uma relação comunitária baseada na cumplicidade e na comunicação aberta, que reforça o pertencimento. Depreende-se dessa caracterização, portanto, uma condição bastante favorável ao estímulo da participação e comprometimento com o lugar.

Por outro lado, da análise da percepção destacou-se informações sobre as formas de apropriação do espaço e as mudanças de paisagem ocorridas no lugar, que revelam um processo não planejado que desconsidera as singularidades do ambiente e que, portanto, geram impactos tanto físicos como

sócio-culturais. Os relatos dos moradores, especialmente os do ambiente urbano, denunciam mudanças na qualidade de vida advindas do crescimento da cidade e da atividade turística. A esses relatos se somam os registros fotográficos e descritivos de situações atuais de impacto, advindas da expansão imobiliária, dos empreendimentos turísticos e de atividades de exploração inadequadas. Esses elementos apontam para a necessidade de rediscussão do modelo de crescimento imposto ao local e de medidas efetivas de fiscalização e coerção de ações predatórias movidas por interesses de grupos minoritários, na sua maioria, alóctones.

Como aspecto subscrito no confronto dos diferentes depoimentos e nas falas espontâneas identifica-se um uma coexistência conflitante entre uma visão positiva do crescimento, amparada no argumento do bem-estar social, e outra negativa, que requer a preservação das condições de vida do lugar. Nesse sentido, há necessidade de motivação de um diálogo que crie novas reflexões e análises críticas que possibilitem uma escolha consciente das opções que se abrem ao futuro do lugar. Nesse diálogo, é possível incorporar as formas alternativas de turismo e de atividade rural.

Destaca-se, ainda, a sensação de afastamento da comunidade da unidade de conservação e a conseqüente falta de compreensão sobre sua importância no contexto local. Considera-se, ainda que o PESCAN é uma forte ferramenta de conscientização e sensibilização ambiental, ainda subutilizada. Dessa condição, depreendem-se duas frentes de ação: uma abertura comunicativa da gestão do parque, no sentido de acolher as questões colocadas pelos moradores e encaminhá-las a um processo avaliativo da eficácia do modelo e ações de integração da comunidade local, como vivências educativas e disponibilização do espaço para atividades de capacitação.

Por fim, é pertinente considerar que estudos de percepção ambiental que resultem em quadros tão complexos como o aqui descrito são, na verdade, um sinalizador de que a educação ambiental usualmente implementada está ainda bem distante dos processos educativos necessários ao enfrentamento dessas condições concretas. Será necessário, portanto, um exercício constante de reflexão no campo, bem como a explicitação da crítica construtiva às ações adotadas, especialmente pelos programas institucionais, no sentido de superação

de uma natureza ingênua, algumas vezes descontextualizadas, e principalmente construtivas de discursos que somente tangenciam o viés político dos problemas enfrentados. Em outros termos, a demanda que temos é a de uma educação ambiental efetivamente promotora de discursos críticos e práticas transformadoras.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ADORNO, Theodor W. **Mínima moralia**. São Paulo, SP: Ática, 1992. 271p.
- ALBUQUERQUE, Carlos. **Caldas Novas: além das águas quentes**. Goiânia, GO: Kelps, 1996. 209p.
- ALMEIDA, Maria Geralda. Lugares turísticos e a falácia do intercâmbio cultural. In: ALMEIDA, M. G. (Coord) **Paradigmas do turismo**. Goiânia, GO: Alternativa, 2003. p. 11-19.
- ALVES, Rubens. **Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras**. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 1981. 209p.
- ARAÚJO, J. W. Corrêa. Por uma nova ética. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, n. 253, p. 128-140, Janeiro/ 2004.
- ARRUDA, Rinaldo. Populações tradicionais e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. **Ambiente e Sociedade**. Campinas, SP. Ano II, n.5, p. 79-92, 1999.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo, SP: Ed. Martins Fontes, 1994. 111p.
- BACH Jr., Jonas. *Educação ecológica por meio da estética na pedagogia Waldorf*. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007. Dissertação de Mestrado.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo, SP: Ed. Martins Fontes, 1993. 242p.
- BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios do Repouso**. 2ª ed. São Paulo, SP: Ed. Martins Fontes, 2003. 256p.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições 70, 2004. 223p.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com espírito**. 2ª. ed. São Paulo, SP: Ed. Martins Fontes, 1999. 291p.
- BONILLA, J. **Fundamentos da Agricultura Ecológica: Sobrevivência e qualidade de vida**. São Paulo, SP: Nobel, 1992. 260p.

- BOSERUP, Ester. **Evolução Agrária e Pressão Demográfica**. São Paulo, SP: Hucitec, 1987. 141p.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3ª ed. São Paulo, SP: Cia das Letras, 1994. 484p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. 3ª ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983, 211p.
- BRANDON, K.; REDFORD, K.H.; SANDERSON, S. Parks in peril: people, politics and protected areas. **The Nature Conservancy**. Island Press, 1998. 540p.
- BRASIL, Lei 9.985 de 18 de julho de 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília, - DF.
- BRETAS, Genesco Ferreira. **Memórias de um botocudo**. Goiânia, GO: Cânone Editorial, 2001. 548p.
- BRITO, Daniel Chaves; RIBEIRO, Tânia Guimarães. A Modernização na Era das Incertezas: Crise e Desafios da Teoria Social. **Sociedade e Meio Ambiente**, Campinas, SP, v. 5, n. 2, p. 147-163, 2003.
- CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo, SP: Ed.Martins Fontes, 1994. 391p.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Paz e Terra, 1982. 418p.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Turismo X espaço: reflexões necessárias na pós-modernidade. In: GASTAL, S.; CASTROGIOVANNI, A.C. (orgs). **Turismo na pós-modernidade**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2003. p. 43-50.
- CORREA, S.A.; OLIVEIRA, S. F.; MARIN, A. A. Apropriação do espaço e percepção ambiental dos moradores do entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas, na cidade turística de Caldas Novas/GO. **OLAM Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, SP, Ano VI, v. 6, n. 2, 59-82, Dezembro/2006.
- COSGROVE, Denis. "A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas". In: Corrêa R. Lobato; Rosendahl, Zeni (Orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro, RJ: EDUERJ, 1998. P 92-123.

- DARTIGUES, A. **O que é Fenomenologia?** São Paulo, SP: Moraes Ltda, 1992. 174p.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3ª ed. São Paulo, SP: Atlas, 1995. 293p.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. 2. ed. São Paulo, SP: Abril Cultural, (Coleção Os Pensadores) 1979. 324p.
- DIEGUES, Antonio Carlos Santana. Etnoconservação da natureza : enfoques alternativos. In: **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo, SP: Hucitec, 2000, p 1-46.
- DIEGUES, Antonio Carlos Santana. **O mito moderno da natureza intocada**. 3ª ed. São Paulo, SP: HICITEC, 1994. 163p.
- DUARTE Jr., João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 3ª ed. Curitiba, PR: Criar Edições, 2004. 225p.
- DUARTE, L. M. Goulart. Desenvolvimento Sustentável: um olhar sobre os cerrados brasileiros. In: DUARTE, L. M. Goulart e THEODORO, S. H. (orgs.). **Dilemas do cerrado: entre o ecologicamente (in)correto e o socialmente (in)justo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. P. 11-25.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo, SP: Ed. Martins Fontes, 1991. 178p.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. 8ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001. 143p.
- FERREIRA, Lucia da Costa. Dimensões Humanas da Biodiversidade: Mudanças sociais e conflitos em torno de áreas protegidas no Vale do Ribeira, SP: **Ambiente e Sociedade**. Campinas, SP. v. VII, nº. 1, 2004.
- GADAMER, Hans-George. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 731p.
- GOIÁS, Agência Ambiental do Estado de. Plano de manejo do Parque Estadual da Serra de Caldas Novas. Goiânia: Centro tecnológico de engenharia, 1998. 207p.

- GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C. de S. **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 67-79 p.
- GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. Campinas, SP: Papirus, 1996. 120p.
- GUIMARÃES, S. T. Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofília e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul**, Florianópolis, SC, v. 17, n. 33, p. 117-141, 2002.
- HABERMAS, Junger. **A Crise de Legitimação no Capitalismo Tardio**. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 1980. 179p.
- HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1968. 149p.
- HUSSERL, Edmund. Investigações Lógicas: Sexta Investigação. **Elementos de uma Elucidação Fenomenológica do Conhecimento**. São Paulo: Nova Cultural. (Coleção Os Pensadores). 1980. 184p.
- JUNGES, José Roque. **Ética ambiental**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004. 120p.
- KUHNEN, Ariane. Sociedade e meio ambiente: criação de sentido na interação entre a pessoa e seus espaços de vida. **OLAM Ciência e Tecnologia**, Rio Claro, SP, v. 1, n. 2, p. 62-78, nov. 2001.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. 2ª ed. São Paulo, SP: Cortez, 2002. 239p.
- LOPES, Alice Ribeiro. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 1999. 236p.
- LUCIARI, Maria Tereza Duarte Paes. Urbanização Turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: Luiz Cruz Lima (org.). **Da Cidade ao Campo: A Diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza-CE: UECE, 1998.
- LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: EPU, 1986. 99p.

- MACIEL JUNIOR, Alterives. Nomadização dos Espaços Urbanos. In: Costa, I. T. M; Gondar, J. (Org.). **Memória e Espaço**. Rio de Janeiro, RJ: Sete Letras, 2000, v. 1, p. 1-81.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. 350p.
- MARCUSE, Herbert. A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional. 4ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1973. 238p.
- MARIN, A. A., OLIVEIRA, H. T., COMAR, M. V. Percepção ambiental e imaginário do paraíso de moradores do município de Jardim/MS. **OLAM Ciência e Tecnologia**, Rio Claro, SP: CD, ano III,v.3, n.1, set. 2003.
- MARIN, Andréia A.; OLIVEIRA, Haydée T.; COMAR, Mário V. Reconstituição histórica como instrumento de resgate cultural e de educação ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Rio Grande, RS, v. 13, p. 101-114, jul. – dez., 2004a.
- MARIN, Andréia A.; OLIVEIRA, Haydee Torres; Comar, Mario Vito. **Diálogos entre Thoreau e Bachelard e os encontros entre ecologismo e arcaísmo**. OLAM - Ciência & Tecnologia Rio Claro/SP, Brasil Vol. 4 No 1, p. 303-316, Abril / 2004b.
- MARIN, Andréia Aparecida.; OLIVEIRA, L. C. A experiência estética em Dufrenne e Quintás e a percepção de natureza: para uma educação ambiental com bases fenomenológicas. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Rio Grande/RS, v.15, p. 196-210, jul.-dez. 2005.
- MARIN, A. Aparecida, CORRÊA, S. Alves. Imaginário, percepção estética de natureza e lugar habitado e educação ambiental. **XIV Ciclo de Estudos Sobre o Imaginário**, Recife, 2007. (no prelo)
- MARIN, Andréia A. Ética, estética e educação ambiental. *Revista de Educação PUC-Campinas*, n.22, p.109-118, junho 2007.
- MARIN, Andréia Aparecida. **Percepção ambiental e imaginário dos moradores de Jardim/MS**. 2003, 306f, Tese de doutorado – UFSCar – São Carlos, SP, 2003.
- MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo**. São Paulo, SP: HUCITEC, 1975. 161p.



- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo, SP: Ed. Martins Fontes, 1999. 662p.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. 4. ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1984. 274p.
- MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de Vida e Saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, RJ, v. 5, n. 1, p 7-18, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80p.
- ODUM, Eugene P. **Ecologia**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 1983, 434p.
- OLIVEIRA, Hamilton Afonso. Caldas Novas: de águas quentes ao maior complexo turístico de Goiás. In: ALMEIDA, M. G. (Coord) **Paradigmas do turismo**. Goiânia, GO: Alternativa, 2003. p. 89-101.
- OLIVEIRA, Livia. Percepção do meio ambiente e Geografia. **OLAM - Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, SP, v.1, 2001 [CD-ROM].
- PIETRAFESA, José Paulo. Qualidade de Vida: a construção de um conceito. **Revista Candeia**, Goiânia, GO. Ano 4, n. 6, p 31-50, nov. 2003.
- PRIGOGINE, Ilya; Stengers, Isabelle. **A Nova Aliança: metamorfose da ciência**. Brasília, DF: Ed. UNB, 1984. 247p.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: Von SIMSON, O. R.M (Org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo, SP: Vértice, 1988, p 14-43.
- RAMOS, Laura Marina Jaime. **Outros sentidos para o ecoturismo: percepção e educação ambiental no Parque Estadual da Serra de Caldas Novas – Goiás**. 2006, 209f, Dissertação de mestrado. IESA – UFG – Goiânia, GO, 2006.
- RELPH, Edward C. As Bases Fenomenológicas da Geografia. *Geografia*, 4 (7), p 1-25, 1979.
- RICHARDSON, R. J.; Peres J. A.; Correia, L. M. **Pesquisa social**. Métodos e técnicas. São Paulo, SP: Atlas, 1985, 287p.

- RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 12ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1997. 199p.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. As águas termais chamadas Caldas Novas, Caldas Velhas, Caldas de Pirapetinga. In: **As fabulosas águas quentes de Caldas Novas**. 3ª ed. Goiânia: T. Oriente, 1973. p 17-30.
- SANTOS, M. *Espaço e Método*. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1992.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo, SP : Hucitec, 2002, p 13-15.
- SERPA, Ângelo. "Parque do Abaeté e Parque das Esculturas em Salvador: Uma análise comparativa". In: Santiago, Alina Gonçalves (Org.). **Tendências da Paisagem Contemporânea**. Florianópolis, SC: UFSC, v. 1, p. 222-230. 2001.
- SILVA, José Graziano. **Progresso Técnico e Relações de Trabalho na Agricultura**. São Paulo, SP: HUCITEC, 1981. 210p.
- STEINER, Rudolf. **A arte da educação**. São Paulo, SP: Antroposófica, 1988. 156p.
- TEIXEIRA NETO, Antonio. **Complexo termal de Caldas Novas**. 1ª reimpressão. Goiânia, GO: Ed. UFG, 1986, 98p.
- THEODORO, S. H.; Leonards, O. H. Duarte, L. M. G. Cerrado: o celeiro saqueado. In: DUARTE, L. M. Goulart e THEODORO, S. H. (orgs.). **Dilemas do cerrado: entre o ecologicamente (in)correto e o socialmente (in)justo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. P. 145-176.
- THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO, C. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1987. p. 82-103.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996. 454p.
- TREVIZAN, Salvador dal Pozzo. Ciência, meio ambiente e qualidade de vida: uma proposta de pesquisa para uma universidade comprometida com sua comunidade. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, RJ, v.5, n.1, p.179-186. 2000.

- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo, SP: Ed Difel, 1983. 248p.
- TUAN, Yi-Fu. **Humanistic Geography**. In: Annals of the Association of American Geographers. 66, S, 1976, p 266-276.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo, SP: Ed. Difel, 1980. 288p.
- VALENTINI, Luigino. Husserl: o acesso ao "mundo-da-vida". In: DICHTCHEKENIAN, S.F.B. (org). **Vida e morte: ensaios fenomenológicos**. São Paulo, SP: Editora C.I., 1988. P11-37.
- VALENTINI, Luigino. Intersubjetividade popular: enfoque fenomenológico. In: DICHTCHEKENIAN, S.F.B. (org). **Vida e morte: ensaios fenomenológicos**. São Paulo, SP: Editora C.I., 1988. 113-142.
- VASCONCELLOS, H. S. R. 1997. A pesquisa-ação em projetos de Educação Ambiental. In: Pedrini, A G. (Org.), **Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas**. Petrópolis. Editora Vozes, p. 260-289.
- WAINBERG, Jacques A. **Turismo e comunicação: a indústria da diferença**. São Paulo, SP: Contexto, 2003. 93p.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)